



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA

A ESCRITA E O DESEJO:
AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE
CLODOALDO FREITAS

TERESINA-PI
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA

A ESCRITA E O DESEJO:
AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE
CLODOALDO FREITAS

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.
Orientação: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco.

TERESINA- PI
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C837e Costa, Mara Lígia Fernandes.
A escrita e o desejo [manuscrito] : as relações de gênero na
produção literária de Clodoaldo Freitas / Mara Lígia Fernandes
Costa. – 2010.
162 f.

Impresso por computador (printout).
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-
Graduação em História do Brasil, 2010.
“Orientação: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castello Branco”.

1. História - Piauí. 2. Literatura - Piauí. 3. Gênero e
Identidade - História. I. Título.

CDD 981.22

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA

**A ESCRITA E O DESEJO:
AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE
CLODOALDO FREITAS**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação avaliada pela banca examinadora em 14 junho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco
Universidade Federal do Piauí
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a: Maria Ângela de Faria Grillo
Universidade Federal Rural de Pernambuco
(Examinadora)

Prof. Dr Denilson Botelho de Deus
Universidade Federal do Piauí
(Examinador)

Prof.^a Dr.^a: Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz
Universidade Federal do Piauí
(Suplente)

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de direcionar os meus primeiros agradecimentos à minha família, por oferecer não apenas o apoio e o incentivo necessários a essa nova conquista, mas também por compreender minhas ausências sempre tão frequentes. Aos meus pais, Manoel Fernandes e Mercês Costa, e ao meu irmão Marcos Aurélio deixo aqui a minha sincera gratidão.

Agradeço igualmente ao meu orientador Pedro Vilarinho Castelo Branco, mestre a quem devo grande respeito, por colaborar com orientações cercadas de carinhos e cobranças aplicadas sempre que necessárias. Agradeço a atenção dispensada nesses anos de trabalho, iniciados ainda na graduação e expresso o meu desejo de que nossa parceria possa prosseguir de outras maneiras.

Agradeço à professora Teresinha Queiroz, maior responsável pelo meu encontro com a escrita de Clodoaldo Freitas, que culminou com essa dissertação. Obrigada por me permitir o acesso ao seu rico acervo e biblioteca, por colaborações cotidianas ao texto e por sua valiosa amizade.

Agradeço o apoio recebido do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, através da secretária D. Eliete, e da Márcia, estagiária da coordenação. Obrigada aos professores do programa que contribuíram para a elaboração desta dissertação e que ofereceram seu prestimoso apoio. Ao Prof. Dr. Alcides Nascimento pela atenção dedicada, ao Prof. Dr. Edwar Castelo Branco, ao Prof. Dr. Pedro Vilarinho, ao Prof. Dr. Antônio de Pádua pelas disciplinas ministradas e ao Prof. Dr. Denilson Botelho e à Prof^{ra}. Dr^a. Teresinha Queiroz pelas ricas colaborações oferecidas durante o exame de qualificação.

Também agradeço à Prof.^a Dr.^a Socorro Magalhães, responsável pela revisão ortográfica desta dissertação e à Prof.^a Marília Queiroz pela tradução do meu resumo para a língua estrangeira. Sou muitíssimo grata pela gentileza, atenção e agilidade dedicadas ao meu trabalho.

Nesses dois anos de mestrado tive a felicidade de fazer novos amigos e de reforçar antigos laços de amizade. Meus agradecimentos especiais aos companheiros da 5^a turma de mestrado em História da UFPI: Gustavo Vilhena, Lindalva Santos, Reginaldo Chaves, Eliane Rodrigues, Jarbas Avelino, Cícero Nogueira, João Gouveia, Gislane Tôrres e Sônia Carvalho. Obrigada pelas experiências trocadas, pelos seminários riquíssimos, pelas conversas interessantes e pelos momentos de descontração – para não dizer hilariantes – dentro e fora de sala de aula.

A todos os amigos que estiveram de alguma maneira juntos na torcida pela elaboração desta dissertação: Nercinda Pessoa, Aryadna Ximenes, Elizabeth Cardoso, Geisiane Dias, Aristides Oliveira, Jaislan Honório, Thiago Oliveira, Irlene Pereira, Camila Souza, Nerlane Luz, Mairton Celestino, Marylu Oliveira, Nilzângela Cardoso, Aelson Dias, Elson Rabelo, Olívia Candeia e a Prof.^a Dr.^a: Elizangela Cardoso.

Para as minhas inseparáveis amigas Lêda Rodrigues, Regianny Monte, Iêda Silva e Iara Moura, encerro com um agradecimento especial. Com vocês aprendi que o companheirismo, a dedicação, o afeto e a sinceridade não são apenas palavras, também são sinônimos de amizade. Obrigada, por me deixarem fazer parte de suas histórias e por invadirem a minha vida com tantas alegrias.

RESUMO

Este estudo busca compreender as relações de gêneros no início do século XX, tendo em vista este ter sido um momento de redefinição dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos. Além das preocupações em tentar delinear modelos de masculinidade e de feminilidade ideais, observamos que os primeiros anos daquele século foram marcados pela consolidação de transformações culturais que já vinham ocorrendo em décadas anteriores. Durante o surgimento da cultura burguesa, enunciada como civilizada e apropriada por uma sociedade brasileira em formação, a escrita de intelectuais, como o piauiense Clodoaldo Freitas (1855-1924), é marcada pelo esforço de prescrever condutas, desejos e sentimentos que poderiam ser privilegiados, em detrimento daqueles que eram considerados inadequados, para o momento em questão. Nesse sentido, o conjunto literário de Clodoaldo Freitas, composto sobretudo, por romances de folhetins, crônicas e artigos de crítica, publicados nos principais veículos noticiosos das cidades de Teresina (PI) e São Luís (MA), se configura como uma oportunidade, para entender os discursos acerca dos papéis assumidos por homens e mulheres dentro da família, do casamento, do amor, dos ressentimentos e da vida íntima.

Palavras-Chave: História. Literatura. Gênero. Família. Casamento.

ABSTRACT

This study aims to figure out gender relations in early twentieth century, once it was a moment of redefinition of social roles assumed by individuals. In addition to concerns in trying to devise ideal models of masculinity and femininity, we observed that the first years of the century were marked by the consolidation of cultural changes that had already began to occur in previous decades. During the rise of bourgeois culture, pronounced as civilized and proper by a developing Brazilian society, the writing of intellectuals, like Clodoaldo Freitas (1855-1924) from Piauí, is marked by the effort to prescribe behavior, desires and feelings that might be privileged to the detriment of those who were considered unsuitable for that time. In this sense, the whole literary work produced by Clodoaldo Freitas, comprised mainly of serials novels, essays and critical articles published in major news outlets in the cities of Teresina (PI) and São Luís (MA) is configured as an opportunity to understand discourses about the roles assumed by men and women within the family, marriage, love, resentments and intimate life.

Keywords: History. Literature. Gender. Family. Marriage.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 INDIVÍDUOS DESEJADOS: DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO	25
2.1 Disputas em cena: tradicional x moderno	27
2.2 Homens e cultura letrada: discursos sobre a masculinidade	32
2.3 Entre anjos e viragos: discursos sobre a feminilidade	49
3 PEDAGOGIA DOS SENTIMENTOS: IMAGENS DO CASAMENTO E DO AMOR	76
3.1 Os arranjos matrimoniais.....	77
3.2 Amar é quase um dever	92
3.3 “O lar transformado em inferno”	102
4 A PRIVACIDADE DESEJADA.....	119
4.1 Dentro do lar e fora das vistas: o surgimento da noção de intimidade	120
4.2 O lar moderno: os ambientes e seus significados	131
4.3 Confissão religiosa: a intimidade ameaçada?.....	139
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	151

1 INTRODUÇÃO

Eu não gosto de mostrar minhas lágrimas aos outros. Doces ou amargas entrego-as, à noite, ao meu travesseiro silencioso. Gosto, porém, imenso, de exhibir isto que chamo minhas ideias. Seja por ostentação de uma vaidade literária inofensiva, seja por essa necessidade psicológica de que falava Juvenal, que obriga o homem dado às letras a escrever, o certo é que faço o que posso para ter, ao menos uma vez por ano, uma ideia para traduzi-la, aplicando-a a um fato da vida real, que a justifique. Muita gente supõe tarefa insignificante a exibição dessas ideias corriqueiras. Para mim o caso é sério como um sermão quaresmal. A existência de uma cabeça cheia de miolos, coberta de cabelos, não prova a existência de ideias. [...]¹

O trecho selecionado acima se refere à introdução do conto *O jogador*, no qual Clodoaldo Freitas² inicia o texto ficcional esboçando para o seu leitor as razões que o levaram a usar a pena. A escrita, julgava ele, era um hábito que integrava naturalmente a rotina de um “homem dado às letras”, no qual o prazer se confundia com o dever de produzir uma forma de pensamento que ambicionava ser lida e, por que não, ser seguida pelo corpo social em que se inseria? Os anos que correspondem à virada do século XIX para o século XX, apresentam um cenário cultural no qual, grupos de intelectuais dedicavam-se a uma forma de literatura engajada que se propunha transformadora das ideias e dos costumes, na tentativa de gerar um reordenamento social, por meio do discurso. Não por acaso, o espaço no qual se praticava essa forma de escrita acabou se tornando um lugar privilegiado socialmente. Clodoaldo Freitas foi um dos homens dessa geração que abraçou a produção literária como algo integrado à sua vida, desdobrando-se, assim, entre carreira profissional e atuações frequentes no mundo das letras, escrevendo seu nome no rol da fama literária, ao produzir um conjunto numeroso e respeitado de obras. E foi justamente essa paixão pela prática da escrita, compreendida como uma forma de se comunicar, orientar e até mesmo de transformar a realidade social, que originou o interesse deste estudo.

¹ Conto *O jogador* de Clodoaldo Freitas publicado no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre os dias 12 e 18 de janeiro do ano de 1923. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *O jogador*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 149.

² Clodoaldo Severo Conrado de Freitas (1855-1924) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife e teve uma intensa vida profissional destacando-se como jurista, político, jornalista e literato. Ver: CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924; CHAVES, Joaquim. (Mons.) Clodoaldo Severo Conrado de Freitas. In: CHAVES, Joaquim. (Mons.) *Obra completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 552-555.

As representações acerca da família e das relações de gênero sempre tiveram um lugar demarcado em nossa trajetória acadêmica,³ conduzindo-nos para áreas temáticas próximas que culminaram na construção da pesquisa que será apresentada nas páginas seguintes. Se anteriormente, o interesse de estudo repousava sobre as práticas discursivas da imprensa na cidade de Teresina acerca das mulheres pobres, no que diz respeito a sua função na família e a sua sexualidade, após inúmeras interrogações, ampliamos as nossas reflexões sobre as representações de gênero, a partir da produção literária que estava sendo delineada. Deste modo, a viabilização de um estudo que se desdobrou em uma articulação entre História, Gênero e Literatura se tornou possível a partir do momento em que começamos a ter um intenso envolvimento com a produção discursiva de um dos personagens mais singulares do circuito literário das regiões correspondentes aos estados do Piauí, Maranhão e Pará dos primeiros anos do século XX, ou seja com a escrita de Clodoaldo Freitas.

O século XIX se extinguiu deixando como herança aos anos subseqüentes a continuação de uma proposta de transformação que seguia parâmetros ditos modernos. A emergência da família burguesa, de novos papéis de gênero, do amor romântico, de valores civilizados e da noção de intimidade formou um conjunto de elementos que ajudaram a entender como o período em questão é rico de desejos. Desejos de se distanciar de um contexto tradicional de costumes ditos atrasados, de mergulhar literalmente na nova onda do amor romântico, de legitimar uma nova masculinidade diante de um modelo de mulher moderna vista como voluntariosa, de constituir um lar harmonioso e de uma prole saudável. Foi nos escritos das décadas iniciais do século XX que encontramos a possibilidade de compreender esse desejo, ambições definidas por este estudo como discursos, muitas vezes tão desmesuradas por mudanças. Nesse sentido, a escrita de intelectuais é privilegiada como questão principal à medida que permite perceber as expressões de determinados indivíduos quanto à realidade que os cercava. Clodoaldo Freitas foi um dos literatos que registraram em suas produções algumas faces desse momento, em que não apenas as transformações se constituíam como ideais para a vida familiar e social, mas algumas permanências também resistiam, tomando o painel analisado ainda mais complexo.

³ No trabalho de conclusão de curso de graduação em História, apresentamos um estudo sobre a constituição de estratégias de disciplinarização para as mulheres pobres teresinenses a partir das tensões existentes entre os discursos da imprensa e da polícia além de tentar analisar as possibilidades de consumo que as mulheres populares faziam dessas prescrições moralizadoras elaboradas pelos grupos intelectuais do início do século XX. Ver: COSTA, Mara Lúcia Fernandes. *Devires e desvios: discursos, práticas ilícitas e relações de amor das mulheres populares em Teresina. (1900-1920)*. 2007. 107 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2007.

Este estudo tem como principal objetivo compreender as relações de gêneros no início do século XX, tendo em vista que este constituiu um momento de redefinição dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos. Além das preocupações em tentar delinear perfis masculinos e femininos ideais, observamos que os primeiros anos daquele século foram marcados pela consolidação de transformações que já ocorriam em décadas anteriores. A chamada classe burguesa se esforçava em tentar prescrever condutas, desejos e sentimentos que deveriam ser privilegiados em detrimento daqueles que eram considerados inadequados para o momento em questão. Nesse sentido, a obra literária de Clodoaldo Freitas se configura como uma oportunidade para alcançar a análise proposta. Destacamos alguns problemas que nos propomos a responder no decorrer do trabalho: a partir das obras analisadas, quais eram os modelos de masculinidade e de feminilidade delineados pelo autor? Os referidos modelos de gêneros eram também evidenciados no contexto social do período? De que maneira as relações familiares eram escrituradas nos romances? Quais eram os modelos desejáveis de relações amorosas concebidas pela literatura da época? Como a noção de privacidade foi construída na obra ficcional em questão?

Como uma forma de responder às questões propostas, este estudo recorre à obra literária de Clodoaldo Freitas, para entender o período em análise. O amor, a família e a intimidade foram alguns dos principais temas abordados pelo literato piauiense que apresentava um modelo de escrita que almejava prescrever condutas, comportamentos e valores para a sociedade na qual estava inserido. Sendo que a referida época na qual foram divulgados os folhetins foi um momento permeado por rupturas e permanências dos valores afetivos, morais e sociais. E é nesta multiplicidade discursiva que se encontra o cenário no qual esta pesquisa se situa, tentando compreender como a prática escriturística da época⁴ se configurava como expressões do desejo. Desejo de reinventar os papéis de gênero, de consolidar o amor como sentimento a ser privilegiado dentro do casamento e de instituir o silêncio sobre a intimidade dos indivíduos.

Antes de fazer uma apresentação mais detalhada do estudo, é necessário enumerar algumas considerações. A obra literária de Clodoaldo Freitas circulou entre as últimas décadas do século XIX e o ano de sua morte (1924), através de folhetins em jornais e periódicos das cidades onde o literato trabalhou, sobretudo em Teresina, São Luís e Belém. Sendo que os seus romances, novelas e contos, bem como suas outras produções, a saber: poesias, artigos, crônicas e traduções, não chegaram, quase que na sua totalidade a se

⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

transformarem em livros no período em que foram escritas. Na obra *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo,⁵ Teresinha Queiroz conseguiu enumerar mais de 800 matérias assinadas ou com pseudônimos utilizados por Clodoaldo, como por exemplo de W. Einhardt, Stélio, Mário e Carlos da Maia.⁶ Contudo, o fato de a forma de publicação do seu conjunto literário ter sido realizada quase que totalmente através da imprensa e não sob a forma de livros não está necessariamente relacionado a questões financeiras. Na verdade, o elo criado entre literatura e imprensa possui uma longa história baseada na troca de interesses e vantagens entre as duas partes. Desde a sua origem – a partir de seu desenvolvimento tecnológico, que permitiu mais qualidade e maior quantidade no número de tiragens – o jornal, sobretudo na França, no decorrer da década de 1830, recorria a colaborações literárias, para promover o interesse dos seus leitores e conseqüentemente, aumentar o número de assinaturas, sendo que, por sua vez, os intelectuais chegavam a ser remunerados para manterem diariamente nas páginas dos jornais uma parte dedicada ao que se chamava de *feuilleton-roman*.⁷

No Brasil o processo de veiculação da literatura através de periódicos não foi diferente, com o acolhimento de literatos que conquistaram a fama, graças à publicação de seus respectivos produtos literários e com a inserção desses homens de letras nas redações de jornais, estratégia essa que muitas vezes salvava alguns intelectuais da miséria e do anonimato, quando a carreira das letras não era bem-sucedida. Entretanto com o avançar dos anos e as mudanças sofridas pela constituição do próprio jornal, a fim de atender as exigências de mercado, a forma como a relação imprensa/literatura acontecia se altera, levando a uma redução considerável do espaço dedicado à produção dos homens de letras a partir da década de 1920.⁸

De fato, a relação entre indivíduos e prática da escrita foi extremamente intensa. Mas este não era um caso isolado, pelo contrário, uma das marcas das alterações advindas dos valores do mundo moderno durante os primeiros anos do século XX está na valorização da cultura letrada, na forma como a escrita conquistou um espaço legitimado para determinados grupos da sociedade. Escrever transformou-se em sinal de distinção social e, segundo esse discurso, o indivíduo quando inserido no mundo das letras seria possuidor de uma erudição a ser demonstrada na esfera social, principalmente, para a apreciação de seus pares. Não

⁵ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPA, 1998.

⁶ QUEIROZ, 1998, p. 150.

⁷ MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 30.

⁸ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil*: 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

obstante, a crescente atenção dada por homens – e também em menor medida por mulheres – integrantes dessa nova geração, que buscava cada vez mais atribuir valor à cultura escrita, resultava na fundação de grêmios estudantis e associações literárias interessadas em disseminar o gosto pelas grandes produções literárias e seus respectivos autores e ainda de abrir espaço para os novatos que se apresentavam ao mundo das letras. Antes de ser pensada apenas como uma forma de obtenção de recursos financeiros, a atuação na prática literária era imaginada de uma maneira em que a possibilidade de promoção social transcendia o momento vivido por eles. A intenção daqueles literatos era que suas obras fossem compreendidas ao ponto de serem promotoras de novas ideias que ajustassem e contribuíssem para a construção de uma sociedade adaptada à noção de progresso e civilidade, assim inscreveriam seu nome para a posteridade. Mais do que apenas o ato de escrever, esses homens de letras compreendiam a sua função social como transformadora, uma verdadeira “missão social”.⁹

O encontro com o aporte literário disponível de Clodoaldo Freitas ocorreu principalmente através dos jornais que circularam no período, entre os quais havia aqueles que publicavam diariamente, em folhetins, algumas das produções do autor. Os jornais originais se encontram, em parte, no Arquivo Público do Piauí e micro-filmados no acervo do Núcleo de Pesquisa e Memória da Universidade Federal do Piauí, entretanto, a maioria do material consultado para a elaboração deste estudo pode ser encontrado transcrito em acervo particular¹⁰ e em alguns casos, o acesso foi feito através das obras de Clodoaldo Freitas que foram recentemente revisadas e publicadas em livros.¹¹ Em face da extensão do conjunto de obras literárias, neste estudo, estabelecemos inicialmente como limite para análise somente as obras referentes a romances de costumes e algumas crônicas reunidas na obra *Em roda dos fatos*.¹² Ao todo são 12 romances folhetinescos escritos por Clodoaldo Freitas a serem utilizados nesta pesquisa. São eles os romances-folhetins *Memórias de um velho* (1905-1906), *Um segredo de família* (1907), *Coisas da Vida* (1908-1909), *O divórcio* (1907), *Por um*

⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁰ Faz-se referência ao Acervo Particular da Prof.^a Teresinha Queiroz.

¹¹ Anteriormente houve um interesse do poder público, através de iniciativa da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, em resgatar a obra de Clodoaldo Freitas com a republicação de *Histórias de Teresina* (1988), *Em roda dos fatos* (1996) e *Vultos Piauienses: apontamentos biográficos* (1998). Recentemente parte do conjunto ficcional e literário de Clodoaldo Freitas que se encontrava originalmente em folhetins de periódicos onde Freitas trabalhou como redator ou apenas como colaborador foi convertido para a forma de livro – *Memórias de um velho* (2008), *Coisas da vida* (2009), *Por um sorriso* (2009), *Os Bandoleiros* (2009), *O Bequimão* (2009), *Um segredo de família e outros contos* (2009) e *Os Burgos e outros contos* (2010) –, graças a um trabalho de recuperação e revisão dos folhetins escritos pelo literato piauiense. Ver: VIEIRA, Elizabeth Cardoso Rodrigues. *Escrita e Sociedade: os homens de letras e suas múltiplas produções*. 43 f. 2010. Relatório (Programa de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC). – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

¹² FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Tipografia Paz, 1911.

sorriso (1921), *A iniciação* (1909), *Os Burgos* (1912), *Os Barretos* (1912), *Os primos* (1917) e os contos *Mãe dolorosa* (1921), *Queda de um anjo* (1921) e *O jogador* (1923).

Embora tenha obtido sucesso profissional sendo reconhecido como um dos intelectuais mais respeitados do Piauí e de regiões vizinhas da sua época, Clodoaldo Freitas não conseguiu, em vida, a sua extensa obra publicada. Faltavam meios financeiros para isso e ainda havia como impedimento o analfabetismo, um fenômeno que afetava não apenas o contexto local, mas atingia, para desespero dos grupos intelectuais do período, números alarmantes na virada do século XIX para o século XX.¹³ Como já explicitamos anteriormente, nesse aspecto a atuação na imprensa é uma das formas de fazer circular a produção literária, publicando principalmente em jornais e revistas obras ficcionais que os autores não conseguiam por diversos motivos, apresentar ao público na forma de livro. Antes, porém, de ser uma estratégia ligada apenas a questões econômicas, os chamados romances-folhetins já eram usados com bastante evidência, desde que a imprensa passou a se desenvolver tecnicamente, com produção em grande escala. Para Marlise Meyer, no estudo *Folhetim: uma história*,¹⁴ a grande popularidade do romance de folhetim surgiu inicialmente na Europa durante a década de 1830, uma estratégia dos jornais do período para aumentar o número de exemplares vendidos. Em contrapartida, a imprensa ajudava a consolidar o nome de romancistas franceses no cenário mundial – tais como Eugène Sue, Alexandre Dumas, Souliè, Paul Fèval, Poson Du Terrail, Montépin, dentre outros¹⁵ – visto que o folhetim poderia representar uma das principais oportunidades, para tornar o romance conhecido dos leitores e, assim, conseguir a sua publicação na forma de livro.

Assim como nos demais países latino-americanos, o modelo francês foi importado para ser aplicado à situação literária brasileira, obtendo semelhante sucesso, já que até mesmo grandes romancistas brasileiros do período, como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis tiveram a sua produção ficcional publicada primeiramente nas páginas dos jornais da época antes e depois de conquistarem a fama.¹⁶ A leitura era um fenômeno em expansão no Brasil e é justamente esse um dos fatores que colaboram para o êxito da fórmula do romance folhetinesco brasileiro. Apesar do número quase que

¹³ A estimativa era que 70% da população brasileira era analfabeta, um problema que atravessou o período imperial e que o regime republicano não conseguiu contornar. Ver: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998. p. 64.

¹⁴ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁵ MEYER, 1996, p. 59.

¹⁶ Segundo Brito Broca o *Jornal do Comércio* da cidade do Rio de Janeiro era um dos grandes veículos de imprensa que remuneravam os literatos, na qual intelectuais de sucesso conseguiam receber de 30\$00 a 60\$00 mil-réis por colaboração. Ver: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005. p. 285.

inexpressivo de leitores, o desenvolvimento do sistema educacional – mesmo que a passos lentos – permitiu que mais pessoas tivessem acesso à leitura através da abertura de escolas públicas e particulares, ocasionando também o aumento da instrução feminina, público alvo de boa parte das produções literárias. O resultado foi a predominância, por várias décadas, dos folhetins diários ou semanais dentro da rotina do lar burguês, tornando os seus autores e suas obras célebres não apenas nos círculos intelectuais, mas também na opinião pública letrada, pois, segundo Marlise Meyer, “[...] se hoje só se conservam alguns nomes e títulos, foram numerosíssimos os produtores e os produtos folhetinescos, dimensionados pelo próprio apetite voraz dos consumidores.”¹⁷

Recorremos então nessa pesquisa a fontes literárias para alcançar a meta proposta, por entendermos que as citadas obras se constituem como indicadores de possíveis que não foram concretizados¹⁸ e de desejos ocultos dos indivíduos, que as fontes tradicionais não conseguem exprimir para os historiadores. Dessa maneira, os romances de Clodoaldo Freitas flagram uma escrita que expressa os sonhos, os desejos íntimos, as angústias e as frustrações amorosas capturadas no ambiente social ao qual o autor pertencia.

Contudo, é preciso realçar alguns pontos em comum acerca da produção ficcional analisada. Todas as obras circularam pela primeira vez sob a forma de folhetins, entre os anos de 1905 e 1917, através de colaborações de Clodoaldo Freitas em jornais que circulavam no período. No *Pátria* de Teresina temos *Memórias de um velho* (1905-1906), uma das suas primeiras produções ficcionais a ser veiculadas. Estabelecido na cidade de São Luís, Freitas publica *O divórcio* (1907) no jornal *Pacotilha* e ainda os romances *Um segredo de família* (1907), *Coisas da vida* (1908-1909) e *A iniciação* (1909), veiculados no órgão noticioso *Diário do Maranhão*, enquanto o autor se alternava exercendo temporariamente cargos públicos entre os estados do Pará e do Maranhão, por força de desentendimentos políticos. De volta a Teresina, Clodoaldo publica os contos *Os Burgos* (1912) e *Os Barretos* (1912) pela revista *Litericultura*, da qual foi um dos idealizadores e responsáveis, e após assumir a nomeação de desembargador,¹⁹ o autor lança ainda os romances *Os primos* (1917) através do *Jornal de Notícias* e na sequência, já no fim da vida, pelo jornal *Correio do Piauí* publica as obras *Por um sorriso* (1921), *Queda de um anjo* (1921), *Mãe dolorosa* (1921) e *O jogador* (1923). Os deslocamentos de Clodoaldo Freitas entre seu lugar de origem e outros estados não

¹⁷ MEYER, 1996, p. 32.

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 20.

¹⁹ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

era uma prática exclusiva do literato, pois era comum, entre os homens de letras, o envolvimento com a vida política, o que lhes propiciava ocupar funções públicas disponíveis em outras cidades brasileiras, quando as conjunções eram favoráveis. Somado a esse fato, além da atuação política ser algo praticamente presente durante todo o seu histórico de vida, a sua faceta como homem de imprensa também pesou para a sua participação na criação e na existência de jornais e revistas do período.

As obras de Freitas trazem registros de um período referente às últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX, reservando aos seus leitores a abordagem de temas vinculados principalmente à vida familiar. Nessas narrativas, poucos são os momentos em que os personagens atuam em espaços públicos. Na maioria das situações, o desenrolar dos acontecimentos se concentra no interior dos lares – as salas de visitas, os quartos – ou em áreas externas ligadas a casa – como as varandas, os pátios, os jardins e os quintais. Essa ligação com o mundo da intimidade é uma peculiaridade da família burguesa expressa na produção literária do período, na qual o indivíduo conquista um espaço cada vez mais privilegiado, com relação ao interesse coletivo.²⁰ Nesse sentido, os romances analisados tendem a explorar não apenas a individualidade em si, mas também a domesticidade das relações sociais, realçando que as sociabilidades se realizavam a partir de valores compreendidos como modernos.

Não foram apenas as obras ficcionais que fizeram parte do nosso acervo documental, juntamente com elas, foram analisados textos não-ficcionais de Clodoaldo Freitas e também de outros autores, o que permitiu compreender as relações de gênero e os modelos familiares que estavam em voga, por isso inserimos à nossa análise a obra *Fitas* de Elias Martins, uma crítica à emergência dos novos valores modernos.²¹ O material analisado encontra-se também em periódicos referentes às primeiras décadas do século XX, como os jornais *Pátria*, *Correio do Piauí*, *Correio de Teresina*, *Diário do Piauí*, *Piauí*, *Borboleta*, *Andorinha*, e as revistas *Litericultura* e *Revista da Academia Piauiense de Letras*. A consulta a esses periódicos justificou-se por estes sugerirem uma possibilidade de discussão acerca das relações familiares e dos papéis de gênero. Entretanto, não temos a pretensão de entender os referidos textos jornalísticos como a expressão mais fiel da realidade, pois eles são também percebidos como discursos que propõem um determinado saber acerca da realidade circundante, no caso especificado deste estudo, abordam como as identidades masculinas e femininas deveriam ser entendidas e de que maneira as relações conjugais deveriam ser vivenciadas. Desse modo, os

²⁰ D'INCAO, Maria Ângela. *Sentimentos modernos e família*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 87.

²¹ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

discursos veiculados nos periódicos buscavam atribuir uma racionalidade ao corpo social para qual se direcionavam. É exatamente a construção dessa forma de saber-poder um dos objetos de estudo que interessam de perto ao nosso trabalho.

Michel de Certeau trata dessa compreensão das particularidades do processo de produção textual, entendendo-o como uma operação capaz de exercer um poder específico sobre o espaço que o constitui. As obras literárias são frutos de investimentos da produção social de um dado momento histórico. Nesse sentido, compreendemos a escrita como uma forma de produção que possibilita ao indivíduo o poder de fabricar, de criar objetos que irão atuar sobre o espaço social em que ele se situa. Dessa forma, o principal objetivo da escrita, percebida como uma prática escriturística que busca produzir um sentido ao meio social, para o qual se direciona, seria o de legitimar o lugar de sujeito dos literatos, através do ato de escrever.²²

As contribuições de Certeau são primordiais para o desenvolvimento deste trabalho na medida em que nos permite compreender um caráter ordenador dos escritos dos literatos piauienses nos primeiros anos do século XX. Contudo, a escrita de Clodoaldo Freitas objeto de nossa análise da qual vamos tratar, não se limita a apenas emitir um saber acerca das formas de masculinidade e feminilidade, pois a leitura é também capaz de potencializar a inventividade do seu leitor, posto que o processo de formação dos sujeitos não ocorre a partir de um consumo passivo dos discursos apresentados, mas se apresentam de uma maneira mais complexa, haja vista que os indivíduos, após receberem o produto da prática escriturística também o transformam, para que ele possa ser usado no meio em que vivem.²³

Quanto ao conceito gênero que norteia este estudo, cabe lembrar que este termo foi criado como uma alternativa teórica, a partir de um momento de crise dos movimentos feministas dos Estados Unidos e de alguns países europeus. Estes até meados da década de 1980 produziram estudos no âmbito das Ciências Sociais que privilegiaram a mulher como objeto de pesquisa. No entanto, o movimento feminista que se firmava em lutas ideológicas e políticas em prol da igualdade de direitos entre os sexos, passou por reformulações à medida que aceitava a noção de que existiria uma “diferença dentro da diferença”.²⁴ Nesse sentido, para Joan Scott, as pesquisas que cada vez mais se familiarizavam com o termo gênero estavam configuradas a partir de um arsenal teórico oferecido pelo pós-estruturalismo, o qual buscava dar ênfase ao processo de construção dos indivíduos, agora “a masculinidade e a

²² CERTEAU, 2005.

²³ CERTEAU, 2005, p. 226.

²⁴ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 277.

feminilidade são encaradas como posições de sujeito, não necessariamente restritas a machos ou fêmeas biológicos”.²⁵ Sendo assim, foi possível identificar em um só indivíduo a emergência de várias identidades que indicariam o seu pertencimento a diferentes grupos sociais. O gênero consolidou-se como um conceito que auxilia os historiadores a compreender a dimensão relacional entre os sexos e ainda busca desconstruir a concepção natural e imutável que aparentemente definiria o *homem* e a *mulher*.²⁶

Muito embora o gênero contribua para a compreensão de alguns elementos como formadores de definições que irão instituir o que seria masculino e feminino em um dado momento histórico, Guacira Lopes Louro alerta que seria inadequado pensar o gênero apenas como um conceito que se refere “à construção de papéis masculinos e femininos”,²⁷ posto que, reduziria a uma análise que se centralizaria nos indivíduos e nas relações interpessoais. “Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito [...] pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo *parte* do sujeito, constituindo-o.”²⁸ Acrescentar-se-ia, então, o gênero como uma noção pertencente à identidade dos sujeitos.

Desse modo, compreende-se que cada personagem escriturado por Clodoaldo Freitas traz em si uma configuração própria que o relaciona com o lugar e com o tempo no qual se insere. Como exemplo, observemos a personagem Santinha, o primeiro amor de Milo, protagonista do romance *Memórias de um velho*. Aquela concentra características que representavam a imagem de um modelo feminino socialmente legitimado: jovem, romântica, rica e com boa formação moral. Surge, então, mais um modelo de feminilidade que agrega os valores morais e sociais que se projetavam para uma mulher que estivesse em semelhante condição social. Em outros termos, a compreensão dos sujeitos pode ser alcançada com o auxílio do conceito gênero, para se apreender não somente o desdobramento dos papéis sociais e familiares, como também para refletir sobre as possíveis particularidades que fazem parte dos sujeitos e que trazem à tona a alteridade das suas formas de se representar no meio social.

²⁵ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 89.

²⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de; SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997. p. 107.

²⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 23-24.

²⁸ LOURO, 2003, p. 25.

Em *História e masculinidades*: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX, Pedro Vilarinho Castelo Branco²⁹ analisa como a produção discursiva de um grupo de intelectuais piauienses exercia prescrições de novos padrões de comportamento social e de valores morais a serem assumidos, principalmente, pelas identidades masculinas que estavam sendo redefinidas entre o final do século XIX e o início do século XX, um período marcado pela consolidação de novas sociabilidades burguesas e pela legitimação da cultura escrita. Nesse sentido, destacam-se alguns elementos como o surgimento do homem moderno, evidenciado, nas obras de Abdias Neves, Higino Cunha e Clodoaldo Freitas. Em contraposição aos discursos modernos, era possível ainda observar práticas que definiam as permanências de um modelo de masculinidade tradicional, com homens que não se adequavam ao mundo das letras – deslocados da ideia de civilidade, envolvidos pela vivência de práticas moralmente condenáveis, tais como a bebida, o jogo e os prostíbulos.

Naqueles literatos, a masculinidade estava cerceada por novos valores estruturados principalmente na cultura escrita, cujo modelo de gênero projetaria um homem fundamentado na moralidade familiar burguesa, no envolvimento com o mundo do trabalho e da política, e ainda o diferencial de estar, ao mesmo tempo, ligado afetivamente ao mundo doméstico. Além de exercer o papel de homem público – que se destacava pela alta formação intelectual, dando início à emergência social dos bacharéis – a masculinidade teria ainda mais um aspecto a contemplar: as relações afetivas. Demonstrar os sentimentos não seria mais sinônimo de fraqueza, mas de plenitude de seu papel de homem moderno: mais íntimo da vivência no lar e marcadamente sensível pelo consumo do amor romântico e do amor paternal.

A virada do século XIX para o século XX foi um período marcado pela emergência de novos valores que ajudaram a transformar as relações sociais e a vivência no ambiente privado, sendo possível identificar a construção de novas formas de entender as masculinidades e as feminilidades, como também outras formas de entender a sexualidade. Ao realizar uma abordagem acerca dos aspectos subjetivos da história, tomamos como referências pesquisas apresentadas por Peter Gay,³⁰ Michelle Perrot³¹ e Richard Sennett³² para

²⁹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades*: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

³⁰ GAY, Peter. *A educação dos sentidos*: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. v.1; GAY, Peter. *O cultivo do ódio*: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v.3; GAY, Peter. *O século de Schnitzler*: a formação da cultura da classe média. 1815-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³¹ PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4.

iluminar a nossa trajetória de estudo. Suas obras nos permitem entender a formação da classe burguesa, especialmente nos aspectos relacionados aos sentimentos.

Quanto ao espaço no qual este estudo se insere, tentamos privilegiar uma abordagem da cidade de Teresina, no entanto, como vimos anteriormente, a vida e a obra literária de Clodoaldo Freitas se caracterizam por sua ausência de fixidez em um único território. As narrativas transitam por diferentes cidades, desde grande capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo, a localidades do interior brasileiro, situadas entre os estados do Maranhão e de Pernambuco. Esse deslocamento entre os espaços onde se encontram as narrativas podem ser explicadas pelas inúmeras mudanças de cidade, motivadas por trabalho que o autor empreendia e também por sua peculiar erudição, pois segundo Higino Cunha, Clodoaldo sempre foi um homem dedicado a leituras diversas e chegava a passar até 18 horas, debruçado sobre os livros em sua época de estudante.³³ Portanto, esse estudo se caracteriza por contemplar como campo de pesquisa as localidades tratadas em seu contexto ficcional, representando possibilidades de visualizar outras conjunturas e perceber que a produção discursiva acerca das relações de gêneros na sociedade está inserida em um universo mais amplo, não se configurando como um caso isolado.

Diante das considerações feitas acerca deste estudo, optamos por dividi-lo o mesmo em três capítulos cujas temáticas estão relacionadas entre si, para responder o principal problema. Em *Indivíduos desejados: discursos sobre as relações de gênero*, a intenção é problematizar os perfis de gêneros enunciados e desejados naquele momento. O início do século XX foi atravessado por discussões referentes à reconfiguração dos papéis de gêneros. Os perfis masculinos tradicionais ligados ao patriarcalismo foram continuamente desvalorizados, levando os homens do período a serem convidados a assumir nova postura diante de um novo grupo social que desejava se voltar cada vez mais para o mundo da cultura escrita. Clodoaldo Freitas era um dos chamados homens de letras que propuseram novas formas de pensar não apenas os valores morais e sociais, como também as identidades de gêneros e as relações afetivas. Deste modo, a análise do seu conjunto literário como também da sua própria trajetória de vida se faz necessária para a compreensão da relação construída entre homens e cultura letrada. Por sua vez, as mulheres também foram alvo de uma discussão acerca de seu papel na sociedade, o que constituirá o segundo momento deste capítulo. Para além dos perfis femininos ligados à maternidade e ao casamento, o debate gira em torno também dos

³² SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³³ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

chamados contramodelos: como a virago e a prostituída. As crônicas reunidas na obra *Em roda dos fatos*,³⁴ os romances de Clodoaldo Freitas, bem como matérias veiculadas na imprensa de outros cronistas serão as nossas principais fontes para a compreensão de alguns dos perfis de gênero mais problematizados no período.

No capítulo *Pedagogia dos sentimentos: imagens do casamento e do amor*, tratamos do casamento e da forma como ele fora problematizado discursivamente entre os literatos, seja na sua concepção romantizada, com a valorização cada vez mais intensa do amor, seja da maneira mais polêmica, como no caso do divórcio. Discorrendo sobre o tema família no referido período, o objetivo é compreender que houve um debate envolvendo a valorização do casamento e as ameaças que colocaram em risco a indissolubilidade deste. Nesta perspectiva, dividimos a temática do matrimônio em dois momentos. Primeiro, a forma como foi se constituindo a relação entre amor e casamento – até o momento em que houve uma clara consolidação do amor como uma das principais razões que levavam à união;³⁵ e segundo, os discursos que envolveram a ideia de divórcio. Isso porque, a discussão em torno do divórcio não era algo recente e também constituía motivo de preocupações entre os intelectuais que se dividiam entre opiniões favoráveis e contrárias, incluindo Clodoaldo Freitas que também soube explorar o tema em seu conjunto ficcional, conforme podemos ver em passagens dos romances *Memórias de um Velho* e *Coisas da vida* e ainda nos contos *O divórcio*, *Um segredo de família* e *Os primos*.

E por fim, no capítulo *A privacidade desejada*, nosso objetivo é vislumbrar os discursos acerca da noção de privacidade, julgada por muitos como um produto das classes burguesas, durante o século XIX.³⁶ Na literatura de Clodoaldo Freitas, a privacidade é enunciada e desejada, revelando aspectos próprios do universo social tratado pelo autor: uma sociedade que volta os seus olhares para o âmbito familiar, pois acreditava-se que, naquele momento, este era o ponto de partida para a constituição de uma civilidade que alcançaria toda uma nação.³⁷ Destarte, será interessante destacar como objeto de estudo as evoluções ocorridas na maneira como os indivíduos empreenderam esse processo de internalização da sua própria identidade e, por sua vez, dos seus próprios sentimentos. É possível perceber os registros desse interesse por aquilo que era considerado pertinente à intimidade, abordando as

³⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina, Tipografia Paz, 1911.

³⁵ ARIÈS, Philippe. O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 152-162; MACFARLANE, Alan. Amor e capitalismo. In: MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

³⁶ GAY, 1988. v.1.

³⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

impressões de Clodoaldo Freitas percebidas em seu conjunto ficcional. Para concretizar as metas propostas, o capítulo apresenta-se dividido em três momentos: a definição da noção de privacidade, o espaço do lar como uma experiência da intimidade e o debate gerado entre clericais e livre-pensadores acerca da condenação ao sacramento da confissão da religião católica.

2 INDIVÍDUOS DESEJADOS: DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO

[...] O mundo é para o trabalho, para o amor, para a família. A higiene é uma lei. O homem, ser social, deve viver na sociedade, cooperando para os fins sociais, concorrendo com a sua inteligência e com a sua atividade para o desenvolvimento da riqueza e do bem estar da comunhão. O luxo, os confortos da vida, são outros tantos germes da felicidade individual e coletiva. O trabalho, em lugar de uma pena, é uma bênção. Só os mortos são inertes. A pobreza não é uma vergonha, mas um mal. A preguiça é um crime.³⁸

[...] A verdade é que a mulher já não sabe atrair o marido para o lar. O casamento é uma cadeia de sacrifícios repugnantes. A mulher, nossa rival na faina da vida diária, se acotovelando conosco, coberta de suor e de poeira, como uma competidora na conquista de todas as posições, perdeu a poesia do amor misterioso que fazia o encanto de seu sexo.³⁹

O início do século XX é marcado por um conjunto mais amplo de transformações socioculturais que interferiram nas formas de concepção dos perfis masculinos e femininos. Elementos como a progressiva queda do patriarcalismo, as alterações de cunho político e econômico – a exemplo da implantação do regime republicano e do regime de trabalho livre e assalariado –, a emergência da cultura burguesa, a chegada de inúmeras invenções tecnológicas e o impacto da proliferação do movimento feminista são fatores que auxiliaram a compreender como foi realizada a construção do homem moderno e da mulher moderna, indivíduos intensamente problematizados no período em estudo.

É justamente a configuração discursiva destes papéis destinados ao masculino e ao feminino a proposta de análise deste capítulo. Tomando a produção literária de Clodoaldo Freitas e os discursos encontrados em alguns veículos noticiosos que circulavam na capital piauiense, apontaremos quais eram os modelos de masculinidades e de feminilidades mais evidenciados naquele momento. A proposta é compreender como os sujeitos sociais passaram a ser compreendidos, a partir das transformações culturais que foram percebidas desde o final

³⁸ O fragmento integra a crônica *Uma desiludida*, publicada pela primeira vez em uma coluna do autor intitulada *Em roda dos fatos*. Nesta seção o literato discorria sobre diversos assuntos em diferentes jornais de Teresina, Belém e São Luís. Somente no ano de 1911, graças a incentivo de amigos próximos selecionou parte das crônicas publicadas e as reuniu em um livro com o mesmo nome da coluna. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Uma desiludida*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Tipografia Paz, 1911. Contudo, deste momento em diante do estudo usaremos como referência a segunda edição de *Em roda dos fatos* publicada em 1996. FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 28.

³⁹ FREITAS, Clodoaldo. *O feminismo*. In: FREITAS, 1996, p. 73.

do século XIX. O chamado aburguesamento dos costumes trouxe consigo novas possibilidades de construir perfis de gêneros mais adequados a nova sociedade que estava sendo construída e legitimada, nessa perspectiva, a era dos patriarcas teria que dar vez e voz à era dos bacharéis, na qual a cultura letrada se destacaria como o grande diferencial para a formação de um mundo civilizado. Mas seria realmente correto destacar que houve apenas transformações? Que os novos costumes suplantaram os velhos hábitos? Estas interrogações fazem parte da construção do objetivo deste estudo, pois, como já destacamos, a intenção é problematizar quais eram os tipos masculinos e femininos realçados nas produções literárias do período, além de compreender quais eram legitimados e quais seriam apenas almejados no âmbito do discurso.

Este estudo não visa simplesmente enumerar tipologias de feminilidades e de masculinidades. Busca refletir acerca da relação constituída entre a escrita e a realidade social na qual a mesma está inserida, no sentido de entender como os discursos encontrados nos artigos dos periódicos e nos romances teriam a capacidade de exercer um poder sobre os indivíduos, tanto no sentido de orientar sobre as práticas sociais aceitáveis, como em legitimar o lugar social de literato ocupado pelo autor daqueles escritos.⁴⁰ Deste modo, este capítulo divide-se em três momentos: primeiro buscar-se-á a compreensão de como aspectos urbanos e culturais foram sendo alterados, a partir de discursos que idealizaram aquilo que era concebido como moderno e civilizado; segundo, contemplaremos também uma análise sobre os perfis masculinos do período, da mesma maneira que dispensaremos uma atenção especial à relação existente entre a trajetória de vida de Clodoaldo Freitas e a sua produção literária. A ideia é compreender a relação de alguns tipos masculinos encontrados em sua obra com a formação social do próprio literato, haja vista que este era um homem de letras que não apenas delineava homens cultos e civilizados como também buscava realçar em seus escritos os tipos rústicos do sertão e homens viciados. Num terceiro momento, abordaremos a discussão em torno do feminino no período, pois além dos tradicionais perfis femininos ligados as funções de esposa e mãe é possível também encontrar os chamados contramodelos: como a virago e a mulher prostituída.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

2.1 Disputas em cena: tradicional x moderno

Antes de iniciar as discussões acerca das reinvenções dos gêneros, é preciso realçar algumas considerações a respeito das primeiras décadas do século XX e sobretudo, o espaço social no qual se efetuaram estas transformações. É usual na produção historiográfica recente associar a transição do século XIX para o século XX à ideia de transformação urbana e de alteração de costumes, haja vista que foi durante o referido momento que ocorreram os primeiros avanços do processo de urbanização das principais cidades brasileiras. Essa urbanização veio acompanhada da emergência das chamadas invenções modernas – tais como o telefone, a luz elétrica, o trem e o cinema – que, dinamizaram as sociabilidades existentes e impulsionaram a rejeição de hábitos compreendidos como tradicionais.⁴¹ Entretanto, estas noções de avanços tecnológicos e de revolução dos papéis de gêneros resultantes do processo de aburguesamento das famílias não devem ser naturalizadas e tampouco concebidas de maneira homogênea, pois nem todos os núcleos urbanos do período aludido dispunham de estruturas e recursos financeiros que possibilitassem a materialização desse desejo de progresso.

Teresina pode ser citada como exemplo do tema que estamos abordando, mesmo não possuindo recursos financeiros suficientes que levassem a constituir a sua transformação urbana no mesmo nível das outras grandes capitais brasileiras, pois, ainda assim, a capital piauiense também foi cortada por pequenos surtos de modernidade.⁴² Entretanto, isto não representava uma rejeição total dos valores e práticas sociais existentes numa sociedade ligada a aspectos rurais e tradicionais. Destarte, percebemos o quanto novos e velhos valores culturais transitavam no âmbito das transformações urbano-culturais que afetaram os teresinenses, bem como, as alterações que os papéis familiares sofreram nos primeiros anos do século XX. É interessante entender este momento, a partir da produção literária que circulava nos anos que se referem à passagem dos séculos, especialmente a partir da narrativa ficcional de Clodoaldo Freitas,⁴³ onde o autor expressa, através da imprensa e, posteriormente

⁴¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

⁴² Acerca das transformações urbanas e culturais ver o primeiro capítulo do estudo de Teresinha Queiroz, *Viver na província: transformações*. Cf.: QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFB, 1998. p. 19-67.

⁴³ FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988; FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

através de livros, considerações sobre os primeiros passos do processo de urbanização da capital piauiense e as transformações da vida familiar.

A crítica dos intelectuais piauienses expostas nas crônicas de jornais e revistas que circulavam na cidade, defendia a ideia de que Teresina possuía vocação para a civilidade e para o progresso. Palavras caras para o momento, haja vista que o desejo constante de se constituir como um núcleo civilizado, observado na produção literária do período, revela que havia a intenção de reverter o quadro semi-urbano que remetia Teresina à imagem de um centro acanhado e provinciano. No conto *Mãe dolorosa*,⁴⁴ Clodoaldo Freitas faz um breve registro sobre os aspectos urbanos da cidade, ao mostrar um passeio noturno dos personagens pelas ruas de Teresina. Nessa passagem, o literato denuncia um cenário no qual ainda prevalecia a imagem do atraso:

A noite estava fresca e silenciosa.

Saí com Maria em passeio pela cidade. Entramos no jardim da praça Rio Branco e nos sentamos em um dos bancos mais retirados. Poucos transeuntes e estes mesmos soldados e prostitutas. Aquele silêncio embelecava a paisagem. Os focos elétricos já haviam sido extintos, como de costume. A civilização piauiense só dura até às 22 horas. Daí em diante, Deus encarrega-se da iluminação pública. A luz elétrica de uma cidade suja e barbarizada como Teresina, dá a ideia de uma cabocla vestida de seda e descalça.⁴⁵

Observa-se que, apesar das aclamações constantes pelo que era moderno e civilizado dentro dos veículos noticiosos e da produção literária, esse desejo pelo alcance do progresso e da transformação esbarrava em limites, sobretudo econômicos. Segundo a historiografia recente, as mudanças decorrentes da vida moderna ocorrem de maneiras diferentes em cada contexto regional.

Nicolau Sevcenko abordou a efervescência cultural e social desse período, lançando o seu olhar sobre o Rio de Janeiro, durante a *Belle Époque*,⁴⁶ e sobre São Paulo, nos frementes

⁴⁴ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre 15 a 18 de dezembro de 1921. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

⁴⁵ FREITAS, 2009, p. 208.

⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

anos de 1920.⁴⁷ O autor realça que o processo de aburguesamento pelo qual passaram as referidas cidades é visível, não apenas através das reformas urbanas, mas também pela imposição de novas sociabilidades e de valores culturais que se materializavam no período. À medida que se desejava um crescimento econômico e uma transformação das formas de sociabilidades da sua população, almejava-se, ao mesmo tempo, apagar literalmente quaisquer evidências que remetessem àquela sociedade tradicional escravocrata, monárquica e atrasada culturalmente. Para isso, era preciso aplicar medidas que demonstrassem a expansão econômica da nação, investindo na urbanização das principais cidades ampliando o centro comercial emergente e abrindo os passeios públicos livres para a circulação de *smarts* e melindrosas. Além disso, o momento foi marcado também pelo fato de que a rapidez das comunicações e do tempo das megalópoles modernas proporcionaram uma sintonia entre a cultura europeia e a brasileira, de forma mais acentuada. Desta maneira, as mudanças culturais que ocorriam em Paris, por exemplo, eram conhecidas imediatamente pelo contexto regional, não havendo, como em épocas passadas, uma herança artística, mas sim uma troca cultural. Sevcenko acrescenta ainda que o referido período foi marcado por um momento de desestabilização de mitos e crenças, no qual a sociedade brasileira procurou estabelecer novas construções culturais quando estava em evidência um momento de estilhaçamento das referências da virada do século XIX para o século XX. Por possuir uma cifra populacional relativamente pequena,⁴⁸ a capital piauiense não poderia estar inserida no quadro das metrópoles brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, mas as observações produzidas por Nicolau Sevcenko são consonantes quanto ao contexto brasileiro como um todo, no que diz respeito ao consumo que se fazia das formas de sociabilidades e de costumes trazidos dos países europeus.

O trabalho de Teresinha Queiroz, *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo, traz uma considerável análise sobre as alterações deste centro urbano no referido período, no que tange às transformações que objetivavam reduzir o provincianismo da capital piauiense.⁴⁹ Mesmo não tendo um crescimento urbano acelerado ou até mesmo descontrolado, a exemplo de outros grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, Teresina não pode receber por inteiro toda a infraestrutura que alguns grupos sociais

⁴⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo. Sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁴⁸ Teresina, apesar de ser o centro do poder administrativo, teve um crescimento populacional relativamente baixo, se comparada às outras cidades do estado, haja vista, que o número total de habitantes no ano de 1910 não ultrapassava a cifra de 48.614 pessoas.⁴⁸ QUEIROZ, 1998, p. 20.

⁴⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFB,1998.

desejavam. Um exemplo disso foi a grande demora para que alguns serviços públicos fossem instalados efetivamente.⁵⁰ Mesmo sendo benefícios que eram a princípio exclusivos para as classes médias e altas da sociedade, estes ainda representavam um avanço para o ideal de progresso da cidade. Estas inovações proporcionaram para os teresinenses, mudanças de hábitos relacionados ao estilo de vida burguês, mais especificamente aquilo que os homens de letras do período conheciam como civilizado.

As tentativas de modernização do espaço urbano, mesmo que sejam observadas em um ritmo menos acelerado do que em outras grandes cidades brasileiras, precisam ser entendidas como um primeiro passo do processo de ordenamento do espaço social da cidade e, por consequência, dos seus habitantes. Cerceando as sociabilidades e o desenrolar das transformações urbanas, autoridades públicas, literatos, higienistas e imprensa preocupavam-se em consolidar novos hábitos em Teresina.⁵¹ Contudo não apenas os serviços públicos deram novos significados para os teresinenses, os lazeres consistiam também em formas de redefinir a imagem da capital piauiense. Dessa forma, o cinema, o flerte e o carnaval se configuraram como práticas que inauguraram o estabelecimento de costumes ditos modernos, naquela sociedade em mutação.⁵²

Assim como o espaço urbano, a família também foi abordada como um assunto a ser privilegiado, quando esta foi questionada acerca de quais valores deveria contemplar: aqueles voltados ao ambiente rural e tradicional ou aqueles ligados às novas representações da modernidade. Acreditamos que a formação da imagem de uma cidade idealizada para Teresina também estava atrelada à preservação da representação da família teresinense, pois assim como a cidade se transformava, seus moradores também começavam a redefinir quais papéis familiares deveriam assumir. Na realidade, esse era um processo observado no cenário brasileiro desde o final do século XVIII e no decorrer do século XIX, como destacou Jurandir Freire Costa na obra *Ordem médica, norma familiar*,⁵³ na qual, o autor sublinha que a cidade e a família foram considerados os principais alvos de discursos efetuados especialmente por higienistas, que visavam reordenar o espaço social e os costumes ditos atrasados e incivilizados.

⁵⁰ Trata-se do abastecimento de água canalizada e os aparelhos telefônicos que foram instalados apenas no ano de 1906, além do fornecimento de luz elétrica que começou a ser concretizada em 1904 em algumas residências particulares, ver: QUEIROZ, Teresinha. 1998, p. 28.

⁵¹ COSTA, Mara Lúcia Fernandes. *Devires e desvios: discursos, práticas ilícitas e relações de amor das mulheres populares em Teresina. (1900-1920)*. 107 f. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2007.

⁵² QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

⁵³ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Para compreender como se apresentavam as relações familiares daquele momento, tomemos como análise as práticas discursivas⁵⁴ que circulavam acerca do tema. Numa tentativa de adequar os indivíduos às identidades de gênero que estavam sendo constituídas, os discursos dos literatos se destacavam como principais elementos que impulsionavam o debate acerca da definição de quais papéis familiares os indivíduos deveriam assumir. Tornara-se importante saber lidar com as alterações nos hábitos dos cidadãos destacadas pelos novos lazeres públicos, pelas novas formas de afetividade e pela expansão do sistema educacional. Estava sinalizada então, a possibilidade de consumir todas as transformações ditas modernas daquele momento, mas sem esquecer de zelar pelo ordenamento moral da instituição família, concebida como um pilar de sustentação para o progresso de uma nação civilizada. A preocupação com a referida instituição se articulava com o desejo de reafirmar referências que viessem a direcionar comportamentos específicos e que por consequência auxiliavam na construção de uma idealização da família.

Observando o cenário brasileiro, o debate sobre a definição de um modelo familiar a ser seguido envolvia também o aspecto jurídico. Ao redigir o novo código civil em 1899, Clóvis Beviláqua⁵⁵ tentou inserir ao projeto do texto disposições que pudessem ampliar o direito das mulheres. Contudo, os argumentos propostos pelo jurista foram retirados em debate no parlamento, mostrando que o modelo familiar valorizado, até então, continuava a ter fortes defensores. Para Sueann Caulfield, na obra *Em defesa da honra*,⁵⁶ a resistência das autoridades mais conservadoras em relação às propostas liberais de juristas como Beviláqua demonstravam a importância que essa instituição civil possuía dentro do novo regime republicano e o interesse de que esta mantivesse os papéis sociais que cada membro representava dentro da família, ou seja: os homens como “cabeça do casal” e as mulheres numa condição limitada às determinações do pai ou esposo. Deste modo, as diferenças entre os gêneros permaneciam sem alterações significantes na virada do século XIX para o século

⁵⁴ Entendemos a escrita dos literatos e cronistas do período como uma prática discursiva que busca produzir um sentido ao meio social para o qual se direciona, o objetivo principal desta é legitimar o lugar de sujeito dos literatos, através do ato de escrever. Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: Artes de fazer. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v.1. p. 226.

⁵⁵ Clóvis Beviláqua nasceu em Viçosa (CE) no dia 4 de outubro de 1859 e morreu na cidade do Rio de Janeiro no dia 26 de julho do ano de 1944. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Como jurista foi responsável pelo anteprojeto do Código Civil Brasileiro, consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores e um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Principais obras: *Estudos de direito e economia política* (1886); *Traços biográficos de Manuel de Freitas* (1888); *Épocas e individualidades*: estudos literários (1889); *Direito da família* (1896); *Em defesa do Projeto do Código Civil Brasileiro* (1906); *Literatura e direito* (1907), dentre outros.

⁵⁶ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: UNICAMP, 2000.

XX, ao se continuar a reproduzir, no aspecto jurídico, que as mulheres deveriam ser consideradas sujeitos incapazes de se representarem legalmente.⁵⁷

Rupturas e permanências seguem lado a lado no campo das relações entre os gêneros. E é este o painel que esboçamos para os cenários presentes na literatura de Clodoaldo Freitas, representando os estados do Piauí, Maranhão, Ceará, Pará e Pernambuco, nos quais, valores tradicionais e modernos se chocavam e se misturavam constantemente, mas não no sentido de apontar para uma contradição e sim privilegiando a ideia de que existiam maneiras plurais de vivenciar as transformações urbano-culturais do período em estudo. Dessa forma, nossa pretensão é a de nas páginas seguintes analisar a proposta dos literatos e principalmente a partir da produção ficcional de Clodoaldo Freitas, acerca da constituição das relações de gêneros, com o objetivo de ressaltar como o processo de construção das identidades masculinas e femininas poderiam ser plásticas e plurais.⁵⁸

2.2 Homens e cultura letrada: discursos sobre a masculinidade

Nascido em 7 de setembro de 1855 em Oeiras, sertão piauiense, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas pertenceu a uma das famílias mais nobres e tradicionais da região, embora não dispusesse, no decorrer de toda a sua vida, de vultosos recursos financeiros que pudessem defini-lo como um homem de posses. Pelo contrário, Higino Cunha como amigo e biógrafo do literato piauiense, destacou uma carreira profissional suscetível aos ditames políticos do período que nem sempre estiveram a seu favor.⁵⁹ Esta seria, então, uma das razões de seus inúmeros deslocamentos do Piauí para estados vizinhos, a exemplo do Maranhão e do Pará, e até mesmo mais distantes, como o Rio de Janeiro, o Mato Grosso e o Amazonas, a fim de assumir cargos públicos e a direção de jornais durante a sua carreira profissional. O estudo a ser apresentado nas páginas seguintes acerca da vida e da obra de Clodoaldo Freitas nos interessa enquanto possibilidade de vivência masculina a ser analisada. Como o objetivo se centra sobre a compreensão das formas de masculinidades no início do século XX, nosso olhar estará voltado para a trajetória de vida de Clodoaldo quando o percebemos como filho,

⁵⁷ CAULFIELD, 2000, p. 64.

⁵⁸ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16, v 2, p. 86, jul./ dez. 1990.

⁵⁹ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

estudante e marido, ou seja, no exercício de papéis que o homem moderno tomava para si usando roupagens diferentes dos senhores patriarcais de tempos anteriores. Mas quem seria este homem moderno? De que forma ele emerge como uma possibilidade real entre os discursos do período? Como a literatura de Clodoaldo Freitas o registra?

Para desenvolver a proposta deste estudo, privilegiamos alguns relatos biográficos produzidos por Higino Cunha em seu discurso de homenagem póstuma a Clodoaldo Freitas,⁶⁰ a abordagem de algumas crônicas reunidas na obra *Em roda dos fatos*⁶¹ e ainda as produções ficcionais *Memórias de um velho* (1905-1906), *Um segredo de família* (1907), *A iniciação* (1909) e *O jogador* (1923). Esse conjunto literário pertencente a Clodoaldo Freitas expressa como eram idealizados alguns dos perfis de gêneros socialmente legitimados. Inclui-se, também, a seleção de alguns artigos de periódicos que realçavam considerações acerca dos papéis de gêneros na sociedade.

A historiografia que aborda o período subsequente a essa virada do século XIX para o século XX aponta para uma guinada no âmbito dos costumes e das identidades de gêneros. O declínio da sociedade patriarcal e a emergência da sociedade moderna seriam apenas algumas das razões que colaboraram para uma mudança nos relacionamentos familiares e sociais. Mas o que estamos chamando de sociedade patriarcal? Que modelo familiar está sendo delineado a partir desta noção? Seria correto usar esta mesma noção para esse ambiente do qual Clodoaldo Freitas trata? Primeiramente é preciso sublinhar que a definição de família patriarcal é algo que está presente entre autores que se inserem nessa seara dos estudos sobre família e gênero, desde as primeiras propostas de estudo,⁶² sendo que estas discussões tenderam a se voltar para a concepção de agrupamentos sociais organizados a partir de uma hierarquia de poder em que o domínio sobre cada elemento emanava de uma figura central – geralmente o homem – que possuía sob a sua responsabilidade não apenas esposa e filhos, mas também agregados e/ou escravos que se submetiam à sua autoridade em troca de proteção. Quanto à composição desse modelo familiar, este não pode ser observado de maneira simplista, pois essa noção de patriarcalismo não suporta em si mesma as possibilidades de formações familiares registrada na historiografia acerca do tema, que vão

⁶⁰ CUNHA, 1924.

⁶¹ Originalmente as crônicas foram publicadas em jornais de Teresina, São Luís e Belém e pertenciam a uma série intitulada *Em roda dos fatos*. No ano de 1911 graças aos incentivos de amigos próximos, como Abdias Neves, Clodoaldo selecionou parte de seus textos jornalísticos e os reuniu em um livro que levava o nome da série. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 10.

⁶² COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979; ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

desde grupos mais numerosos a modelos familiares mais próximos do tipo burguês, com indivíduos reunidos apenas, a partir de uma relação consanguínea.

Dentro do cenário correspondente ao contexto nordestino, houve o predomínio de famílias que tinham na figura do homem o elo entre os indivíduos, sendo que os registros encontrados em memórias e na própria literatura do período falam de homens que expressavam traços rudes, de hábitos impositivos e senhoriais e que exerciam o poder sobre os seus, sem enfrentar quase nenhuma resistência.⁶³ Mas essa forma enérgica de comportamento para preservar o domínio da família, foi aos poucos sendo deslegitimada. Outros valores culturais emergiram trazendo à tona um modelo de masculinidade que confrontava todo aquele imperialismo construído, ao longo dos séculos, nessa região do país onde os homens foram reinventando uma nova masculinidade – intimamente ligada à cultura letrada e às formas de civilidade que delineavam um homem com traços e hábitos mais cortesões e sensíveis.

A sociedade que assentava as suas bases a partir do patriarcalismo teve então que se adaptar a uma nova realidade. Contudo essa transformação sociocultural não foi consumida de forma apática, pelo contrário, o processo de queda dos valores ajustados ao patriarcalismo pela sociedade foi visto como uma forma de inferiorização dos homens, como acentua Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *Nordestino: uma invenção do falo*:

O patriarcalismo, sociedade do poder masculino, do império dos pais, assenta em relações paternalistas, de filhotismo e apadrinhamento, sociedade das parentelas, ia sendo modificado por um processo visto como desvirilização, de declínio de um dado modelo de masculinidade, período de confusão entre as fronteiras de gênero, em que as mulheres começam a assumir lugares antes reservado aos homens.⁶⁴

Em outro trecho da mesma obra, Albuquerque Júnior reforça o surgimento de um discurso que destacava o enfraquecimento dos homens perante as transformações do período:

O patriarcalismo, como conceito, nasce da visão de homens pertencentes a um grupo social que sente emasculado, perdendo potência, homens

⁶³ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008. p. 124.

⁶⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003. p. 140.

fragilizados, amolecidos, desfibrados, senis depauperados, senão fisicamente, mas do ponto de vista de seu poder e *status*; homens em declínio, ameaçados por novos grupos sociais que vêm dividir seu espaço, encurtá-lo, modificá-lo.⁶⁵

Segundo o referido autor, aquele modelo de masculinidade, no qual a dureza, a intolerância, e a força se constituíram como elementos básicos para identificar o que era considerado viril em um homem, estaria em franca decadência para dar lugar a um tipo masculino que enfrentava uma grave crise identitária e que, por isso mesmo, o tornava “fraco” e “amolecido”, diante da realidade social da sua época. Entretanto, essa percepção do masculino desfibrado não é vista no conjunto literário de Clodoaldo Freitas. Nesse caso, o que se observa é uma rejeição a um modelo tradicional de masculinidade incapaz de expressar afetividade. Homens alheios ao modelo de família moderna, cujo ideal era o casamento por amor e a dedicação aos filhos, passaram a ser criticados por se recusarem a aceitar o novo papel familiar. Dessa forma, o afastamento emocional do homem de sua própria família parecia então viver os seus últimos dias, à medida que as hierarquias construídas entre os gêneros iam passando por um processo de redefinição. Contudo, essas mudanças não implicavam a quebra da ordem estabelecida entre o masculino e o feminino, pois o homem continuava a exercer poderes sobre a mulher e os filhos. Sutilmente, a ordem social que ora proporcionava o domínio masculino sobre o controle e a organização familiar, de forma adequada, adaptou-se a um contexto em que o patriarcalismo não mais respondia às necessidades da família. No lugar daquele homem rústico da casa paterna, emergiu o bacharel – homem culto e civilizado – que trazia consigo a missão de transformar tudo o que estava ao seu redor que, ainda lembrava o tempo “atrasado” dos pais senhores.

O que observamos na escrita de literatos como Clodoaldo Freitas é a tendência a valorizar a formação intelectual dos homens, embora essa forma de trajetória masculina não fosse a mais seguida e nem a mais desejada na mesma proporção, por todos os indivíduos.⁶⁶ Clodoaldo Freitas nasceu e passou a sua infância no sertão piauiense em meio a um ambiente provinciano e de costumes tradicionais onde desenvolveu o gosto pelas belezas naturais do campo e pelos hábitos primitivos e ingênuos dos sertanejos que futuramente iria representar em sua obra literária. Entretanto, o envolvimento de Clodoaldo com a vida sertaneja foi de certa forma interrompida quando os pais resolveram investir em sua formação educacional:

⁶⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.146.

⁶⁶ CASTELO BRANCO, 2008, p. 104-105.

primeiramente, através de aulas em casa de professores particulares e em seguida sendo enviado, aos 16 anos, para o Seminário das Mercês, em São Luís, com a intenção inicial de completar os estudos e seguir a carreira eclesiástica.⁶⁷ Assim como Clodoaldo Freitas, foram muitos homens pertencentes a grupos altos e médios da sociedade, nascidos num meio tradicional, que saíram do lar paterno para alcançar a formação intelectual e voltaram imbuídos por uma cultura letrada que possibilitava a configuração de um novo modelo de masculinidade. Um homem moderno, devidamente ilustrado e refinado que propunha o uso de novos hábitos e costumes para aquele meio social que havia deixado, quando fora estudar fora.

Nesse sentido, a escrita de literatos como Clodoaldo Freitas apresentou-se como uma estratégia que viabilizava a formação do indivíduo moderno. Numa sociedade que tentava se aproximar da ideia de civilidade, o ato de escrever conquista o significado de ordenar e de orientar as práticas sociais que estavam sendo desenvolvidas, a partir de um saber que se idealizava como legítimo. Para exercer a escrita como uma prática que buscava transformar o social – se aplicarmos a noção de economia escriturística de Michel de Certeau⁶⁸ – Clodoaldo Freitas soube privilegiar o espaço conquistado por ele na imprensa para expressar as suas ideias. A temporada no seminário acabou revelando a sua inaptidão para seguir os preceitos da Igreja Católica, o que o levou a voltar para Teresina, a fim de concluir os exames preparatórios e, em seguida, se encaminhar para a carreira jurídica, ingressando na Escola de Direito do Recife. Ali pôde vivenciar toda a efervescência política e ideológica promovida pelos estudantes.⁶⁹ Provavelmente a pretensão de seguir a carreira eclesiástica foi abandonada por falta de vocação e igualmente adensada por ocasião da polêmica religiosa gerada entre clero e maçonaria, especialmente durante a década de 1870, quando se questionava o envolvimento entre Estado e Igreja Católica.⁷⁰

Durante os seus estudos, Clodoaldo entra em contato com a literatura e com as tendências filosóficas que iriam orientar o seu posicionamento político e a sua escrita no decorrer de sua carreira no mundo das letras. Grandes nomes da literatura, como Álvares de

⁶⁷ CUNHA, 1924.

⁶⁸ “Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado.” Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, v. 1. p. 225.

⁶⁹ Durante a época de estudante de direito, Clodoaldo Freitas formou amizades com homens que tiveram notório papel na vida pública, chegando a fundar o jornal *A Ideia Nova* juntamente com os colegas de faculdade Clóvis Beviláqua e Martins Júnior. Ver: CUNHA, 1924; COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. (Dir.) *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Global/ Fundação Biblioteca Nacional/ DNL/Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 1. p. 351.

⁷⁰ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980. p. 27.

Azevedo⁷¹ serviram de inspiração para a composição de temas futuros que giravam em torno do amor, da morte e do crime, enquanto que, sua concepção filosófica foi construída, a partir do Positivismo, de Émile Littré,⁷² das leituras acerca da acirrada polêmica religiosa envolvendo clericais e maçônicos – chegando Freitas a abraçar definitivamente as ideias anticlericais – e, posteriormente, as influências do pensamento de Charles Darwin,⁷³ Ernst Haeckel⁷⁴ e Arthur Schopenhauer⁷⁵ e, principalmente, Thomas H. Huxley.⁷⁶ Esses são autores que o ajudaram a compor a orientação do seu futuro intelectual.

A partir da sua formatura, Clodoaldo diversificou sua atividade profissional, assumindo cargos públicos – como promotor, chefe de polícia, juiz de direito e desembargador – atuando na política e ainda no jornalismo, espaço onde deixou registro como homem de letras, escrevendo textos de interesse político e religioso, crônicas, críticas literárias, poesias, romances e contos. A fase de transição do literato da mocidade para a vida adulta foi marcada pela efervescência política do período – o fim da Escravidão e a mudança de regime monárquico para republicano – e pela agitação de sua vida profissional, em especial no jornalismo, espaço no qual conquistou experiência, respeitabilidade e inimizades, com os seus artigos que promoviam ideais republicanos, abolicionistas e anticlericais. Nesse meio tempo, Freitas ajuda a fundar órgãos noticiosos no Piauí, como *O Reator* (1884) e *A Reforma* (1887);

⁷¹ Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em São Paulo em 12 de setembro de 1831 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 25 de abril de 1852. Atuou como cronista, poeta, dramaturgo, contista e ensaísta. Sua obra ficou conhecida por estar inserida à segunda geração do romantismo brasileiro – conhecida como ultrarromântica ou byroniana. *Noite na taverna* (1855) é sua obra mais famosa. Ver: IANNONE, Carlos Alberto. A vida de Álvares de Azevedo. In: AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 11-17.

⁷² Émile Maximilien Paul Littré. Nasceu em Paris, em 1 de fevereiro de 1801 e faleceu em 2 de junho de 1881 na mesma cidade. Filósofo francês e positivista autor de *Dictionnaire de la langue française* (1863-1873) obra conhecida também apenas como o *Littré*. Ver: GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LARROUSE. Paris: Libraire Larousse, 1979.p. 4.059.v.9.

⁷³ Charles Robert Darwin. Nasceu em Shresbury, Inglaterra em 12 de fevereiro de 1809 e faleceu em Downe, Inglaterra em 19 de abril de 1882. Naturalista ficou conhecido por elaborar uma teoria que explicava da evolução das espécies através da de uma seleção natural, sendo que *A origem das espécies* (1859) é a sua principal obra. Ver: GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LARROUSE, 1979, p.2.073.v.5.

⁷⁴ Ernst Heinrich Philipp August Haeckel. Nasceu em Potsdam, em 16 de fevereiro de 1834 e faleceu na cidade de Jena, Alemanha, em 9 de agosto de 1919. Naturalista alemão defendeu as ideias de Charles Darwin e combatia os preconceitos doutrinários da Igreja Católica. Principais obras: *O Monismo*, *Origem do homem*, *Religião e Evolução* e *As Maravilhas da vida*. Ver: GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LARROUSE. Paris: Libraire Larousse, 1979. p.3.274.v.7.

⁷⁵ Arthur Schopenhauer. Nasceu em Danzing, em 22 de fevereiro de 1788 e faleceu em Frankfurt, Alemanha, em 21 de setembro de 1860. Filósofo alemão ficou conhecido pelo pessimismo opondo-se ao hegelianismo, ao romantismo alemão e ao racionalismo iluminista. Principais obras: *O mundo como vontade e representação* (1819), *Metafísica do amor/Metafísica da morte* (1851), dentre outros. Ver: GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LARROUSE, 1979, p.6.214.v.13.

⁷⁶ Thomas Henry Huxley. Nasceu em Ealing, em 4 de maio de 1825 e faleceu na cidade de Eastbourne, Inglaterra em 29 de junho de 1895. Biólogo inglês foi um grande defensor da teoria de Darwin, especialmente quando enfrentou a contestação da Igreja Católica por causa da Teoria da Evolução. Ver: GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LARROUSE, 1979, p.6.214.v.13

colabora com *A Imprensa*, *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), *O Diário*, *O Democrata*, *República*, *Pátria*, *Diário do Piauí* e ainda dirigiu como redator *O Monitor* e *O Piauí*.⁷⁷

Até a maturidade, Clodoaldo Freitas preferiu dedicar a sua escrita ao campo da política, da história⁷⁸ e da biografia.⁷⁹ Contudo, ao chegar aos cinquenta anos, começou a revelar a sua produção literária, iniciada ainda na juventude, mas que somente naquele momento, resolveu publicá-la. O romance *Memórias de um velho*⁸⁰ é apontado como o primeiro folhetim de Clodoaldo Freitas. O literato direcionava sua escrita ficcional para uma perspectiva pedagógica, na maioria das vezes, se posicionando como um narrador que se auto-intitulava maduro e com uma trajetória de vida útil para os menos experientes na vida.⁸¹ Dessa maneira, Freitas integra a cultura do romance-folhetim a exemplo de outros escritores contemporâneos.⁸²

O literato fez dos folhetins um espaço para prescrever condutas e legitimar as suas ideias. Tomemos por exemplo *Um segredo de família*,⁸³ no qual Clodoaldo Freitas apresenta a história do estudante de medicina Anastácio Dias, que depois de contrair um casamento mal-sucedido no Rio de Janeiro, resolve deixar a esposa e regressar à fazenda de sua mãe no interior do Piauí, para assumir os negócios da família. Absorvido por novas ideias, Anastácio conseguiu exemplarmente dar uma guinada na vida – casando-se com Luizinha – e vivendo na propriedade rural da família, que, graças a ele, voltou a prosperar:

⁷⁷ CUNHA, 1924; RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

⁷⁸ A face de Clodoaldo Freitas como historiador pode ser vista em artigos publicados em diferentes periódicos da virada do início século XIX para o século XX, a exemplo de História do Piauí: as lutas da independência (1885), O Bequimão (1908), História de Teresina (1911) – os dois últimos estudos foram posteriormente editados e publicados como livros – além das obras inéditas *Os fatores do coelhado* (1892), *A Balaiada* (1894) e *História do Piauí* (1902).

⁷⁹ Como biógrafo Clodoaldo Freitas sempre escreveu sobre inúmeras personalidades do mundo intelectual na imprensa, no ano de 1903 reuniu alguns destes artigos na obra *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. Em 2010 a obra póstuma *Biografia e crítica*, apresenta uma série de personagens de expressão nacional que tiveram suas histórias de vida narradas por Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e Crítica*. Imperatriz: Ética, 2010.

⁸⁰ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Pátria* da cidade de Teresina entre os dias 30 de novembro de 1905 e 9 de fevereiro de 1906. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto: FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

⁸¹ FREITAS, 2008, p. 7.

⁸² HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Universidade de São Paulo, 1985. p. 140.

⁸³ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Diário do Maranhão* da cidade de São Luís entre os dias 7 a 14 de outubro do ano de 1907. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 23-44. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

Entretinha-me nos ócios da minha pequena clínica, em caçar, pescar e passear a cavalo. Éramos agricultores e a nossa vida, calma e abastada, corria livre de cuidados. Seduzido pelos encantos da vida de lavrador e desejoso de aplicar novos processos e fazer a nossa fortuna prosperar, resolvi-me a dedicar-me corpo e alma à lavoura. Meu tio e minha mãe seguiam, entusiasmados, os meus conselhos, entregando-me a direção da feitoria, que fundi em uma só. Fiz encomendas de livros e revistas e me dediquei valentemente ao trabalho. Mandei buscar novos aparelhos para o engenho, apliquei o arado, bani certos processos de rotina secular, animei os trabalhadores pela emulação e pelo interesse, de sorte que, um ano depois, o velho casarão de nossa fazenda, onde minha mãe, coitada, com tantos sacrifícios, aguentava uma lavoura de cana muito trabalhosa e mesquinha, estava transformado, alegre, pintado de novo, cheio de movimento e luxo. Assentei trilhos para os canaviais e fiz desaparecerem os rangidores e monótonos carros de bois. A par de tudo isto, brincava já, gritava e esperneava o meu primeiro filho, o Joca, uma bela criança, o enlevo da família. E a felicidade invadia nossas almas. Tinha uma botica bem sortida, onde eu mesmo e Luizinha, a quem estava ensinando o ofício de farmacêutica, manipulávamos os remédios, que eu receitava e dava aos pobres.⁸⁴

Nessa passagem da narrativa, o autor mostra o protagonista como um personagem que se distingue dos que estão a sua volta, através da figura de um bacharel.⁸⁵ Compreendemos que o retorno dos chamados bacharéis realizava-se numa atmosfera propícia a transformações. A figura do homem culto e refinado surgiu para tentar conquistar respeito entre aqueles que permaneceram no ambiente rural. A introdução de novos hábitos, a exemplo da substituição gradual do trabalho escravo pelo trabalho livre, representava o início de uma decadência dos valores tradicionais. Em lugar da rigidez e da intolerância ao próximo, o novo modelo de masculinidade incentivava uma cordialidade no tratamento com os familiares e com aqueles que eram os seus subordinados, em outras palavras, a obediência deveria ser conquistada através da racionalidade e não pela força física que o patriarcalismo cultivara através dos séculos.

Na escrita de Clodoaldo Freitas, a educação transformara-se em instrumento eficaz para concretizar os desejos dos pais mais esmerados, que queriam ver os filhos seguindo a carreira das letras. Nesse sentido, as crianças se constituíram no centro das atenções dos pais, e estes deveriam dedicar a elas não apenas afeto, mas também zelo por sua formação intelectual e cultural, enviando os filhos para escolas e faculdades. O desleixo com a educação dos filhos,

⁸⁴ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 35.

⁸⁵ Usamos este termo para os jovens que não necessariamente se formavam apenas em Direito, mas para todos que ingressaram no ensino superior como Medicina, Engenharia e Farmácia.

principalmente a dos rapazes, era visto com apreensão, pois acreditava-se que o excesso de liberdade e a ausência de orientação familiar resultariam na formação de indivíduos voltados para o vício e a ignorância. Em um texto crítico apresentado em sua coluna fixa do jornal *Pátria*, de Teresina, intitulada Aos domingos,⁸⁶ Clodoaldo Freitas ressaltava que os infantes eram seres que precisavam de disciplina, desde os primeiros passos de sua educação. O literato contestava a ideia apresentada nos textos bíblicos de que nas crianças inexistia a maldade e que elas seriam por natureza seres puros. Para Freitas, “idiossincrasias funestas” e “tendências fatais” faziam parte dos pequenos e neles era fácil observar demonstrações explícitas de perversidade, egoísmo e inveja. Nesse sentido, os pais eram apontados como os responsáveis pelo disciplinamento dos filhos, preparando-os para a família, para a sociedade e para a pátria.

Esse discurso em torno da pedagogia infantil é resultante das concepções de família moderna divulgadas com maior intensidade ainda durante o século XVIII, quando se começou a idealizar uma função para cada membro da família. Jurandir Freire Costa em *Ordem médica e norma familiar*⁸⁷ destacou que tanto o homem quanto a mulher foram convidados a assumirem um papel frente às necessidades da nova família que estava se constituindo. Aos homens coube o exercício de orientar a esposa e os filhos, uma paternidade pincelada com demonstrações de afeto, sobre a mulher recaiu a atribuição de tornar o recinto doméstico mais aprazível para os filhos e principalmente para o marido, pois, este seria o local onde ele deveria passar a maior parte do tempo. Nessa perspectiva, as crianças, que eram definidas com maior nitidez como o enlevo da família eram também cercadas de cuidado quanto à sua formação moral. Por isso, Clodoaldo Freitas reforçava em sua escrita a ameaça de que o amor incondicional dos pais representava para a construção de futuros cidadãos. Os pequenos precisavam não apenas de afeto, mas também de uma criação responsável e firme, a exemplo daquela adquirida no lar paterno de Clodoaldo Freitas. O autor explora as suas próprias memórias em artigo publicado no ano de 1906 para afirmar que: “[...] Em geral, nós temos, na vida inteira, alguma coisa que dura sempre, nela depositada pela alma santa de nossa mãe! Quanto devo a minha mãe, verdadeira mulher forte do Evangelho!” E completava o literato retificando os malefícios que o excesso de afeto poderia ocasionar, pois aqueles modelos de “[...] pais, totalmente extremosos, que deixam os filhos fazerem tudo quanto querem, mesmo

⁸⁶ FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 263, 28 jan. 1906, p 1.

⁸⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

os atos mais extravagantes, achando-lhes graça nas malcriações, nas traquinadas, nas descortesias, são maus pais. O amor cego, [dessa maneira] é amor prejudicial.”⁸⁸

Em resposta a Clodoaldo Freitas, um cronista cujo pseudônimo era C.G. reforçava a preocupação com a educação das crianças ressaltando a falta de responsabilidade dos próprios chefes de família com o desenvolvimento do caráter dos filhos, desde tenra idade:

[...] Os pais criam-nos de pequeninos a percorrer a vizinhança com os pés descalços e a camisinha suja, mais tarde, quando já não precisam dos cuidados da ama, deixam-se andar sós pelas ruas da cidade, em loucas correrias a atirar pedras nas árvores a importunar os transeuntes, perseguindo os animais, sempre em más companhias, d’onde resulta irem-se transmitindo reciprocamente os vícios e as maldades, os maus costumes e exemplos. [...]⁸⁹

Somente uma educação consistente seria capaz de corrigir os desregramentos originados ainda na infância. Por isso a formação intelectual e moral eram compreendidas como elementos primordiais no processo de construção do cidadão. Para o cronista, era impossível formar futuros pais de família e responsáveis trabalhadores sem o acompanhamento indispensável dos pais, pois os conselhos e as orientações repassados nessa idade funcionariam como sementes que germinariam mais tarde. C.G. realça ainda a indisciplina como fator preponderante dos vícios observados nos moços da cidade:

[...] Sei que um pai é verdadeiramente amoroso, quando fiscaliza com interesse todas as ações de seus filhos, as suas diversões, os seus estudo, as suas amizades, os lugares que frequenta, e não quando os atira na rua, senhores de suas ações, porque bem pode acontecer que aí mesmo, alguém lhes ensine duramente aquilo que poderiam ter aprendido com brandura em casa de seus pais. Essas criaturinhas sem juízo assim criadas vontadosas, habitam-se a mandar em vez de obedecer, o que é um grande prejuízo para ela e para os pais quando chega à época de encaminhá-las na vida prática. O tempo da infância em Teresina é muito certo: aos quinze anos consideram-se rapazes, na maioria dos casos com o consentimento paterno e a aprovação da sociedade. Conquistam as moças, fumam charuto, frequentam os barbeiros, bebem conhaque, promovem ‘pipirais’ e tempo houve em que já os vi, fregueses assíduos de uma casa de jogo!⁹⁰

⁸⁸ FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 263, p. 1, 28 jan. 1906.

⁸⁹ C. G. As crianças. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 267, 2 fev. 1906, p. 1.

⁹⁰ C. G. As crianças. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 267, 2 fev. 1906, p. 1.

Tanto na produção de Clodoaldo Freitas quanto nos escritos dos literatos contemporâneos, a ideia de valorização da formação intelectual e moral dos homens se destaca. Contudo, mesmo em idos do século XX esta não era uma ideia que prevalecia sobre o modelo masculino ideal. A figura do jovem bacharel e intelectual encontrava também as suas críticas, originadas principalmente de discursos ligados a setores da sociedade rural tradicional que via o bacharelismo como uma forma de desvirilização. Aqueles que optavam por abraçar uma carreira acadêmica e literária corriam o risco de serem alvos de escárnio, em função da delicadeza física, da educação refinada, do gosto pela leitura e pelos versos.⁹¹

Ainda que houvesse dissensões acerca da melhor forma de desenvolver a criação dos meninos, impunha-se o consenso de que a juventude era considerada uma época em que o caráter humano ainda estava se constituindo e que, portanto, a orientação deveria ser aplicada. De um modo geral, dentro da produção ficcional de Freitas, a mocidade masculina era percebida como um momento de alegrias, camaradagens, namoros e farras. As experiências vivenciadas constituíam-se como fonte para construções discursivas que enalteciam a juventude como o período das paixões acaloradas. No conto *A iniciação*,⁹² é apresentada a história de cinco rapazes da sociedade teresinense que se destacavam pela união e pelas pândegas produzidas na cidade de Teresina, que constitui o cenário do enredo, despertando naqueles que ainda não estavam inseridos, nessa modalidade de sociabilidades masculinas, o desejo de também praticá-las. O protagonista desse enredo, o ingênuo Antônio Matos deixou-se levar pelo encanto dessa mocidade vivaz e trocista cuja rotina de traquinagens e diversões era delineada com ares de companheirismo:

O Antônio Matos, desde que chegara a Teresina, uns seis meses antes, e se empregara como ajudante de maquinista da Fiação, não se cansava de admirar a amizade íntima e fraternal, que ligava quatro estudantes preparatorianos que nunca se separavam e um barbeiro, também estudante, o Guedes. Eram os autores forçados de todas as correrias noturnas, assuadas no Liceu, escritos a carvão pela frente das casas, de todas as troças e malandrices. Os assaltos aos galinheiros, aos quintais, aos tabuleiros de bolos nas festividades de igreja, todas essas molecadas de estudantes eram

⁹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003.

⁹² Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Diário do Maranhão* da cidade de São Luís entre os dias 28 de agosto a 3 de setembro do ano de 1909. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *A iniciação*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 75-84.

obras deles e da pandilha que capitaneavam. De dia eram pouco vistos, porém, desde que escurecia, se juntavam na pirâmide e ali concertavam os planos de ataque da noite.

Não perdiam um pipiral de arrabalde, e quase sempre promoviam rolos enormes, [...]

O Matos [...], informado dessas histórias, via com interesse crescente essa amizade inseparável dos cinco rapazes. Sabia das suas estraladas, das suas pândegas e ria-se doidamente das troças e diabruras deles. Dava-se com o Pedroca, seu vizinho. Simpatizava-o, e, depois com o correr do tempo, o amava. Quando o via passar com os companheiros, mordida-se de inveja por não ser do bando glorioso.⁹³

Essa passagem do conto é interessante não apenas do ponto de vista das sociabilidades praticadas, mas também dos sentimentos que aí são descritos. A *iniciação* trata da amizade masculina de cinco rapazes que compartilhavam do mesmo círculo social, das mesmas ideias e da forma de encarar a vida. Mas foi justamente essa união, tão valorizada por Antônio Matos, a responsável pela troça da qual ele seria a principal vítima. Ao tentar fazer uma aproximação com aquele grupo de amigos, Antônio foi ludibriado com uma história inventada por Guedes de que, para fazer parte daquele elo de amizade, era necessário fazer um ritual de iniciação maçônica. Iludido com a possibilidade de ingressar em um meio no qual tudo lhe atraía, Antônio Matos permitiu que lhe vedassem os olhos, vestissem suas roupas pelo avesso e no seu rosto desenhassem com carvão uma careta, servindo de escárnio para o público presente na rua.

O rapaz toma consciência da situação desmoralizadora em que ele próprio se colocara apenas quando a farra já estava feita – sendo ele ridicularizado perante os companheiros e as pessoas que foram avisadas previamente por Pedroca do espetáculo que iria acontecer. O conto é encerrado com a desolação do rapaz, que, por não suportar as lembranças daquele malogrado evento, desaparece da cidade. Provavelmente, essa achincalhe seria resultante de um esforço de inviabilizar o ingresso de um indivíduo que estava fora dos padrões sociais nos quais aquela sociabilidade masculina estava forjada. Antônio Matos era apenas um moço vindo de fora da cidade que sobrevivia como ajudante de maquinista, enquanto Pedroca e os demais rapazes eram estudantes que pertenciam às famílias da sociedade local. A diferença social e cultural poderia justificar a troça cometida a partir do momento em que os preparatorianos perceberam que Antônio Matos era nada mais que um moço com pouca instrução e aparentemente sem recursos financeiros.

⁹³ FREITAS, Clodoaldo. A iniciação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 75-76.

Quando analisamos o período em estudo, é possível explorar as construções discursivas em torno de novas formas de definir a masculinidade. Já explicitamos o quanto a educação era proposta como uma estratégia para conduzir os homens do período a um padrão de virilidade, inserido numa concepção moderna de sociedade. Mas, também, ao lado do processo de escolarização dos indivíduos, tem-se ainda o casamento como proposta de forjar a ideia de uma masculinidade que estava voltada para os discursos em torno da valorização da família. Os anos iniciais do século XX expressam os anseios provocados pelas mudanças da definição do homem enquanto indivíduo na sociedade. De um ideal que realçava a supervalorização da força física, da coragem e da virilidade dos séculos anteriores chegou-se a um homem moderno, sereno, disciplinado e perseverante⁹⁴ – refletindo a noção de homem-trabalhador. Isto posto, o que se vê nas produções literárias de Clodoaldo Freitas é uma disposição para reforçar a ideia de um masculino relacionado ao contexto social burguês, no qual os homens são, antes de tudo, trabalhadores úteis a sua família e, conseqüentemente, a sua nação.

Nessa perspectiva aqueles que não se inseriam no âmbito de um discurso que exaltava uma masculinidade com traços burgueses eram desvalorizados enquanto homens. A virilidade passava a ser percebida principalmente quando o masculino era atravessado pelo trabalho – o vigor antes expressado em batalhas, duelos e competições poderia ser evidenciado na forma como o homem se relacionava com a labuta diária, mostrando-se como trabalhador economicamente ativo e capaz de manter o sustento familiar. Voltemos para a trajetória de vida de Clodoaldo Freitas no momento em que ele, ainda moço, encontrava-se no Seminário das Mercês e começou a deixar de ter apreço pela vida religiosa, ao observar as figuras dos frades e dos santos dos altares, no seu dizer, apenas meros pedaços de madeira sem-vida.⁹⁵ A vontade de seguir carreira eclesiástica foi aos poucos sendo arrefecida até a saída de Clodoaldo do seminário para o Liceu de São Luís.

Clodoaldo graduou-se anos depois bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife e, no ano seguinte, em 1881, contraiu matrimônio com Corina de Noronha Couto.⁹⁶ Mas, antes de se tornar um homem casado, ele deixa a dependência da limitada mesada paterna e conquista nomeações em cargos públicos no Piauí, o que lhe possibilitou uma estabilidade financeira. Clodoaldo Freitas insere-se em um ideal de masculinidade, cada vez mais desejado naquele período, tendo uma trajetória de vida pessoal

⁹⁴ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ, 2004.

⁹⁵ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

⁹⁶ CUNHA, 1924.

que se destacou pelo sucesso profissional adquirido pela formação superior. Juntos, o estudo e o trabalho auxiliavam na construção de um modelo masculino mais produtivo e próximo de um perfil social burguês. Como já mencionamos, aqueles que não se adequavam a essa proposta de masculinidade relacionada com o caráter industrioso, voltado para a colaboração do bem-estar da família e o progresso da sociedade como um todo, eram desvalorizados. Os clérigos eram os principais objetos de crítica, especialmente por parte dos intelectuais livre-pensadores, como Clodoaldo Freitas, que viam os padres apenas como indivíduos hipócritas e exploradores de mentes inocentes.

Na crônica *Uma desiludida*,⁹⁷ Clodoaldo Freitas enfatiza sua rejeição aos homens que seguem a carreira eclesiástica. Para o literato, além das práticas religiosas sustentadas pelos clérigos, o clero aproveitava-se da sua condição, para não contribuir para o progresso da nação:

O convento, que não é invento cristão é para muitos, o ideal de felicidade, da inércia, do esquecimento. O homem não deve trabalhar e sofrer porém rezar. A sociedade só tem a perder com essa centena de homens que fazem votos de pobreza, por isto esmolam e não concorrem para o aumento da riqueza pública; que fazem votos de castidade, por isto não se casam e não concorrem para o aumento da perpetuação da espécie. O padre reza e consome. É um simples parasita. Em troca da sua improdutibilidade, da sua inércia, da sua infecundidade, dá-nos em soberbos racimos, como intermediário da divindade, abundantes graças e bênçãos, derramando sobre nossas cabeças o óleo santo da unção celestial, que, nos santificando, nos habilita para o banquete dos eleitos.⁹⁸

No trecho citado, percebemos como era rejeitada a formação de homens improfícuos, originados no seio da Igreja Católica, com atuação no meio social. Ausente do casamento e do trabalho, essa forma de masculinidade era criticada por sua improdutividade em relação à família e à sociedade, posto que a não concepção de filhos implicava desperdício de força de trabalho, uma prática que atingia a moralidade. Por sua vez, o sacramento da confissão se tornava uma das práticas igualmente questionadas, por ser considerada um verdadeiro atentado à moral familiar, a partir do momento em que se julgava impróprio permitir que uma mulher ficasse a sós com um clérigo, sob a justificativa de que se tratava de um sacramento religioso.

⁹⁷ FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

⁹⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Uma desiludida*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 28.

Dentre as lembranças narradas por Milo no romance *Memórias de um velho*,⁹⁹ os registros sobre os padres inescrupulosos constituem uma das passagens mais realçadas na trama, advertindo as famílias e, principalmente as mulheres, para permanecer distantes dessas ditas más influências. Em determinado momento do enredo, quando Milo se encontra casado e morando numa cidade do interior do Piauí, ele se depara com a agressividade de sua esposa Guilhermina, que desafia as ordens do marido e participa das práticas da Igreja, frequentando as missas e confessando-se. Milo acaba suspeitando que a genialidade da esposa e a devoção religiosa exacerbada demonstrada por ela, ao ponto de se colocar contra o próprio esposo, na verdade, ocultavam um caso amoroso entre Guilhermina e o Padre Benício, o pároco da cidade. A malícia alimentada pelo protagonista do romance se devia às suas próprias convicções acerca das práticas do clero, que, para ele, incitavam o fanatismo religioso de indivíduos menos esclarecidos. Ainda a favor dessa posição, ele tinha sua própria experiência de vida, pois ele mesmo havia sido vítima das perseguições de um frade.¹⁰⁰ Esse seria o discurso dos livre-pensadores,¹⁰¹ como Clodoaldo Freitas, acerca de uma masculinidade definida à margem do tipo de homem ideal. Os celibatários seriam, a partir dessa perspectiva, a pior forma de masculinidade, vista como amoral e inescrupulosa. Contudo, essa construção discursiva é fruto de um confronto entre grupos católicos e maçônicos, que tentavam deslegitimar os valores e as práticas sociais de seu respectivos rivais.¹⁰²

Mas o que importa destacar neste romance de Clodoaldo Freitas é que o literato apresenta a prática da confissão religiosa como um ato que afetaria a honra das mulheres. Contudo, não se deve esquecer que estamos diante da escrita de um livre-pensador assumido e que esse confronto levantado contra os padres remete às disputas religiosas do período em questão.¹⁰³ Portanto, para o literato era inaceitável que homens amorais tivessem a permissão de “desonrar” senhoras em seus confessionários, indagando sobre todas as suas intimidades e segredando assuntos particulares para ela. Mais do que uma ameaça à moral familiar, a confissão, segundo essa perspectiva, seria uma forma de desorganizar a família, já que, ao se

⁹⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

¹⁰⁰ Trata-se de frei Inácio. No enredo o primeiro encontro entre o clérigo e Milo acontece quando o protagonista surpreende o frade tentando abusar sexualmente de uma moça, entretanto ele o impede e para revidá-lo, frei Inácio acusa o protagonista do romance injustamente de tentar matá-lo, levando Milo para a cadeia.

¹⁰¹ O termo livre-pensador refere-se a indivíduos que, em se tratando de assuntos religiosos, seguiam a razão. Os membros da Maçonaria eram os principais representantes dessa vertente na virada do século XIX para o século XX, ao protagonizarem diversos debates com a Igreja Católica, contudo expressões como, livre-pensador e maçom não significam expressamente uma referência a sujeitos ateus. VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

¹⁰² QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas anticlericais. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

¹⁰³ Aprofundamos o assunto no último capítulo dessa dissertação com o tópico Confissão religiosa: a intimidade ameaçada? Ver página 142.

confessar, a mulher deixaria “de pertencer à família para pertencer ao padre, [impondo-se como] seu diretor espiritual”.¹⁰⁴

Os contramodelos masculinos descritos na obra de Clodoaldo Freitas não se limitam apenas aqueles que não entravam na esfera familiar através do casamento. Os homens que se deixavam levar pelos vícios também eram condenados pelo desregramento moral que afetava a si e a sua própria família. Nesse sentido, jogo e alcoolismo eram os principais alvos do combate a tudo que ameaçava a estrutura familiar. Em esfera nacional, os discursos contra o alcoolismo e o jogo eram frequentes, desde o começo do século XX, quando foram intensificadas as lutas em prol da preservação da família, a partir das concepções de higienização e regeneração da sociedade burguesa.¹⁰⁵ Nesse contexto, o homem teria a função social de ser o provedor da família, de modo que não estar em harmonia com esse ideal de masculinidade significava manifestar incapacidade para exercer o papel social que lhe fora atribuído.

Disciplinar os homens ensinando-os que a ociosidade seria um problema social para uma nação que se desejava civilizada configurou-se como uma preocupação, entre autoridades públicas, higienistas e imprensa. Estes tentavam através de discursos, veiculados em teses médicas e jornais, e, em último caso, por meio da repressão policial, ordenar uma masculinidade que estivesse vinculada à ideia de produtividade.¹⁰⁶ Permitir o avanço das referidas práticas no seio social seria, então, permitir a dissolução da moralidade familiar. Clodoaldo Freitas também se dispôs a abordar o tema do vício do jogo em sua produção ficcional como uma forma de exemplificar os malefícios causados por esse mau costume.

No conto *O jogador*,¹⁰⁷ Freitas narra a vida de Pedro Salomé, que, segundo o próprio autor se tratava de uma história singular, por esta ser verídica – provavelmente um recurso utilizado para dar força ao discurso produzido por ele. Salomé era um empregado público aposentado que, apesar de ter sempre se mostrado na vida como um homem “espírituoso e devasso”,¹⁰⁸ conseguiu constituir casamento e a numerosa prole de oito filhos, com a honrada D. Juliana na cidade de São Luís, espaço social onde se concentra a ação do conto. Dentre os

¹⁰⁴ FREITAS, 2008, p. 70.

¹⁰⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 66-72.

¹⁰⁶ O JOGO do bicho. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 184, p. 3, 2 set. 1916.

¹⁰⁷ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre os dias 12 e 18 de janeiro do ano de 1923. Em 2010 foi relançado dentro da coletânea *Os Burgos e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *O jogador*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 149-157. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

¹⁰⁸ FREITAS, 2010, p. 150.

filhos do casal, a caçula Sinhá era considerada o enlevo de toda a família, por sua doçura e beleza. Pedro Salomé sempre demonstrou paixão pelas cartas e por isso passava pouco tempo em casa, até que as trapaças que aplicava no jogo não obtiveram mais o mesmo efeito e foram descobertas pelos seus parceiros de vício. Salomé começou a perder e a rotina doméstica daquela família se transformou em dias desesperadores pelos desatinos cometidos pelo chefe da casa.

As coisas estavam neste pé. Lutas domésticas e lágrimas encobriam de tristeza esta nobre família. O Salomé se chafurdava, de dia para dia, nos marnéis do vício. Entregou-se ao copo, irmão siamês do baralho, e nos seus acessos básicos esbordoava a infeliz D. Juliana, não poupando sequer a inocente Sinhá. Os filhos metiam-se na luta em defesa das duas mulheres. O Salomé gritava, os amaldiçoava e como um energúmeno, ameaçava levar tudo a pau. Era um horror a vida deles. Com a barba crescida, combalido pelas noites mal dormidas, sujo, roupa em desalinho, o desgraçado, como um louco, quando entrava em casa havia de levar fosse o que fosse chegando, afinal, a perder todo o escrúpulo a ponto de tomar as jóias da filha, seus vestidos, seus adornos. A pobre moça lh'os dava resignada, sem articular uma queixa.¹⁰⁹

Pedro Salomé dilapidou os bens materiais da família e em momento de insanidade chegou ao ponto de tentar matar a esposa, não fosse a intervenção da filha. Após uma maré de sorte, Salomé abrandou-se e reconciliou-se com a família, entretanto os dias de calma foram breves, pois, numa fatídica noite de jogo, ele perdera tudo o que tinha. Em desespero, ele fez uma proposta final, mas acabou perdendo a própria filha no jogo. No dia seguinte, Silveira, o vencedor da aposta foi até a casa de Salomé, para receber o pagamento. Lamentando, o pai revela à família que, além de ter perdido todos os bens no jogo, também havia tido o prejuízo de perder a filha. Em seguida, Salomé deixou a sala em prantos e cometeu suicídio, no seu quarto. Silveira foi colocado, por um dos filhos, para fora da casa. Tempos depois, o triste fim do pai serviria de exemplo, para Sinhá orientar o marido e evitar a repetição de semelhante erro na família.

Enfim, não bastava que o homem constituísse família através do matrimônio. Era necessário que as suas atenções estivessem também voltadas à esposa e aos filhos. As imagens percebidas entre os personagens e até mesmo na experiência de vida de Clodoaldo Freitas revelam uma multiplicidade de propostas de masculinidade desejadas. Como já

¹⁰⁹ FREITAS, Clodoaldo. O jogador. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 152.

falamos anteriormente, a polidez cultural e intelectual passou a ser ambicionada como uma obrigação, especialmente entre os homens.¹¹⁰ Este é um dos elementos que alteraram a fabricação de uma figura masculina, realçando principalmente a participação dos homens dentro do ambiente doméstico.

O surgimento da família burguesa fez emergir uma nova necessidade: o lar passou a ser constituído como o espaço a ser ocupado pela nova família e, por consequência, os homens teriam nesse momento maior visibilidade, já que era exigido que eles assumissem com maior responsabilidade o papel de chefe de família.¹¹¹ A função de provedor do lar não seria então, a única forma de se inserir no ambiente doméstico, ainda seria necessário assumir a autoridade que lhe era conferida, mas não através de uma postura agressiva, rude ou até mesmo violenta, como ocorria com o modelo masculino tradicional. Os homens tiveram as suas condutas redimensionadas: o exercício do chefe de família não mais se resumia à responsabilidade de ser o provedor do lar, ainda era necessário demonstrar um perfil de homem mais afetuoso como marido e pai, mas sem perder o reconhecimento da sua autoridade no seio familiar.

Clodoaldo Freitas era um dos chamados homens de letras que propuseram novas formas de pensar os valores morais e sociais do período em estudo. Deste modo, a análise do seu conjunto literário como também de parte da sua própria trajetória de vida foram necessárias para a compreensão da relação construída entre os homens e a cultura letrada, que estava sendo erigida.

Os perfis masculinos tradicionais ligados ao patriarcalismo foram sendo continuamente desvalorizados, o que fez com que os homens do período se sentissem desafiados a assumir uma nova postura diante de uma sociedade que desejava se voltar, cada vez mais, para o mundo da cultura escrita. Entretanto, o desejo de materializar uma nova forma de masculinidade esbarrava na preservação de práticas indesejadas para o contexto da época como o vício do álcool e do jogo.

2.3 Entre anjos e viragos: discursos sobre a feminilidade

Nos primeiros decênios do século XX, observamos dentre os discursos da imprensa e dos literatos, uma escrita voltada para o debate em torno dos modelos femininos vigentes

¹¹⁰ CASTELO BRANCO, 2008.

¹¹¹ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

naquele período. Nesse sentido, artigos da imprensa emergem como possibilidades de análises desta discussão em torno das imagens femininas, apresentando discursos que ora desenham mulheres como seres divinizados, por exercerem o papel de esposa e mãe, ora por apontarem imagens femininas que fogem ao modelo tradicional. Clodoaldo Freitas também está entre os homens de letras que ingressaram nessa discussão sobre a transformação dos modelos de gêneros, assumindo uma postura que remetia ao conservadorismo. Todavia o literato demonstra, na sua escrita, interesse em defender o direito da mulher de ter acesso à instrução. Nossa intenção não se limita a apenas apresentar perfis femininos, mas compreender como a escrita daquele período sugere formas de ressentimentos e anseios masculinos, quanto às transformações que culminaram na construção da mulher moderna. Nesse caso, tratamos dos discursos sobre os novos papéis da mulher no lar, os avanços do movimento feminista e o progressivo acesso das mulheres à educação.

Para realizar este estudo, foram escolhidos como objetos de análise artigos veiculados na imprensa da época e os romances *Coisas da vida* (1908-1909), *Por um sorriso* (1921), *Mãe dolorosa* (1921) e *Queda de um anjo* (1921) escritos por Clodoaldo Freitas. Do mesmo autor, selecionamos também as crônicas *Uma desiludida*, *Um infanticídio* e *O feminismo*, reunidas na obra *Em roda dos fatos*.¹¹² Optamos pelos referidos textos literários obedecendo a um critério que contemple o posicionamento do autor frente aos modelos femininos, que se configuravam, naquele dado momento histórico, focalizando os encantos e os receios provocados pelo novo modelo de mulher e destacando igualmente os arquétipos cuja presença era desejada na vida familiar.

A escrita dos literatos se configura como um desejo de estabelecer quais os tipos de feminilidades deveriam ser legitimados pela sociedade.¹¹³ Nesse sentido, a partir da produção literária analisada destacamos quatro formas de significar o feminino: a primeira enfatiza a necessidade de ampliar o acesso da mulher à educação com a perspectiva de que essa estratégia seria um benefício não somente para a mulher, mas também para toda a família; o segundo discurso reforça a ideia de que o feminino estaria naturalmente voltado para o lar e para a família, nesse caso, a mulher seria imaginada como um verdadeiro “anjo do lar”, cujas obrigações de esposa deveriam ser cada vez mais aperfeiçoadas. Havia ainda os discursos que realçavam o papel da mulher como mãe, sendo a maternidade transformada numa forma de divinização do feminino; e por fim, chamamos atenção para um dos contra-modelos

¹¹² FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

¹¹³ CERTEAU, 2005.

femininos mais rechaçados pelos literatos, a virago – construída discursivamente como a pior forma de feminino por sua postura subversiva e pelos gestos exageradamente masculinizados.

Um dos principais elementos que tornaram possível uma transformação significativa dos papéis femininos foi o acesso à instrução. Mesmo que visivelmente diferenciada daquela direcionada ao sexo masculino, no qual a distinção primordial, segundo Guacira Lopes Louro,¹¹⁴ estava na proposta educacional que apontava a dedicação ao lar para as mulheres e o mercado de trabalho para os homens, a ampliação progressiva da educação das mulheres permitiu que as mesmas tivessem a oportunidade de ingressar num mundo formado pela cultura escrita. Entretanto, esse ingresso não ocorreu de maneira homogênea para todas as mulheres. Barreiras de ordem social e de gênero impediram que a entrada do feminino se realizasse de forma igualitária. Apesar dos protestos em prol da instrução feminina existirem desde meados do século XIX, ainda persistiam resistências quanto à importância de que fosse permitida a ampliação do conhecimento às mulheres. Estas ainda eram imaginadas se dedicando exclusivamente aos deveres de mãe e de esposa. Nesse caso, aulas de leitura, de línguas estrangeiras e de música não eram consideradas como necessárias para o cumprimento dos serviços domésticos.

No entanto, a defesa do acesso feminino à educação não era algo recente para o contexto em questão. Prova disso é a progressiva abertura de novas escolas voltadas para atender meninas e moças pertencentes às famílias com maior poder aquisitivo da sociedade teresinense.¹¹⁵ Esse interesse estava aliado à ideia de que o chamado polimento cultural proporcionaria a preparação da mulher para as obrigações do lar. Nesse sentido, a privação da instrução feminina era algo condenado na escrita dos literatos, pois estes consideravam que a mulher exerceria o seu papel de esposa e mãe com mais desenvoltura se tivesse o mínimo de ilustração para exercer uma função considerada da maior relevância para a sociedade. Em 1905, Alaíde Burlamaqui traz à tona o tema nas páginas do periódico *Borboleta*, destacando a sua postura em favor das mulheres instruídas. Para reforçar seus argumentos, a redatora faz alusão a nomes femininos valorizados no meio nacional, por suas contribuições ao meio literário e por continuarem a serem respeitadas senhoras de família, mesmo adentrando territórios considerados ainda impróprios à suposta natureza feminina.

¹¹⁴ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.444.

¹¹⁵ Sobre a educação destinada ao público feminino em Teresina ver: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. Cap. 2.1, p. 59-80.

A mulher, como todos sabem, deve ser instruída, não só porque a instrução lhe dá mais realce como também porque a habilita para todos os misteres da vida, para o bom desempenho dos deveres que lhe são inerentes.

Muitos pensam que a mulher deve esmerar-se mais na educação doméstica, eu, porém não penso assim, acho que ela não deve conquistar títulos que não estejam ao seu alcance, mas deve estudar e trabalhar muito com o fim de ter certos conhecimentos seguindo assim o exemplo de Maria Amália Vaz de Carvalho, Júlia Lopes de Almeida, Inês Sabino e tantas outras que têm sabido se impor por sua vasta ilustração.

‘Educar a mulher, diz Maria Amália, é levá-la a compenetrar-se do seu papel providencial na família, e, achá-lo grande, útil, elevado, digno de saciar as mais levantadas ambições, e também o que é de uma importância capital de pesar com uma responsabilidade tremenda no ânimo mais altivo’.

A instrução é a base da vida, a mulher instruída tem entrada franca em toda a parte, e finalmente a instrução é um tesouro que todos devem buscar.¹¹⁶

É perceptível no texto citado acima que havia uma redefinição do que seria a educação feminina: uma verdadeira riqueza com a qual todas as jovens senhoras deveriam ser contempladas pela importância que a mulher teria principalmente para o desenvolvimento da educação dos filhos. Por sua vez, as mulheres que ainda estavam privadas do acesso a uma mínima instrução regular recebiam cada vez mais atenção, por sua condição frágil diante da sociedade moderna. Clodoaldo Freitas alertava em suas crônicas sobre o perigo que circundava as moças de seu tempo, haja vista que as mesmas estariam expostas aos vícios e depravações ocultos nas “cenas imorais” de espetáculos teatrais e nas revistas que circulavam no período. Além disso, os perigos que ameaçavam as mulheres também poderiam ser encontrados nas igrejas – que ele julgava ser um local que se cultivava o fanatismo religioso –, nos passeios públicos – nos quais as moças estariam suscetíveis às conquistas amorosas de homens inescrupulosos – e por fim, a ameaça também estaria oculta nas leituras de romances – excessivamente libidinosos para mentes tão despreparadas, segundo julgava o autor.¹¹⁷

O literato pertencia ao grupo daqueles que defendiam uma instrução mais coerente com as necessidades da família moderna. Na crônica *O feminismo*, Freitas é enfático quanto ao tipo de mulher que a sociedade estava ajudando a formar: um perfil feminino deslumbrado com ostentação e beleza física, e ainda indiferente a tudo o que se relacionava ao lar – referia-se então às chamadas mulheres frívolas. O autor acreditava que os indivíduos se preocupavam em valorizar a estética feminina em vez de realçar as qualidades morais “[...] por isto achamos

¹¹⁶ A.B. Adorno de mulher. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905, p. 1.

¹¹⁷ FREITAS, Clodoaldo. *O feminismo*. In: FREITAS, 1996, p. 73.

graça na desfiguração da mulher pelos arrebiques e pós de arroz, dentes postiços e cabeleira, espartilhos e anquinhas. Tudo nos agrada, até as jóias falsas.”¹¹⁸ Nesse sentido, o individualismo – invenção legitimada pela sociedade burguesa – estaria cada vez mais presente entre aquelas que pertenciam ao “sexo frágil”, fazendo as mesmas ignorarem a importância dada ao ambiente doméstico. Destarte, o lar, o marido e os filhos seriam relegados a segundo plano, para que as mulheres se fixassem nas chamadas ilusões da vida mundana.

Essas mudanças observadas por Clodoaldo Freitas eram resultado da própria forma de significar a mulher no início do século XX. A chamada mulher moderna fora lapidada a partir de um perfil feminino que havia sofrido poucas transformações no decorrer dos séculos XVIII e XIX, mais precisamente uma mulher originada a partir do modelo de vida familiar patriarcal. Consideramos a noção de patriarcalismo partindo das contribuições de Durval Muniz de Albuquerque Júnior acerca do tema, quando o autor procura enfatizar que o patriarcalismo foi uma ideia construída em um dado momento histórico, no qual o mundo moderno reforçava a desestabilização de discursos e valores que determinados grupos sociais tentavam reafirmar diante de uma sociedade que se encontrava em processo de alteração das suas formas de organização.¹¹⁹ Deste modo, um dos perfis femininos mais frequentes no período anterior à emergência dos valores burgueses diz respeito a mulheres com escassos ou nenhum tipo de instrução, geralmente criadas dentro de um círculo familiar fechado, com raras possibilidades de participações de sociabilidades externas e dedicadas às tarefas domésticas independentemente de sua condição civil.

Logicamente o tipo feminino traçado neste estudo não corresponde a todas as mulheres que viveram naquele período. Afinal, as particularidades de cada região e grupo social conduzem a alteridade das formas de condição feminina. Na verdade, a imagem feminina passou por mudanças quase imperceptíveis até a emergência dos valores da sociedade moderna, durante a virada do século XIX para o século XX, quando foi possível evidenciar que os papéis sociais delineados para homens e mulheres poderiam concorrer para a formação de indivíduos mais próximos ao ideal de civilidade e produtividade que o mundo burguês tentava erigir.

Entretanto, desde a segunda metade do século XIX, progressivas alterações foram se delineando em redor da família. Aqueles modelos de matronas apáticas, reclusas e sedentárias

¹¹⁸ FREITAS, 1996, p. 73.

¹¹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 135-148.

dos casarios coloniais retratadas por Gilberto Freyre¹²⁰ deram lugar a mulheres afáveis, menos recatadas e suficientemente preparadas para se apresentarem agradavelmente em círculos sociais extradomésticos. Uma vida nitidamente mais social começava a se firmar para aquelas mulheres. Por sua vez, essas mesmas famílias passaram a ter mais flexibilidade em permitir e até mesmo induzir o acesso das mulheres ao mundo da educação e ao mundo do trabalho.

Isto posto, a reclusão da figura feminina entrava nos idos dos novecentos como uma ideia retrógrada e incompatível com as necessidades do mundo moderno. Nesse sentido, o celibato religioso era uma das práticas criticadas por Clodoaldo Freitas não apenas porque o literato possuía orientações de livre-pensador, mas principalmente porque ele julgava que a referida prática seria capaz de transformar moças em seres ignorantes. Na crônica *Uma desiludida*, o literato disserta sobre o caso da fuga de uma moça fluminense de um convento. A razão para o abandono daquele lugar provavelmente estaria no seu desapontamento no momento em que parou de delirar por efeitos de um fanatismo religioso, para enxergar quão insalubre e triste era o espaço de um convento. Recintos como esse, onde segundo Clodoaldo Freitas, a falta de higiene, as penitências e as mulheres vitimadas por histerias crônicas provocavam desilusões em corações ainda puros, deveriam ser evitados, pois a ideia de reclusão social por motivos religiosos era compreendida como ultrapassada. Para o literato, o mundo moderno estava voltado “[...] para o trabalho, para o amor, para a família. [...] O homem, ser social, deve viver na sociedade, cooperando para os fins sociais, concorrendo para a sua inteligência e com a sua atividade para o desenvolvimento da riqueza e do bem estar da comunhão.”¹²¹

Na verdade, a rejeição pelo celibato tinha origem não apenas no discurso dos livre-pensadores, mas também entre os higienistas que julgavam a maternidade como o destino ideal da mulher, sendo que o celibato contribuiria maleficamente para a saúde feminina. Por isso, as mulheres solteiras teriam maior propensão a sofrer de transtornos físicos e mentais.¹²² Clodoaldo Freitas condenava as práticas tradicionais que cultivavam a ignorância e a superstição entre homens e mulheres, incluindo o celibato religioso. Contudo, a reclusão aliada à falta de interesse pela instrução feminina persistiam, entre algumas famílias, como uma prática aceita.

¹²⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

¹²¹ FREITAS, Clodoaldo. *Uma desiludida*. In: FREITAS, 1996, p. 28.

¹²² MATOS, Maria Izilda Santos de; MORAES, Mirtes. *Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940)*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 31, jan./jun 2007.

Ainda sobre a educação ministrada às mulheres, esta continuou a receber atenção especial dos literatos. As opiniões convergiam para a ideia de que o desinteresse pela instrução das meninas e das moças resultava em uma formação nitidamente limitada. O resultado seria que esse tipo de educação poderia afetar a sua constituição intelectual e ainda causar danos à própria honra feminina, pois estando despreparada para o convívio social, estariam elas mais vulneráveis às chamadas tentações da carne. Segundo Rachel Soihet, para a literatura médica do período, a mulher seria naturalmente suscetível aos desejos libidinosos se não recebesse uma proteção específica encontrada na família.¹²³ Logo, fora do lar e distante da função materna, as chances de acontecer um desvirtuamento feminino seriam significativamente maiores.

Devemos também ressaltar o cinema, o qual, segundo alguns literatos, constituiu um dos lazes mais nocivos à preservação moral das famílias. Acerca desse assunto, Clodoaldo Freitas e Elias Martins¹²⁴ reforçaram o alerta para a formação moral feminina ameaçada pelas fantasias transmitidas pelas fitas cinematográficas que receberam um avolumado número de espectadores entre as décadas de 1910 e 1920, em grande parte das cidades brasileiras. Segundo Martins, na obra *Fitas*, seria “a mulher quem mais padece dessa enfermidade. Exaltada imaginação, natural pendor para o fruto proibido [...] deixa-se embalar pelas regiões da fantasia”.¹²⁵ Nessa perspectiva, o descontrole das emoções femininas afetaria diretamente as suas ações, sendo que as mulheres estariam mais suscetíveis a incorrer em desvios morais. Já Clodoaldo Freitas, no artigo denominado Os cinemas, considerava que os pais estavam cometendo um grave erro permitindo o acesso de senhoras e de donzelas nas salas de exibição, pois “cenas de degradante realidade amorosa” eram mostradas ao público com grande naturalidade. O autor sugeria ainda que as famílias estavam sendo incoerentes em relação aos cuidados com a proteção da moral de suas mulheres, pois enquanto, dentro do lar, havia toda uma preocupação em restringir as leituras de romances naturalistas, fora do recinto doméstico, permitiam idas aos cinemas e a peças teatrais, que reproduziam “os atos mais absurdos de voluptuosa ternura”.¹²⁶ O resultado não seria outro, senão, o aprendizado de formas diferentes de corrupção e de imoralidade:

¹²³ SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. (1890-1920)* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

¹²⁴ MARTINS, Elias Firmino de Sousa. (Picos-PI, 1869 – Teresina-PI, 1936). Magistrado, político, jornalista e escritor. Publicou as seguintes obras: *Frei Serafim de Catânia* (1917); *O poder das trevas* (1913) e *Operário da Boa Vinha* (1920). Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: [s.n.], 2003. p. 241.

¹²⁵ MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920, não paginado.

¹²⁶ FREITAS, Clodoaldo. Os cinemas. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, [São Luís], v. 3, 5 abr. 1908.

Não há inocência capaz de ignorar as ternuras amolentadoras de uns beijos trocados em momentos de tentação amorosa. A menina a mais ingênua vê os amantes se estreitarem febricitantes num abraço, beijando-se numa carícia sublime e fica compreendido como essas coisas, que ignorava e de que não tinha a mínima ideia se passam nas alcovas entre um homem e uma mulher que se amam.¹²⁷

Na ficção de Clodoaldo Freitas encontramos também momentos em que o autor trata sobre a instrução feminina, revelando como a mesma poderia ser expressa na vida prática. No romance *Por um sorriso*,¹²⁸ Carlos e Teresa constituem o par romântico do enredo. Convidado por Teresa e sua família para um passeio no Tamancão, uma localidade próxima a São Luís, Carlos deixa-se encantar por uma jovem viúva de apenas 25 anos. Entre os deslumbramentos dessa paixão e as incertezas de Carlos acerca do amor de Teresa, podemos visualizar episódios em que é retratada a formação feminina. Teresa havia recebido uma educação que pode ser definida como apropriada para as sociabilidades familiares da época: fazia leituras orais das notícias do folhetim para a família, arriscava-se a escrever poesia e consumia a literatura que circulava no período. Entretanto, aos olhos do narrador, o esmero de Teresa tinha os seus limites, como no episódio em que ela não conseguia repetir a façanha dedicada a Carlos de compor versos que traduziam os seus sentimentos. Para consolá-la, Carlos dizia que não faltava a ela inspiração e sim “a faculdade da expressão”.¹²⁹ No episódio em questão, evidencia-se que a prática da escrita seria ainda prioritariamente masculina e para mulheres como Teresa, faltava a posse dessa prática, embora a poesia não fosse exclusivamente um território dos homens. Acrescente-se, também, que o hábito da leitura era exercitado pela moça apenas por intermédio de Carlos, para acompanhá-lo nas conversas. Por apresentar-se como homem ilustrado e que dominava algumas áreas das ciências e da literatura, Teresa esforçava-se para demonstrar interesse por romances e poesias, entretanto a moça acaba se queixando da falta de conhecimento para compreender determinados assuntos.

Nesse romance, percebemos que no território do conhecimento, Teresa posicionava-se sempre inferior a Carlos. Ele, por sua vez, se dispunha a ensiná-la, a repassar um saber que muito provavelmente ela não havia recebido, para se refinar intelectualmente. Desse modo,

¹²⁷ FREITAS, 1908.

¹²⁸ Romance publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre 3 de outubro e 1º de novembro do ano de 1921. Em 2009 a obra foi relançada na forma de livro. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

¹²⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 28.

assumindo uma postura de educador, Carlos se permite moldar não apenas o gostos literário como também os costumes de Teresa. Podemos perceber que uma das formas de legitimação daquele que tem um domínio sobre o saber está na oportunidade de assumir uma postura de educador, de quem pode prescrever o que seria adequado. Carlos assumia esse papel com gosto, principalmente para tentar retirar de Teresa hábitos tidos como próprios de pessoas ignorantes. Vejamos a seguinte passagem do romance:

[Teresa] – Achas que faço mal trazendo esses bentinhos ao pescoço?

[Carlos] – Não digo que fazes mal, porque tudo quanto fazes é bem feito, porém acho que devias evitar tudo quanto é superstição e fanatismo. Uma senhora, que se preza, não deve andar com esses bentinhos, pendurados ao pescoço. Essas devoções da plebe ignara e pagã, não são atos da religião. A religião é o ideal do amor pelo desprendimento da personalidade. Ser religioso é pospor seu eu à humanidade e ceder aos outros sua própria existência. Que significa essa tola exibição religiosa, que não é cristã e vem evidentemente do paganismo? Por meu gosto, Teresa, não andarias com esses bentinhos ao pescoço, ao menos por higiene.

Quando Teresa voltou, já não trazia os tais bentinhos ao pescoço.

– Estás satisfeito? – Perguntou.

– Satisfeito por mim e, mais, por ti, minha boa amiga. Desejo que mantendas tuas crenças religiosas sem a mínima superstição, sem fanatismo. A superstição é indigna de uma pessoa educada cristãmente. Podes ser religiosa sem beatice, crente, sem fanatismo.

– Educa-me, instrua-me, Carlos.¹³⁰

A principal preocupação de Carlos está em não apenas preparar adequadamente uma mulher para a sociedade, mas também moldar aquela que ele desejava para futura esposa e mãe de seus filhos. Nesse sentido, a apreensão com a educação feminina acaba se voltando para a postura que a mulher assumiria dentro da família, um tipo de modelo feminino que estaria sendo formado dentro do recinto doméstico. Chamamos atenção também para outro romance de Clodoaldo Freitas, *Coisas da vida*,¹³¹ no qual é narrada a história de Plínio, estudante piauiense convidado a passar as férias do curso de Direito, com famílias do interior de Pernambuco, onde acaba tendo relações amorosas com as moças do lugar. Após a sua

¹³⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 23-24 .

¹³¹ Romance publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Diário do Maranhão* da cidade de São Luís entre 16 de dezembro de 1908 e 23 de janeiro de 1909. Em 2009 a obra foi relançada na forma de livro. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

chegada, em poucos dias, Plínio conseguiu compreender como eram os costumes, e em especial, a rotina das mulheres que habitavam aquela região dos engenhos:

As senhoras divertiam-se durante o dia, no trabalho ou lendo algum romance dos mais sentimentais e devotos, que o comendador escolhia, entre outros, *Graziela, Regina, Rafael, Paulo e Virgínia e Atala*.

Nessas leituras prejudiciais, funestas aos espíritos juvenis, sem o contrapeso de uma educação séria, as três moças saturavam-se de impressões violentas e carnavais. A vida para elas era de uma uniformidade embrutecedora.¹³²

O protagonista constata uma falha na educação ofertada àquelas moças. Camila – a jovem esposa do comendador –, Anica e Carlota – as irmãs de seu amigo Netário – compunham um grupo de mulheres que viviam abandonadas às tarefas domésticas e às fantasias dos referidos “romances sentimentais”. O prejuízo sugerido estava na ausência de preparação moral que as moças deveriam receber. Segundo Freitas, por desconhecimento, o regime familiar patriarcal formava moças ingênuas e suscetíveis a investidas de sedutores. O protagonista acaba assumindo o papel desse sedutor, ao não resistir às belezas daquelas mulheres com as quais se relacionava. O resultado dessa fórmula foi um ardente romance entre Plínio, Camila, Carlota e ainda mais duas jovens de famílias próximas, Hortência e Rosina. Esses relacionamentos, porém acabaram tendo consequências desastrosas. Esse tipo de relação amorosa é apresentada como danosa para as mulheres desse romance, a partir da forma como o autor encadeia os acontecimentos da narrativa. Para todas as moças que se permitiram levar pelas “leis inflexíveis” da carne humana foi reservado um desfecho trágico: Rosina fora assassinada pelo ex-noivo, Carlota morreu atropelada por um carro, enquanto Hortência foi vítima fatal de um aborto. Nesse sentido, como afirma Luís Filipe Ribeiro na obra *Mulheres de papel*, em casos onde a literatura assume um caráter prescritivo “[...] A morte é a necessária interrupção de um amor sem consequência. [...]”¹³³ Esse aspecto trágico encontrado na ficção de Freitas é um indício de como a sua escrita assume a tarefa de defender um preceito, uma lição a ser seguida, aos menos experientes. No caso em questão, a literatura expressava direcionamento, um ensinamento para as mulheres que, muitas vezes, se encontravam despreparadas para enfrentar as seduções da vida mundana.

¹³² FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p.7-8.

¹³³ RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel*: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 97.

Já vimos que havia um interesse pela educação feminina e esta era acompanhada de outras preocupações: como a mulher deveria ser educada? Que tipo de aprendizado ela deveria receber? Correr-se-ia o risco de ver os lares esvaziados, já que a mulher cada vez mais se interessava pelos assuntos da vida pública? Estes eram alguns dos questionamentos que a sociedade moderna se fazia, principalmente os homens modernos, que se ressentiam de estar perdendo espaço que antes eram exclusivamente seus, como o mundo do trabalho e o mundo das letras. Já se tornava uma certeza o fato de ser um equívoco deixar as mulheres à mercê da ignorância, sem receber nenhum tipo de polimento cultural, pois como já foi explicitado anteriormente, a ameaça recaía não apenas sobre a mulher, mas sobre a família que esta ajudaria a formar. Muito embora o investimento real na educação básica, seja ela direcionada a qualquer um dos gêneros, não tenha se concretizado com o mesmo entusiasmo em que se discutia sobre a importância da educação na imprensa do período, ainda seria válido confirmar um notório interesse não somente pela instrução feminina, como também pela participação das mulheres na cultura escrita.

Assim como havia o medo de formar mulheres incautas pela ignorância, também, permanecia o temor por aquelas que recebiam algum tipo de instrução e eram soltas nos salões sociais, sem ainda demonstrar um refinamento cultural. O debate na imprensa sobre esse tipo feminino girava em torno do comportamento de mulheres que colocavam a vaidade acima de todos os seus interesses, pois, se a mulher assumia uma postura cada vez mais diplomática, sendo a representante da família e do marido em espaços públicos, em salões ou ambientes domésticos, caberia a ela alcançar um equilíbrio entre as atividades do lar e as intelectuais, próprias da “mulher-ornamento”, que sabia receber e se apresentar publicamente. Os primeiros anos do século XX mostraram uma ebulição das formas de lazer, além das permanências dos tradicionais bailes familiares e das festas religiosas, os cinemas, os teatros, os saraus, os concertos musicais, os flertes nos passeios públicos, os encontros de sociedades culturais, recreativas e literárias constituíam um amplo cenário para as chamadas diversões civilizadas para as quais, os indivíduos eram convidados.¹³⁴ Tomar parte de hábitos vistos como superiormente cultivados era uma questão de alargamento da compreensão das regras de civilidade, sendo necessário que os homens e especialmente as mulheres do período, soubessem se portar adequadamente, não exagerando nas imitações das modas das revistas e fitas cinematográficas estrangeiras e preservando a responsabilidade das suas obrigações como esposas e mães.

¹³⁴ QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

Nesse debate acerca de uma possível predominância da frivolidade entre as mulheres, levantavam-se vozes em defesa destas. Sob o pseudônimo de Acácia, uma leitora do jornal *O Piauí* repreendia as críticas feitas a todas as mulheres apontadas como levianas, argumentando que seria impróprio afirmar que a postura de algumas moças incluiria todas as mulheres da sociedade.

[...] Por que tão desdenhosamente ataca a mulher chamando-a de frívola, leviana, enfeite de sala, boneca enfeitada e tudo que a possa amesquinhar? Que culpa? Nós, as mulheres, da frivolidade de sua esposa ou da sua filha, como você mesmo diz? Nenhuma.

Essas leviandades da mulher, esse pedantismo tolo, essas frivolidades tão comuns ao nosso sexo, são provenientes de uma falta de educação sólida e verdadeira. Mas, nem todas as mulheres, meu amigo, são frívolas. É verdade que as mulheres ignorantes ou falsamente educadas constituem a classe das ‘frívolas’ como você chama, mas, são tão poucas! A maior parte delas já se instrui, educa, sai fora do sentimentalismo caprichoso que a transforma numa nulidade; já se prepara para uma vida menos negligente, menos aborrecida.

A vida de hoje mais do que nunca exige de nós outros costumes, outra educação que não seja a de boneca de sala. Precisamos de uma educação que nos faça encarar-la sob o aspecto que ela se apresenta. Sem vaidade, sem orgulho, precisamos enfrentá-la de um modo diferente do que se tem feito até então! E não será isso que nos faz frívolas e cabecinhas de vento ao contrário nos prepara a um futuro muitíssimo elevado. [...]

Se a senhora é coquete, a sua filhinha está muito jovem ainda, procure educá-la no caminho do trabalho e da virtude, preparando-a para a sociedade e para a família, sem transformá-la em melindrosa e frívola.¹³⁵

Percebemos que a educação concentra todas as atenções referentes à conduta feminina. A ausência da instrução ou a aplicação desta de forma rudimentar seria, segundo os discursos da imprensa, responsável pelo despreparo da mulher não apenas no momento em que ela se faz representar publicamente transformando-se em uma fútil “boneca de sala”, mas a preocupação recai também sobre a manutenção da família. Para Jurandir Freire Costa, a mulher, desde o século XVIII, passou por um duplo processo de mudança do ponto de vista da higienização no Brasil: primeiramente, criticou-se a mulher confinada no espaço doméstico, incentivando-a a participar do convívio social; em seguida, a mulher foi reintroduzida no lar para cuidar dos filhos, condenando dessa maneira a figura da “mulher mundana”.¹³⁶

¹³⁵ Accácia. Meu amigo. *O Piauí*, Teresina, n. 164, 29 jul. 1926.

¹³⁶ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 255.

Esse deslocamento de interesses sobre a figura feminina está relacionado à própria constituição da família burguesa. Como a reclusão, a ociosidade e a ignorância eram condenadas como costumes a serem abolidos de uma sociedade que se desejava ser avançada culturalmente, a participação da mulher no mundo público se tornara inevitável. Destarte, a mulher intruía-se e cultivava-se cada vez mais, transformando a emancipação feminina numa possibilidade mais acessível. Entretanto, o avanço feminino esbarrava no lugar social já ocupado pelo homem, constituído pelo espaço do trabalho. Era necessário refrear o interesse da mulher pela vida mundana, mas sem reduzi-la novamente à condição de reclusa e ociosa como era o modelo familiar patriarcal.

No âmbito dos modelos femininos tradicionais, o papel de esposa era destacado por diversas vezes nas fontes analisadas e esse discurso que idealizava a mulher dentro do lar está principalmente vinculado à ideia do direito à educação feminina. Mais do que uma simples companheira, desejava-se que a mulher aprendesse a assumir um novo posicionamento dentro do lar. Igreja católica, médicos higienistas e juristas foram alguns dos maiores divulgadores da imagem “mãe-esposa-dona-de-casa” como modelo exemplar para o cumprimento das funções da mulher na família, nas primeiras duas décadas do século XX.¹³⁷ Dentro do casamento a mulher tinha a necessidade de se adaptar às demandas originadas pela rotina doméstica, executando com habilidade as tarefas relacionadas à organização do lar, à criação dos filhos, aos possíveis desentendimentos com o esposo, às despesas domésticas, a manutenção da harmonia entre os membros da família, a boa acolhida a hóspedes e visitantes, enfim, a tudo que envolvia a constituição e manutenção do lar como um recinto acolhedor.

Os manuais de etiqueta e ainda as chamadas notas de ensinamentos e de conselhos veiculados em folhetins e revistas femininas destinados às esposas se transformaram em moda, entre a classe burguesa na Europa, tendo tamanha aceitação, que também atingiram o Brasil. Júlia Lopes de Almeida¹³⁸ e Maria Amália Vaz de Carvalho¹³⁹ eram algumas das

¹³⁷ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque a Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998. p. 374.

¹³⁸ Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862 e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de maio de 1934. Casou-se com o escritor Filinto de Almeida, atuou como contista, romancista, teatróloga, abolicionista. Destacam-se entre suas obras os manuais *Livro das noivas* (1896) e *Livro das donas e donzelas* (1906) e na ficção *A família Medeiros* (1892), *A falência* e *Ânsia eterna*. Ver: COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. (Dir.) *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Global/ Fundação Biblioteca Nacional/ DNL/Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 1. p. 196.

¹³⁹ Maria Amália Vaz de Carvalho era portuguesa nasceu em Lisboa no dia 2 de Fevereiro de 1847 e faleceu na mesma cidade em 24 de março de 1921. Escreveu em várias publicações da imprensa portuguesa e brasileira com o pseudônimo de Maria de Sucena. Entre poesias, contos, ensaios, biografias e crítica literária temos os exemplos de: *Uma primavera de mulher* (1867), *Vozes do ermo* (1876), *Serões no campo* (1877), *Mulheres e crianças* (1880), *A arte de viver na sociedade* (1897), etc. Ver: COUTINHO; SOUSA, 2001, v. 1, p. 449.

escritoras reconhecidas no mundo das letras que se propuseram a prescrever normas de conduta às mulheres dentro do matrimônio.¹⁴⁰ Na imprensa veiculada em Teresina, é possível encontrar especialmente referências à obra *A arte de viver na sociedade*¹⁴¹ e ainda menções sobre a própria autora, pois Maria Amália Vaz de Carvalho era um dos modelos femininos merecedores de admiração, por sua atividade intelectual.¹⁴² Autora de romances e de livros de história ela também se dedicou a escrever um livro de ensinamentos às esposas para construírem e manterem a harmonia em seus casamentos.

No ano de 1905, o jornal *Gazeta* publicava um trecho extraído de *A arte de viver na sociedade*, enfatizando lições a serem seguidas por uma “dona de casa perfeita”.¹⁴³ Dentre os conselhos prescritos por Maria Amália Vaz de Carvalho destacavam-se a responsabilidade que a esposa tinha de “tornar a casa um centro alegre” e ainda uma série de conhecimentos específicos que a mesma deveria possuir para conseguir administrar a sua casa e a sua família. A consolidação do lar como um lugar sagrado possuía naquele momento uma nítida definição, por sua vez, a família teria a possibilidade de vivenciar os afetos que ligavam os indivíduos entre si. Desse modo, marido e filhos precisavam ser estimulados a sentir interesse pelo convívio doméstico, daí o encargo atribuído a mulher para criar o gosto pelo recinto doméstico. Entretanto, em vez de definir essa responsabilidade como algo negativo os discursos do período sugeriam a missão da mulher positivamente, levando a crer que o alcance da felicidade feminina estaria no reconhecimento do seu papel social de “rainha do lar”.¹⁴⁴

Vânia Carneiro de Carvalho também destaca em *Gênero e artefato* as transformações exigidas para o comportamento feminino na sociedade.¹⁴⁵ Os chamados manuais de etiqueta eram representantes dessa forma de pensar a “nova mulher”. Um modelo feminino que era múltiplo em si mesmo: a mulher teria que se apresentar como esposa amorosa, mas muito paciente; agradável, mas grave nas horas certas; uma exímia dona de casa, mas que mostrasse domínio em conhecimentos da culinária e da higiene; e por fim, comunicável, porém mediadora das relações intrafamiliares e extrafamiliares. Contudo, esse realce da figura

¹⁴⁰ BELLINE, Ana Helena Cizotto. Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? *Via Atlântica* – USP, São Paulo, n. 2, jul. 1999, p. 42-57.

¹⁴¹ Publicado pela primeira vez em Lisboa no ano de 1897. CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver na sociedade*. 4. ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Editora, 1909.

¹⁴² A.B. Adorno de mulher. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905, p. 1.

¹⁴³ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver na sociedade*. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 32, 24 ago. 1905, p. 3.

¹⁴⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun 2007, p. 23-37.

¹⁴⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material* – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

feminina recebia os seus limites, à medida que a chamada “mulher de sala” ou a “mulher ornamento” atravessava as fronteiras de seu gênero, ao tornar-se imperativa e geniosa. Dessa forma, os aconselhamentos constituíam-se como essenciais para a formação da mulher ideal, pois, segundo Vânia Carneiro de Carvalho:

A valorização da intimidade e o enriquecimento das relações sociais concorreram para a constituição do papel feminino de mediadora. Quando bem preparadas para a vida social, as mulheres de família abastadas representavam o chefe da casa participando de eventos beneficentes, circulando pelas ruas e lojas elegantes da cidade, mantendo a família em longas temporadas na Europa e nos hotéis de veraneio próximos à cidade, frequentando com conhecidos os cafés, restaurantes e bailes da cidade, mantendo e expandindo o círculo de relações familiares por meio de visitas frequentes, festas, jantares e saraus. A ‘mulher de sala’ ou a ‘mulher ornamento’ não era um simples acessório dos encontros formais; sua obrigação era agradar. Essa habilidade, tão cultuada pelos manuais de aconselhamento, traduz para a versão feminina uma função política fundamental perante a diversificação das relações sociais, que agora exigiam da família um esforço conjugado para arcar com o dinamismo das negociações econômicas e afetivas.¹⁴⁶

Como já destacamos anteriormente, houve o predomínio de uma multiplicidade discursiva das imagens femininas, entretanto foram os perfis mais próximos aos valores tradicionais que conquistaram um espaço maior dentro do mundo da escrita. Especialmente, para aquelas que estavam voltadas para os papéis relacionados ao âmbito familiar, observa-se uma supervalorização das atividades por elas praticadas. Existiam frequentes tentativas de laurear as esposas e mães como anjos, seres divinos, de moral ilibada e virtudes incontestáveis. A razão para essa exaltação da figura feminina estava no esforço de promover uma delimitação da função da mulher nesse período em que havia uma diluição das fronteiras entre os gêneros. Entre os discursos de autoria masculina, é perceptível esse excesso de elogios, principalmente sobre a maternidade, pensada como um ato de devoção e resignação. O exercício das funções maternas era alçado ao nível de uma superioridade não apenas moral, mas também espiritual, cujo ápice estava localizado no momento da geração dos filhos. *Queda de um anjo*¹⁴⁷ e *Mãe dolorosa*¹⁴⁸ são contos que enfatizam a maternidade como um momento a ser exaltado e valorizado na vida da mulher.

¹⁴⁶ CARVALHO, 2008, p. 106.

¹⁴⁷ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre os dias 12 e 14 de dezembro do ano de 1921. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e*

Na primeira narrativa, Clodoaldo Freitas aborda a história de Madalena, uma moça pobre, abandonada grávida pelo namorado, o Dr. Bernardes, um reputado rapaz da sociedade teresinense. Levada pelo desespero, a rapariga interrompeu a cerimônia de casamento do Dr. Bernardes com outra mulher, para entregar o filho ao seu verdadeiro pai. Para surpresas de todos no recinto, Adélia, a noiva, serenamente, se ofereceu para criar o recém-nascido. Comovida com o gesto, Madalena retira-se da igreja com o filho nos braços. O pai do noivo, o coronel Bernardes foi ao encontro da jovem mãe, acompanhando-a até a sua casa. Inicia-se, então, um diálogo entre os dois que possui como tema central a beleza moral conquistada pela mulher, quando ela se torna mãe. O coronel Bernardes realçou que, até mesmo aquelas que sucumbiram às fraquezas da carne, poderiam alcançar as virtudes adquiridas com a maternidade quando estas dão provas de amor incondicional aos seus filhos. No caso em questão, a moça intencionava sair de Teresina, sua cidade de origem, para assumir sozinha a criação do filho, contudo prometeu ao avô da criança nada contar a ela, para evitar que o menino alimentasse ódio contra o próprio pai.

Aos olhos do autor, Madalena acaba se regenerando, ao assumir a sua condição de mãe, mesmo após ter sido enganada e abandonada pelo namorado. Além deste sofrimento, o próprio reconhecimento da sua fraqueza como mulher apaixonada também é uma forma de reforçar para o leitor a ideia de que Madalena fora apenas uma vítima das mentiras contadas por um sedutor. No desfecho final de *Queda de um anjo*, Bernardes surge, arrependido, para pedir perdão à moça e fazer a ela uma proposta de casamento. Mesmo com a insistência do coronel Bernardes e da própria Adélia, Madalena resiste em aceitar o pedido por se considerar inferior, pois segundo ela sua concorrente teria muito mais predicados a oferecer como noiva por causa da sua beleza, da sua riqueza e da sua família. Nesse ponto da narrativa, Freitas consolida a regeneração moral de Madalena, não deixando dúvidas quanto a sua postura honrada, todavia não concede a ela a conquista da própria felicidade, pois a moça termina falecendo tragicamente vítima de um mal súbito, diante de todos.¹⁴⁹

outros contos que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Queda de um anjo*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p.195-202. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

¹⁴⁸ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Correio do Piauí* da cidade de Teresina entre os dias 15 e 18 de dezembro do ano de 1921. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Mãe dolorosa*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 203-212. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

¹⁴⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Queda de um anjo*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 195-202.

O conto *Mãe dolorosa* também traz a história de uma moça que fora abandonada grávida, tendo, igualmente, Teresina como espaço da narrativa. A protagonista desse enredo é Maria, por quem o personagem narrador acaba se apaixonando, ao se encantar com virtuosidade demonstrada por ela. Antes de condená-la pelos erros cometidos, ele considerou que aquela mulher fora alvo “das fatalidades fisiológicas e das misérias sociais. [Era apenas mais uma] Vítima da covardia de um miserável.”¹⁵⁰ Enquanto os dois caminhavam à noite pelas ruas de Teresina, Maria confessava a ele os temores íntimos que sentia pela aproximação do dia do parto, ao passo que ele a tranquilizava com declarações de amor e alimentava esperanças de recomeçar a sua vida ao lado dela e do filho que estava para chegar. O sentimento que Maria despertava no narrador era fruto da beleza moral que ela transmitia, ao demonstrar amor por seu bebê e vontade de criá-lo, ainda que sozinha, à custa de trabalho honesto. Nesse sentido, o personagem louva a trajetória de vida de Maria, que, apesar das desventuras sofridas, não era inferior a nenhuma das outras mulheres que conhecia, justamente pela condição que assumia, a de mãe:

– Olha Maria, a tua mocidade e a tua beleza são a auréola da tua virtude. Tua grande alma, como o cisne branco do poeta, voa sempre por cima da lama dos vícios sem nunca receber um salpico nas suas penas imaculadas. As tempestades não te arrastaram nem te prostraram. Vive e podes andar com a frente erguida, sempre bem alta entre todas as mulheres, porque és melhor e, por isto mesmo, bendita entre todas elas.¹⁵¹

Mãe dolorosa termina com a confirmação das angústias de Maria, pois ela morre de parto, no dia seguinte àquela conversa noturna. Muito embora a moça tenha apresentado uma grandeza de espírito, Clodoaldo Freitas segue uma linha na qual a sua escrita se aproxima do estilo pedagógico. Maria havia dado um mau passo na vida, assim, cabia a ela arcar com as consequências de ter um filho sozinha sem o apoio da família e, sobretudo de um marido. A morte de Maria foi o final escolhido pelo autor, para dessa maneira mostrar, às moças de sua época, que o “amor banal, lascivo, vivaz e efêmero”¹⁵² poderia trazer a felicidade de uma paixão, mas que este mesmo sentimento poderia ainda ser capaz de destruir a vida de sujeitos tão frágeis como as mulheres.

¹⁵⁰ FREITAS, Clodoaldo. *Mãe dolorosa*. In: FREITAS, 2009, p.203-212.

¹⁵¹ FREITAS, Clodoaldo. *Mãe dolorosa*. In: FREITAS, 2009, p. 206.

¹⁵² FREITAS, Clodoaldo. *Mãe dolorosa*. In: FREITAS, 2009, p. 204.

A produção ficcional de Clodoaldo Freitas muito se assemelha à escrita de romancistas brasileiros do século XIX. José de Alencar¹⁵³ foi um dos principais representantes dessa vertente literária, endereçada a um público leitor específico, formado por jovens solteiras e senhoras casadas, que receberam instrução adequada e viviam em um meio social em que o hábito de leitura era significado como uma expressão de refinamento cultural para ambos os sexos.¹⁵⁴ Escrita por homens e direcionada às mulheres tanto os folhetins como os romances se caracterizavam pelo objetivo pedagógico de seus enredos, ensinando às mulheres dos grupos altos e médios da sociedade o lugar que elas deveriam assumir na sociedade. Os contos *Queda de um anjo* e *Mãe dolorosa* de Clodoaldo Freitas aproximam-se dessa proposta produzida por José de Alencar, em que alguns dos seus personagens femininos – especialmente a prostituta Lúcia em *Lucíola*¹⁵⁵ – precisam passar por um processo de purificação para demonstrar aos seus leitores que, apesar dos erros morais porventura cometidos, a mulher continuava a manter intrinsecamente uma pureza de espírito. Igualmente ao personagem de José de Alencar, as protagonistas de *Queda de um anjo* e *Mãe dolorosa*, mesmo apresentadas como vítimas, precisavam se regenerar publicamente afinal, estavam corrompidas. Nessas condições, a mulher “ao errar não encontra o caminho de volta”,¹⁵⁶ e mesmo tentando se reabilitar, apenas a morte seria a única solução para expiar exemplarmente suas transgressões.

Toda essa romantização em torno da figura materna é resultante de um processo de transformação da concepção de família. Philippe Ariès¹⁵⁷ e Elizabeth Badinter¹⁵⁸ observaram, em seus respectivos estudos, que, especialmente nas sociedades ocidentais, ocorreram tênues transformações acerca da estrutura familiar. Desde o século XVIII, a partir da ascensão da classe burguesa, passou a haver uma drástica redução do número de agregados e da rede de parentesco, delineando-se um perfil de família nuclear, cada vez mais, resumido à presença apenas de pai, mãe e filhos dentro do recinto doméstico. Por sua vez, o surgimento da noção de infância teve início nesse mesmo período, quando se começou a compreender que os

¹⁵³ José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana (CE) no dia 1 de maio de 1820 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ) em 12 de dezembro de 1877. Foi jornalista, político, advogado, orador, crítico, polemista, mas ficou conhecido como um dos grandes romancistas brasileiros. José de Alencar iniciou atividade literária através dos jornais *Correio Mercantil* e *Diário* da cidade do Rio de Janeiro. *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865) e *Senhora* (1875) são algumas das suas principais obras. Ver: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p.15-17.

¹⁵⁴ RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 50-51.

¹⁵⁵ ALENCAR, José de. *Lucíola*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1973.

¹⁵⁶ RIBEIRO, 2008, p. 98.

¹⁵⁷ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

¹⁵⁸ BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

primeiros anos de vida de um ser humano mereciam atenção e cuidados especiais, e, simultaneamente surgiram, teses educacionais e médicas voltadas para a infância. Da mesma forma, a maternidade também emergia como uma condição a ser valorizada, enquanto se redobravam a atenção e o cuidado sobre os infantes. O primeiro convívio dos pequeninos no mundo se realiza com a mãe, inicialmente na gestação, em seguida na fase de aleitamento e, por fim, na educação para viver em sociedade. São estas as fases, sobretudo nos primeiros anos de vida, quando a mãe começa a ter sua presença praticamente obrigatória ao lado da criança. Consequentemente, o sentimento materno aperfeiçoava-se, sendo legitimado no âmbito social.

A força desse afeto acaba se traduzindo, também na produção literária do período, que buscou realizar um ordenamento dos papéis a serem assumidos pela mulher dentro da família. A mãe passou a ser significada como um ser divino, tendo a sua condição materna conquistado o status adicional de redentora da mulher. Principalmente dentro da igreja católica, o cotejo entre a mulher e a Virgem Maria começava a se tornar mais frequente, a referida instituição explorava essa comparação de maneira sistemática, para prescrever formas de comportamentos para as mulheres. Dessa maneira, o símbolo mariano se transformava na representação maior da pureza feminina e da maternidade ideal, na qual as mulheres eram convidadas a seguir através de valores, como “o recato, e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios [e] a ação educadora dos filhos e das filhas.”¹⁵⁹

Na crônica *Um infanticídio*, Clodoaldo Freitas define com clareza a posição que a mulher ocupa a partir do momento em que assume a condição materna e não rejeita a missão “divina” que a ela foi confiada:

A criança é a bênção de Deus, santificadora das culpas maternas. A mulher, que é mãe, transforma-se em templo digno de todas as adorações. A maternidade é o prolongamento da obra eterna de Deus, criador, no amor infinito pela humanidade sempre moça e formosa. A criança é o amor. Na sua fraqueza e na sua ignorância, a mãe é uma providência viva, que não descansa e não tem vida própria, embevecida no amor do filho. Esse amor é o laço misterioso que une a alma materna à alma dessa criança, a quem transmite, em carícias, toda a seiva bendita de seu coração, todos os eflúvios de sua alma. O amor de mãe tem alguma coisa de divino, porque se parece com a divindade na extensão, na bondade, na pureza e na infinidade. Quem pode limitar-lhe as expansões e a intensidade? O amor materno é o único sentimento humano que não tem refulhos, não tem egoísmo, não teme

¹⁵⁹ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 447.

sacrifícios, não mede obstáculos. É de todos os afetos o mais universal e tão belo no homem como nos animais.
O filho é o paraíso das mães.¹⁶⁰

O tratamento dado à condição materna progrediu de forma acentuada através dos séculos. Desde os primórdios da família moderna chegando às primeiras décadas do século XX, podemos observar uma divinização da mulher-mãe. Discursivamente, a maternidade deixava de ser pensada apenas como um acontecimento biológico e inerente ao sexo feminino para ser ampliada a uma experiência que enaltecia a função da mulher na sociedade e na família. Por isso, qualquer atividade feminina realizada fora do âmbito doméstico, ou seja, que não envolvesse os papéis de esposa e, sobretudo de mãe, era tratada como “subordinada, assessória e desviante”.¹⁶¹

Com relação às práticas discursivas acerca dos contramodelos femininos, tanto os jornais quanto o conjunto literário analisados neste estudo informaram que houve um predomínio dos modelos tradicionais da mulher sobre as imagens femininas transgressoras, como as feministas. No contexto local, não houve registros da mesma efervescência do que em outras partes do mundo acerca do desenvolvimento político de lutas femininas em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres. O chamado feminismo que vinha, desde meados do século XIX, chamando a atenção da sociedade para a inferioridade das condições políticas, sociais, civis e religiosas a que eram submetidas as mulheres, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa,¹⁶² não se reproduziu aqui com a mesma intensidade. Enquanto congressos, passeatas e manifestos agitavam a rotina de grandes metrópoles como Nova Iorque, Paris, Londres e Moscou, em nível regional a imprensa apenas se impressionava com o reboar das militantes sufragistas, que estavam do outro lado do oceano. Nestas paragens, a serenidade predominou entre as poucas mulheres que se habilitavam a participar do mundo da cultura escrita. A exemplo do periódico *Borboleta*, órgão de proposta literária e cultural, criado no ano de 1905 e organizado por três senhoritas da sociedade local, Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui.

Essencialmente entre os artigos publicados por aquele jornal, as lutas dessas patrícias concentravam-se em debater o acesso da mulher à educação. A atividade jornalística das jovens que participavam do *Borboleta* era considerada digna de elogios, por parte dos grupos

¹⁶⁰ FREITAS, Clodoaldo. Um infanticídio. In: FREITAS, 1996, p. 93

¹⁶¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividade e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 50.

¹⁶² GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

intelectuais masculinos pela “graciosidade” e “delicadeza” com que as distintas senhoritas tratavam de assuntos do âmbito da cultura letrada. Na verdade, a boa receptividade da ação daquelas mulheres como jornalistas está associada à postura por elas adotadas. Em seu estudo, Olívia Candeia Lima Rocha¹⁶³ destacou que a conquista de um espaço feminino na imprensa representava uma articulação entre as ideias apresentadas na imprensa feminina e os discursos socialmente aceitos que tratavam acerca do papel da mulher na sociedade.¹⁶⁴

Após serem contempladas com o discurso que incentivava o acesso à educação feminina, as mulheres passaram por um segundo momento no qual se valorizava continuamente a sua importância dentro do lar, mas devidamente ilustrada. Na verdade, o esforço estava em manter e conduzir de volta a mulher para o seio da família, onde como já afirmamos, essa nova mulher executava ativamente a sua missão maior: o cuidado de esposo e dos filhos. O *Borboleta*, em 1906, ressaltava a importância da educação feminina na vida dessas mães de família:

[...] E quanto é belo uma senhora ilustrada, bem educada e inteligente, dirigir seu lar doméstico. [...] A mulher ignorante não pode ser educadora daqueles que para o futuro hão de exercer importante papel na sociedade. Senhoritas lembrai-vos que a vossa pátria em vós, põe toda a esperança, a fim de que para o futuro possais exercer a nobre missão de educadora, dando à sociedade homens ilustrados que encham de orgulho vosso estremecido Piauí e o nosso caro Brasil.¹⁶⁵

Os discursos apresentados por parte da imprensa representavam a face atemorizada da participação feminina no espaço público e no mundo do consumo. A possibilidade da presença da mulher nas escolas, nas faculdades e nos empregos assumia a forma de invasão do território masculino, uma ameaça ao monopólio do homem, que se via obrigado a entrar em competição com a mulher. Da mesma maneira que os discursos em prol da função materna funcionavam como táticas para manter a mulher vinculada à família e ao lar surgiam também discursos que ultrajavam a figura feminina, criticando aquelas que buscavam ocupar espaços fora do mundo doméstico. A intenção desses discursos era valorizar as mulheres que

¹⁶³ ROCHA, Olívia Candeia Lima Rocha. *Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875-1950*. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

¹⁶⁴ ROCHA, 2007, p. 53-58.

¹⁶⁵ EM PROL da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905. p. 1.

privilegiavam o lar como espaço de exercício dos seus papéis sociais.¹⁶⁶ Sendo assim, a virago acabava se tornando a principal fonte de críticas acerca de uma conduta feminina que não seguia o modelo tradicional de mãe e esposa. Clodoaldo Freitas era um dos literatos que se horrorizavam com os caminhos escolhidos pela mulher moderna. O desinteresse dessas pela família seria uma forma de decadência do feminino. A vontade das mulheres em conquistar espaços tipicamente masculinos seria uma forma de enxovalhar-se publicamente, como explicita o autor na crônica O feminismo:

Estamos em um tempo em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja da vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio e até na política, já não falando nas igrejas, que são o seu elemento predileto.

A mulher só tem, hoje, vergonha de ser mãe, ou, pelo menos, a maternidade é a coisa que menos a preocupa, desde que pode alugar amas de leite e amas secas.

Tenho, a propósito, teorias antigas e profundamente radicadas no meu espírito. *Eu não posso entender a mulher fora do lar*. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou, pelo menos, um ser epiceno e desclassificado. Uma Luiza Michel me faz mal aos nervos. Por quê? Não sei.¹⁶⁷ (Grifo nosso)

Por que essa rejeição à mulher que atuava fora do lar? Como explicar esse repúdio às chamadas viragos? Quais são as razões que levaram a esse ressentimento masculino? Uma das formas de entender a postura de Clodoaldo Freitas é conhecer a personalidade por ele citada e que lhe causava tanta aversão. Louise Michel foi uma das figuras feministas mais conhecidas do século XIX. Professora francesa conquistou notoriedade, ao participar de movimentos políticos durante os seus 74 anos de vida. Poetisa e militante anarquista costumava usar vestimentas masculinas e trajes militares, para defender seus ideais em favor da igualdade de direitos para os trabalhadores e a liberdade entre os gêneros. Por diversas vezes, foi presa, passando temporadas na prisão e num exílio político. Seus biógrafos apontam ainda casos amorosos com alguns companheiros militantes e até mesmo com o escritor francês Victor

¹⁶⁶ Também na cultura popular é possível encontrar discursos que valorizavam uma conduta feminina voltada para a família, em detrimento de comportamentos – a exemplo da vaidade e da sensualidade – que colocavam em dúvida a moral feminina. Ver: GRILLO, Maria Ângela de Faria. A guerra dos sexos: preconceitos e estereótipos na literatura de cordel (1900-1940). In: NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; GRILLO, Maria Ângela de Faria. (Org.). *Cultura, gênero e infância: nos labirintos da História*. Recife: Editora da UFPE, 2008. p. 77-99.

¹⁶⁷ FREITAS, Clodoaldo. O feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 71.

Hugo.¹⁶⁸ Louise Michel era, portanto uma das figuras femininas que conquistaram fama internacional entre os séculos XIX e XX e, que, assim como George Sand, provocava olhares de reprovação até mesmo entre aqueles que eram favoráveis à igualdade de direitos entre os sexos.

A razão para a rejeição desse tipo feminino está na postura subversiva que este representava. Louise Michel atuava com vivacidade no mundo da política, a ponto de ingressar nas lutas anarquistas. Estes fatos por si só eram suficientes para receber críticas, haja vista que o espaço da política era definido como essencialmente masculino. A possibilidade da presença feminina entre os homens gerava apreensões quanto à estabilidade das relações entre os gêneros, pois os conflitos produzidos pela política poderiam colocar homens e mulheres de lados opostos, prejudicando dessa maneira, a manutenção da família.¹⁶⁹ Nesse sentido, atacar mulheres que invadiam o território masculino era uma forma de desvalorizar as feministas, apontando-as como ameaças reais à família e à sociedade como um todo.¹⁷⁰

Peter Gay percebe os conflitos resultantes dos avanços femininos durante o século XIX como uma disputa entre os gêneros. Na verdade, os temores masculinos em relação à mulher remontam à Antiguidade, mas foi na época vitoriana que este medo se acentuou com maior evidência. A partir do momento em que o feminismo ergueu-se como um movimento que buscava interferir nas legislações que inferiorizavam a condição feminina e tentava quebrar as hierarquias existentes entre os sexos, que privilegiavam, em vários aspectos, o masculino, os homens por sua vez, trataram de minar a luta promovida pelas feministas. Para responder as investidas femininas, a crítica e o escárnio constituíam-se como armas para arrefecer o movimento que buscava, dentre outras coisas, a educação feminina, o divórcio, o sufrágio universal e a igualdade de direitos civis entre homens e mulheres. Desse modo, os escritos que se voltaram contra o feminismo definindo as militantes como “mulheres assexuadas”,¹⁷¹ seres repulsivos desprovidas de afetividade e de atrativos físicos para conquistar um marido, se tornaram frequentes até as primeiras décadas do século XX, demonstrando que os ressentimentos poderiam se tornar em “[...] manobras do inconsciente que convertem pensamentos proibidos ou horripilantes em seus opostos: o sadismo se transforma em

¹⁶⁸ AUZIAS, Claire. Louise Michel. *Verve: Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo, n. 10, p.101-108, out. 2006.*

¹⁶⁹ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p.126.

¹⁷⁰ SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan. jun. 2007.

¹⁷¹ GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3. p. 143.

pacifismo, o medo de afeminação numa ostentação do machismo”.¹⁷² Em outras palavras, a ameaça feminina resultava em reafirmações dos papéis sociais: os homens estariam adaptados ao mundo, muitas vezes, sujo, oferecido pelo trabalho e pela política, enquanto que as mulheres eram fisiologicamente incompatíveis para essa rotina. Multiplicavam-se, então, as afirmações sobre aquelas mulheres que demonstravam interesse pelo espaço social oposto nada mais eram do que seres desclassificados e dignos de zombarias.

Para Clodoaldo Freitas, impedir a mulher de ter acesso à educação era um grave equívoco, no entanto, havia um limite quanto às áreas para as quais poderia a mulher expandir seus conhecimentos, pois, acima de tudo, a mulher deveria estar voltada para a família:

Na poesia e no romance têm aparecido mulheres notáveis, sobretudo no romance. Mas eu não contesto a aptidão das mulheres nem as desejo reclusas estupidamente nos seus gineceus. Não é este o meu pensamento. Quero que a mulher estude e aprenda sem pretensões a ser doutora, sem a vaidade alarmante de querer sair do círculo suave da família, onde deve imperar. Nada de mulheres eleitoras e guerreiras, políticas e santas.¹⁷³

Percebemos que a crônica *O feminismo* chega a ter um tom de alarme e de assombro, diante das mudanças da sociedade moderna, que, segundo o literato, suscitam a sensualidade, o egoísmo e a vaidade entre os indivíduos, ameaçando diretamente a pureza presente na família. A mulher deveria sim ser educada, mas para cumprir os “deveres” do seu sexo, diretamente relacionados com as funções de esposa e mãe. Fora disso, o feminino deixava de ser reconhecido como tal, para constituir-se em outro gênero – indefinido para alguns dos literatos do período em questão.

Muito embora Clodoaldo Freitas responsabilize os costumes modernos pelo arruinamento da família, o desregramento moral seria intensificado com a visível diluição das fronteiras entre os gêneros, pois, para ele, a “mulher moderna vai-se masculinizando, ao passo que o homem tende a afeminar-se. A inversão de papéis há de produzir a inversão dos costumes e da moral [...]”¹⁷⁴ Essa observação do literato está relacionada com uma ação executada pelo masculino e pelo feminino, que consiste na apropriação de aspectos que seriam próprios do sexo oposto. O corpo, os gestos e o comportamento carregam em si atributos que sugerem o pertencimento a um determinado gênero e, por consequência, a sua

¹⁷² GAY, 2001, p. 147.

¹⁷³ FREITAS, Clodoaldo. *O feminismo*. In: FREITAS, 1996, p.72.

¹⁷⁴ FREITAS, 1996, p. 72.

sexualidade. Entretanto, a forma como essa definição é configurada deve ser vista dentro de um processo histórico e atravessado por discursos que induzem à compreensão do que seria um homem e do que seria uma mulher. Como realça Guacira Lopes Louro, “[...] Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura [...]”¹⁷⁵ assim, devemos vislumbrar essa relação construída entre gênero e o corpo de que estamos tratando, pois as considerações feitas sobre esse processo de afeminização e de masculinização dos sexos, criticados por Clodoaldo Freitas seriam resultantes de alterações daquilo que era considerado como normal e socialmente aceito naquele período.

Já explicitamos anteriormente que os homens sofreram uma acentuação das sensibilidades, permitindo-se adentrar pelas práticas do amor romântico e do amor pela família. Já as mulheres tiveram a possibilidade de investir em formas de práticas culturais e sociais, que antes eram tolhidas, como o acesso à educação, ao trabalho e às chamadas sociabilidades modernas. Especificamente se tratando do feminino, percebe-se um realce da figura da mulher inserida nos lugares públicos da sociedade. Estando ela na rua, na escola e no trabalho, a mulher aproximava-se cada vez mais de práticas consagradas ao masculino.

A escrita era um dos territórios mais disputados e acima de tudo questionado por causa da presença ou da ausência da figura feminina. Escrever era ainda uma prática legitimamente masculina até meados do século XIX, quando surgiram as chamadas “mulheres escrevinhadoras”,¹⁷⁶ publicando livros dentro de uma esfera familiar. Essas autoras chegavam a ser até mesmo toleradas por parte da crítica literária masculina, uma vez que as mesmas não demonstravam interesse em competir no campo da literatura com os homens. Contudo, essa postura mais comedida não era assumida por todas as mulheres escritoras. George Sand e Louise Michel eram autoras que não só lutavam para fazer parte do mundo das letras como também buscavam ser reconhecidas intelectualmente, além de provocarem perplexidade pelo uso de vestimentas e modos masculinos. Para este tipo feminino, a escrita era considerada como uma prática a ser colocada em primeiro plano em suas vidas e era exatamente essa forma de pensamento que mais incomodava alguns homens do período, pois essa conduta sugeriria o estabelecimento de uma concorrência direta entre homens e mulheres.

Aquelas mulheres escritoras que conseguiam conquistar seu espaço no mundo das letras recebiam honrarias por suas produções intelectuais, quando a sua função de escritora não superava em importância o lugar que estava destinado às suas respectivas famílias. Nesse

¹⁷⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 81.

¹⁷⁶ GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3. p. 331.

caso, é possível apontar como opostos de modelos femininos Amélia Beviláqua¹⁷⁷ e Maria Amália Vaz de Carvalho, colocando-se em franca oposição a Louise Michel e George Sand que assumiam uma postura masculinizada e fora do arquétipo feminino de mãe-esposa.

O que se pode perceber nas produções discursivas dos primeiros anos do século XX é seu caráter orientador e disciplinador das condutas no meio social. No caso específico das mulheres, destinaram-se prescrições para delimitar as suas ações já que o feminino se fazia cada vez mais presente em espaços que eram antes pertencentes ao domínio masculino. A educação e o trabalho eram os maiores motivos de preocupações das escritas masculinas, haja vista que, isso era considerado como algo novo e até mesmo estranho para homens que haviam vivenciado há até pouco tempo uma ordem social que privilegiava uma verticalidade das relações entre os gêneros. Predominava ainda uma hierarquia na qual os homens representavam o domínio sobre os outros membros da família, exercendo um poder e um controle perante esposa, filhos e agregados.

A diversidade dos discursos referentes ao feminino, no período estudado, reflete um momento de transição da definição do que seria e do que se desejava de uma mulher. O declínio dos valores da família patriarcal era recente demais para a aceitação da mulher fora do ambiente doméstico. Apesar das possibilidades trazidas pela cultura burguesa, pela instrução e pelas formas de consumo do mundo moderno prevaleciam ainda discursos que privilegiavam a mulher exercendo o papel de esposa e de mãe. A construção da nova mulher não passava pela ideia de subverter os papéis de gêneros, afinal os homens continuavam a serem considerados chefes de família e as mulheres ainda seriam pensadas prioritariamente exercendo as funções de “esposa-mãe-dona-de-casa”. Na verdade, as mudanças observadas não são estruturais, mas remetem à forma como o papel da mulher poderia ser executado.

A partir dos discursos analisados, compreendemos que a educação se tornou mais acessível e mais desejada para as mulheres, mesmo que o exercício da mulher ilustrada fosse praticado especialmente dentro do lar; a idealização em torno do anjo do lar ainda se faria presente e bem-vindo por mais algumas décadas; enquanto que a maternidade continuaria a ser romantizada e até mesmo considerada como redentora do feminino; e por fim, contramodelos como a virago, mesmo sem representar uma ameaça concreta para literatos

¹⁷⁷ Amélia Carolina de Freitas Beviláqua nasceu em 6 de agosto de 1863 na cidade de Jerumenha (PI) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) no dia 17 de novembro de 1946. Romancista, contista, ingressou no círculo literário com o apoio do marido, o jurista Clóvis Beviláqua. Se tornou a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Piauiense de Letras e a primeira a se candidatar a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Principais obras: *Alcione* (1902), *Aspectos* (1905), *Através da vida* (1906), *Silhouettes* (1906), *Literatura e Direito* (1907), *Vesta* (1907), *Angústia* (1913), *Açucena* (1921), *Impressões* (1929), etc. Ver: COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. (Dir.) *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Global/ Fundação Biblioteca Nacional/ DNL/Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 1. p. 351.

como Clodoaldo Freitas, provocava receios na escrita masculina à medida que esboçava uma forma de feminino que entrava em conflito com o modelo tradicional de mulher discursivamente aceitável.

Os femininos aqui observados, tanto na produção jornalística, quanto na produção literária de Clodoaldo Freitas, são frutos dos desejos e dos medos masculinos. Os homens atravessaram a virada do século XIX para o século XX, de certa maneira, assustados com os deslocamentos da definição do gênero feminino, gerados não apenas pelo movimento feminista como também pelas mudanças sociais assumidas pela cultura burguesa. Alguns espaços como o trabalho, a política, a educação e as letras, que eram consagrados à masculinidade, tiveram que ser abertos para a mulher: uma presença considerada ainda estranha para a maioria dos homens.

Os discursos encontrados referentes a essa redefinição dos papéis de gêneros revelam que tanto a vida masculina quanto a vida feminina eram direcionadas ao lar, mais especificamente, ao casamento. Um lugar que começava a ser desejado como privilegiado para a concretização das realizações pessoais, ou seja, para além de um negócio entre famílias, outros interesses de ordem subjetiva começavam, naquele momento, a serem considerados na hora de contrair e manter um matrimônio. No capítulo seguinte, abordaremos as transformações que dizem respeito às relações conjugais.

3 PEDAGOGIA DOS SENTIMENTOS: IMAGENS DO CASAMENTO E DO AMOR

Corina

Sei que não somos imortais. Um dia
Há de a morte levar um de nós dois...
E aquele que ficar, triste ironia!
Lembrará o que for, anos depois?

Se eu primeiro partir, querida, apaga
O meu nome infeliz do pensamento:
Desejo que, ao morrer, me leve a vaga
Eterna e funeral do esquecimento!

Se a morte te levar primeiro, quero
Que vivas sempre assim, fulgente, terna
Dentro em meu triste coração, no esmero

De uma saudade imorredoura, e a vida
Leve a chorar-te numa dor eterna,
Das leis da morte a te eximir, querida.¹⁷⁸

No soneto dedicado à esposa Corina, Clodoaldo Freitas delineou uma relação marital pautada na solidez dos sentimentos. A morte é pensada como um obstáculo fatal para quem, como ele, se casara por amor, como a sua própria biografia revela.¹⁷⁹ Contudo, as lembranças daquele que ficava poderiam tornar imortal o sentimento amoroso. O chamado casamento por amor ainda era uma novidade no início do século XX, mas eram muitos os que sonhavam em concretizar esse ideal na sua vida sentimental para si. A vontade da família, entretanto, ainda predominava sobre as aspirações individuais.

A proposta deste capítulo é compreender de que maneira se configuravam as representações acerca das relações de gênero, do casamento e do amor em romances de folhetins publicados pelo literato piauiense Clodoaldo Freitas no período estudado. A intenção é realizar uma discussão que contemple, a partir daquelas narrativas, a análise de elementos que evidenciem um momento de transição entre valores tradicionais e modernos, pois a escrita permite oferecer uma possibilidade de reflexão sobre as formas de escrituração que se faziam dos modelos de gêneros e das relações familiares, culturalmente construídas naquele

¹⁷⁸ FREITAS, Clodoaldo. Corina. In: OLÍMPIO, Matias. Vida e obra de Clodoaldo Freitas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 26, n. 20, p. 26, dez. 1943.

¹⁷⁹ CUNHA, Higinio. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

período. O estudo apresenta três momentos principais: a forma como o casamento era desejado, vislumbrando como os sentimentos passam a interferir de maneira mais visível na escolha do futuro cônjuge; em seguida, de que maneira o modelo de amor romântico era construído dentro das relações amorosas; e por fim, problematizar como a literatura registrava os aspectos que poderiam minar a harmonia familiar, percebendo as consequências que a dissolução de um matrimônio poderia trazer.

Escolhemos como documentações principais os romances *Memórias de um velho* (1905-1906) e *Coisas da vida* (1908-1909) e ainda os contos *O divórcio* (1907), *Um segredo de família* (1907), *Os Barretos* (1912) e *Os primos* (1917), obras ficcionais de Clodoaldo Freitas que exploram o amor, o casamento e as possíveis agruras, que tornam a vida marital insustentável, como temas que compõem as narrativas. Por corroborarem à escrita de Freitas, apresentamos também as contribuições de intelectuais que lhe foram contemporâneos, acerca do debate, em especial de Luís de Moraes Correia,¹⁸⁰ que discorre sobre a possibilidade de legalização da dissolubilidade do matrimônio no Brasil. Selecionamos as referidas obras, com o intento de analisar como os textos apontados assumem a forma de uma escrita que pretende interferir no contexto social em que foi produzida.¹⁸¹ De forma especial, nos detemos na escrita ficcional, verificando seu caráter prescritivo, quanto à vivência das relações amorosas para homens e mulheres.

3.1 Os arranjos matrimoniais

Uniões legítimas ou não, sempre fizeram parte do meio social, entretanto, as formas de estabelecer vínculos entre um homem e uma mulher se alteraram de acordo com o contexto de cada período. Mary Del Priore, em *História do amor no Brasil*,¹⁸² ao fazer um painel do século XIX sobre o assunto, realça que, entre os arranjos matrimoniais, havia o predomínio da

¹⁸⁰ Luís de Moraes Correia. Nasceu na cidade de Amaração (atual Luís Correia) em 23 de dezembro de 1881 e faleceu em Fortaleza no dia 23 de outubro de 1934. Professor, magistrado, jurista e jornalista. Algumas de suas obras publicadas: *O habeas-corpus e os interditos*, *O crime e a pena*, *O divórcio*, *A questão social*, *O Porto de Amaração*, *O amor e o crime*, dentre outros. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: [s.n], 2003. p. 381.

¹⁸¹ Entendemos a escrita dos literatos do período como uma prática discursiva que busca produzir um sentido ao meio social para o qual se direciona, o objetivo principal desta atividade é legitimar o lugar de sujeito dos literatos, através do ato de escrever. Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v.1. p. 226.

¹⁸² DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

posição imperativa da família dos nubentes para a realização do casamento. Nesse cenário, as uniões eram pensadas quase que exclusivamente como contratos que oportunizavam a preservação dos patrimônios familiares de uns e a ascensão social de outros. Aqui, os aspectos financeiros emergiam com destaque, primeiramente, pelo dote que se constituiu como uma prática comum, especialmente entre os grupos que detinham um poder aquisitivo considerável. A necessidade de impedir a dilapidação das riquezas da família incentivava os casamentos consanguíneos, exemplarmente vistos entre primos e também entre tios e sobrinhas.

Mas, gradativamente, os interesses que moviam o mercado matrimonial foram se alterando e no início do século XX as mudanças, que já eram vislumbradas em anos anteriores, tiveram a possibilidade de se concretizar. Nesse momento do estudo, veremos que os sentimentos ainda não haviam entrado plenamente em cena, no que tange aos arranjos matrimoniais, pois as razões tradicionais continuavam a predominar na hora de selecionar o futuro cônjuge. No entanto, uma nova forma de definir o casamento estava sendo construída, nesse sentido, o amor deixava de ser apenas uma ideia romântica, para ser também “o cimento de uma relação”.¹⁸³

Inicialmente, devemos realçar um ponto em comum que diz respeito às duas primeiras narrativas de Clodoaldo Freitas, que serão aqui analisadas, *Memórias de um velho*¹⁸⁴ e *Coisas da vida*.¹⁸⁵ As referidas tramas apresentam um narrador que relata sua trajetória de vida para o leitor, a partir de uma idade avançada. É do alto dessa maturidade que o narrador produz um relato que se propõe configurar, para os mais jovens, uma possibilidade de instruir, de preparar para os infortúnios da vida. A escrita prescritiva se faz presente no conjunto ficcional de Freitas, para apresentar aos leitores, quais as relações amorosas eram legitimadas socialmente e quais eram as posturas desejadas, para homens e para mulheres dentro de um relacionamento. Também é possível compreender de que maneira as narrativas dos fatos dessas duas obras de Clodoaldo Freitas se configuram como escritas masculinas, que remetem ao posicionamento do autor frente aos temas por ele abordados. Percebemos, então, que existe entre os dois protagonistas – Milo e Plínio – um perfil comum: homem, culto, pertencente a uma família de grupos médios da sociedade, detentor de ideais políticos, republicano, abolicionista e anticlerical e que valoriza a virtude do trabalho masculino e a beleza moral

¹⁸³ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 231.

¹⁸⁴ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

¹⁸⁵ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009.

feminina. Todos estes elementos apontam para um modelo burguês de masculinidade,¹⁸⁶ cada vez mais frequente não apenas nos textos ficcionais como também na realidade social.

Em *Memórias de um velho*, o personagem narrador Emílio/Milo conta sua história de vida permeada por dissabores. Na juventude, ele perde os pais e os irmãos, vitimados por uma epidemia que assolava o sertão piauiense e depois passa pelo sofrimento de perder aquela que considerava o grande amor da sua vida: Santinha. Este é um dos momentos de maior aflição do personagem durante o romance, pois se encontra pobre e sozinho, lhe restando apenas uma vida errante, ao lado de um grupo de ciganos. Nessa fase da vida, Emílio afasta-se de um perfil masculino ligado ao mundo do trabalho, à polidez social e à participação dos homens no âmbito doméstico, para se perder em uma existência marcada pelos vícios. A percepção da pluralidade ajuda a compreender a impossibilidade de manter os personagens masculinos e femininos dos romances de Clodoaldo Freitas presos a um único modelo de gênero. Seus personagens se posicionam, para além de qualquer modelo fixo, e não seria lícito atribuímos a eles apenas um modelo de masculinidade e feminilidade. Isso implicaria em reducionismo, já que as suas ações não se enquadravam nas práticas discursivas em que estes estavam envolvidos, no que tange aos papéis de gêneros e às relações familiares. Afinal, gênero é uma categoria de análise que recusa o caráter fixo e permanente das identidades.¹⁸⁷ Por sua vez, as generalizações dos papéis de gêneros devem ser evitadas, uma vez que as representações masculinas e femininas aqui tratadas não cabem em formulações previamente dadas, pelo contrário, espriam-se para fora dos limites a ela estabelecidos e revelam a historicidade dos modelos de masculinidade e feminilidade.¹⁸⁸ Desse modo, os personagens aqui analisados não representam fidedignamente homens e mulheres dos grupos altos e médios do final do século XIX, mas permitem vislumbrar as construções culturais acerca das identidades de gênero no período analisado.

Voltando ao romance *Memórias de um velho*, no intuito de vislumbrar as possibilidades de relações amorosas, chamamos atenção para o caso de amor entre Milo e Josefina. O protagonista após ter sofrido a dor de perder Santinha para a morte, se surpreende, ao perceber que ainda podia sentir uma “paixão violenta”, ao vivenciar um romance com Josefina. Mesmo sendo esta uma mulher casada, Milo não hesitou em se entregar a uma relação que, aos olhos

¹⁸⁶ GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 14.

¹⁸⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16, v. 2. jul./ dez. 1995. p. 93; SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de; SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997. p. 64.

¹⁸⁸ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 27.

da sociedade, seria considerada ilícita. Para ele, no entanto, era o amor que deveria prevalecer diante da lei:

Dessa noite em diante o tempo que Josefina podia roubar ao marido, vinha passar comigo. Algumas vezes narcotizava-o. O nosso amor encrudescia cada vez mais e o gozávamos sem remorsos, perguntando por que Jorge se viera meter entre nós e confessando que não tínhamos nada que ver com a brutalidade social, que pretende impor suas regras ao coração e dizer a uma mulher, que pertença, durante a vida, a um homem sem consultar seu coração conscientemente por esta sentença iníqua e tola. A sociedade impõe um absurdo. Nos revoltamos contra ela. Quem tem razão: a lei? o uso? a moral? Não: o amor. O amor é o laço do casamento, mas torná-lo eterno e aquele temporário, é inverter a essência da própria natureza das coisas. Nessa luta travada entre o amor e a lei, a mulher é a prejudicada. [...] O casamento devia estar dependente do amor e não pretender ser imorredouro e eterno. [...] E depois vêm os juristas bradar contra o adultério feminino.¹⁸⁹

Neste trecho, as relações amorosas eram representadas na produção literária de Clodoaldo Freitas. Convenções sociais como o casamento não deveriam ser cristalizadas, mas adaptadas às necessidades dos homens. Em casos como o de Josefina e de seu marido Jorge, quando a ligação se baseava apenas em um contrato social, o matrimônio acabava se constituindo num empecilho para o amor e até mesmo num estorvo para um dos cônjuges. No caso em questão, o eu-narrador considerava Jorge inferior a ele em todos os aspectos. Uma fraqueza física e moral que sequer permitiram ao marido traído conseguir vingar a desonra sofrida após a descoberta da traição da esposa: em um duelo, no qual as armas eram punhais, Jorge teve um fim trágico na narrativa, sendo derrotado e morto por Milo. Em situações semelhantes a essa, quando o marido se mostra, por qualquer motivo, indigno da esposa, a mulher acaba se tornando a principal vítima de um casamento infeliz. Isso seria, aos olhos do narrador, um equívoco da legislação, que impedia e condenava as esposas, que em tal situação, tentassem buscar a felicidade ao lado de outro homem que fosse socialmente igual ou superior a ela. Nesse sentido, o adultério feminino, quando praticado pelas razões apresentadas, poderia ser consentido, desde que o amor fosse a principal das motivações.

Muito embora após a morte de Jorge, não houvesse mais obstáculos que impedissem a união entre Josefina e Milo, este resolve partir. Havia a possibilidade de o casal constituir casamento, no entanto, aquela relação era pautada apenas no desejo carnal e, para o

¹⁸⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 39.

protagonista, a escolha de uma esposa passava por critérios que iam além de saciar os instintos. Tempos depois, Emílio resolve se casar e constituir uma família, consolidando a construção de uma masculinidade, tal como delineada pelo autor Clodoaldo Freitas. Mais maduro, estabelecido numa pequena cidade do interior do Piauí, prosperando na sua atividade comercial e benquisto na sociedade em que vivia, o personagem já não acreditava que apenas o amor e os atributos físicos constituíssem os elementos principais para a escolha da sua futura esposa. Seria necessário, ainda, levar em consideração os valores morais de uma mulher. Nesse momento, os modelos ideais de feminilidade são postos em discussão, almejando apontar qual seria a melhor imagem feminina a ser valorizada, para a felicidade conjugal e para a manutenção de uma família:

A escolha de uma mulher sempre me pareceu um problema grave e perigoso na vida. A mulher é nossa companheira e depositária da nossa honra. Dela emana a nossa felicidade pública, a nossa paz e a felicidade da nossa prole. [...]

A minha idade não me permitia certas ilusões próprias dos rapazes, que procuram, na mulher, a carnação, as formas, a parte física. Eu buscava a moral. A beleza feminina passa com os primeiros filhos e só fica, com os anos, a beleza moral, eterna na sua santa primavera, que o tempo cada vez mais aformoseia. [...]

Vivia na vizinhança uma moça filha única de abastado fazendeiro, notável pela beleza e pela bondade. Todos a estimavam e a elogiavam pela suas muitas virtudes. Modesta, econômica, simples, trabalhadeira, Guilhermina reunia a meus olhos todas as condições necessárias em uma mulher.¹⁹⁰

O casamento entre Milo e Guilhermina se concretizou atendendo principalmente aos ideais do período, que sugeria critérios que contemplavam a formação de um modelo de família moderna. O protagonista buscava algo a mais do que a beleza de um corpo, mas uma companheira a quem pudesse confiar a manutenção de uma casa e a criação dos filhos, que iriam chegar. De fato, Guilhermina reunia todos esses atributos e foi exatamente esse ideal feminino de “rainha do lar” que possibilitou a sua escolha por Milo, para ser sua esposa, haja vista que a sua meta não era vivenciar uma paixão arrebatadora como aquela consumada com Josefina, e sim constituir uma família com uma mulher que pudesse cumprir devidamente as obrigações atribuídas a uma esposa perfeita.

¹⁹⁰ FREITAS, 2008, p. 62.

Seria equivocado afirmar que inexistia o amor dentro desse casamento apenas porque nenhum dos nubentes demonstrava, antes de contrair núpcias, qualquer sentimento, a exemplo das paixões dos relacionamentos da mocidade de Milo. Provavelmente, o sentimento ainda era um dos motivos que justificavam o enlace matrimonial, no entanto o amor dentro deste tipo de casamento deveria ser vivenciado de maneira calma e racional.¹⁹¹ Para Clodoaldo Freitas, o casamento motivado apenas por interesses amorosos ou sexuais era quase sempre infeliz, pois abria brechas para o sentimento de posse descontrolado, o ciúme, as paixões violentas e os chamados crimes passionais. Deste modo, a harmonia familiar desejada deveria ser construída, a partir de um relacionamento mediado pelo sentimento e pela razão, sendo necessário considerar também as qualidades morais dos cônjuges. Idealizava-se, no início do século XX, um casamento em que o respeito se sobrepuja ao prazer.¹⁹² Nesse sentido, a criação de modelos de feminilidade e masculinidade se tornavam essenciais para a formação das novas uniões: para as mulheres, o recato, a docilidade, a obediência e a fidelidade; para os homens, a dedicação ao trabalho, a formação intelectual, a cortesia e a afetividade nas relações familiares.

As discussões em torno da forma idealizada para tratar das relações amorosas e de suas respectivas fases – o namoro, o noivado e o casamento – podem também ser apreendidas em *Coisas da vida*, que narra a história de Plínio, estudante piauiense convidado, pelo melhor amigo, a passar as férias do curso de Direito, com distintas famílias do interior de Pernambuco. Ali se envolve em relações amorosas das quais tenta se desvencilhar, sem afetar a sua imagem perante a família e as moças que o receberam no lugar. O seu perfil polido, culto, educado e galanteador conquistou a admiração daqueles que conviviam dentro do modelo patriarcal e tradicional dos engenhos. Nesse lugar, vivia o comendador Herculano e a sua família, que, segundo a descrição do narrador, possuíam práticas muito próximas ao modelo patriarcal, pois mantinham costumes arraigados, presos a uma enfadonha rotina do campo, com trabalhos domésticos, rezas e jogos de cartas como diversões noturnas.

O cenário encontrado por Plínio, de fato, remete a um núcleo familiar voltado para o regime senhorial e escravocrata, no qual o poder sobre os filhos, a esposa, os agregados e escravos da casa estavam na mão de Herculano. Eram eles que compunham o meio social do comendador, e o jovem hóspede percebeu que era preciso se adaptar àquele ambiente para ser aceito pelo dono da casa e, conseqüentemente, por todos os familiares. Por isso Plínio fazia

¹⁹¹ MACFARLANE, Alan. Amor e capitalismo. In: MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 178.

¹⁹² DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 251.

uso do seu estilo de estudante galanteador, para expressar modos e ações que destacavam o seu perfil de homem culto e com nobreza de caráter.

Em menos de uma semana eu estava familiarizado com os donos da casa completamente identificado com os costumes deles. Ia aos terços, ajoelhava-me devotadamente ao lado do velho, que via nisto uma grande beleza de meu caráter. A afeição, que me dedicava, ia num crescendo animador para o meu orgulho, mesmo porque, amando-me, o velho consentia que todos me amassem. E amavam-me, bem vi logo pelos gestos, risos e olhares das duas irmãs formosíssimas de meu bom colega e amigo.¹⁹³

Realmente não demorou muito para Plínio conquistar o afeto do comendador, que passou a tê-lo como um integrante da família, sendo tratado por Herculano como um querido membro da família e, conseqüentemente, como um verdadeiro irmão, pelos filhos do fazendeiro. Esse novo modelo de masculinidade baseado na cortesia e no posicionamento de um homem envolvido com as letras também teve boa recepção do Barão de Ingá e de sua família, que também receberam a todos em sua fazenda, para a realização do festejo de Santa Luzia.

É nessa temporada na fazenda do Barão que ocorrem as principais investidas amorosas que apimentam a narrativa. A polidez nos gestos e ações de Plínio conquistaram os outros homens das duas famílias, que viam a sua conduta com profunda admiração, contudo as mulheres eram as mais encantadas com o modo cortês do jovem estudante. Assim, declarações de amor começam a emergir simultaneamente pelas dependências da fazenda. Plínio, porém, administrava a situação com a mesma elegância com que sempre se conduzia. Hortência, Carlota, Rosina e Camila: jovens, belas e dispostas a amar. São elas que configuram a teia de relações de Plínio, nesse período de pouco mais de um mês, na região de engenhos em Pernambuco.

Coisa da vida de Clodoaldo Freitas nos possibilita perceber o modo como um literato – no seu lugar de sujeito masculino – compreendia os amores de juventude, pois era durante a sua vivência que se deveria experimentar os prazeres proporcionados pelo amor. Esse romance trata de uma possibilidade de fantasia sexual masculina, se posicionando como uma escrita pedagógica, ensinando aos homens de sua época a desfrutar de momentos sublimes de

¹⁹³ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 9-10.

relacionamentos amorosos, sem extrapolar os limites, ou seja, mantendo as aparências sociais de um jovem galanteador, mas respeitoso.

Plínio descreve suas experiências amorosas, com todo o entusiasmo provocado pelas impressões deixadas por suas namoradas. Nesse momento, o narrador faz uma exaltação do prazer sexual masculino, ao sugerir que o amor deveria ser intensamente vivenciado, resultando em momentos definidos como abençoados, próximos de uma experiência de vida no paraíso. Estudos anteriores acerca da sociedade burguesa apontam que o período de noivado de um casal poderia oferecer oportunidades para a experimentação sexual, sem que isso fosse compreendido como algum tipo de desonra. A inocência nestes casos era compreendida como algo relativamente flexível,¹⁹⁴ em outras palavras, as práticas sexuais poderiam ser efetivadas a partir de um modo de pensar que permitia ampliar a definição de moralidade, pelo menos para quem se dispusesse a compreender que os desejos sensuais também deveriam ser vivenciados. Além disso, dentro das classes populares, a sexualidade também poderia ser vivenciada sem tantos limites, sendo que a consumação do ato sexual, antes do matrimônio, por mais de uma vez, não implicava necessariamente na deslegitimação do casamento ou na culminância de uma união informal.¹⁹⁵ De acordo com o contexto social, as regras matrimoniais podiam mudar significativamente.

De fato, Plínio não resistia aos prazeres da vida, considerando que a juventude era o momento certo para experimentar as emoções produzidas pelos breves encontros amorosos. No interior ou na cidade, as ocorrências de encontros amorosos combinados eram recorrentes. Plínio as definia todas como “delícias do céu”.¹⁹⁶

Retiramo-nos para nossa república, que ficava em casa separada. Eu tinha feito crer aos companheiros que vira uma mulatinha e estava com a cabeça a juro e em via de conquista. Na hora aprazada, debaixo dos jambeiros, encontrei Rosina e a mesma cena divinal fez nossos corpos se saturarem de um gozo, que nem os bem aventurados experimentam no céu. Esses encontros se reproduziam frequentemente aí. Ao meu quarto, que tinha entrada reservada pela horta, de vez em quando ia Camila ou Carlota. Tais aventuras me traziam assustado, cheios de dolorosas apreensões. Se fosse pegado?

E jurava não reincidir. Mas não podia conter-me. Meu Deus, como aquelas três mulheres eram belas e sedutoras!

Eu tinha tanta exuberância de vida e de mocidade!

¹⁹⁴ GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 68.

¹⁹⁵ ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

¹⁹⁶ FREITAS, 2009, p. 70.

A paixão em nós era tão veemente e sentíamos tamanho gozo em tudo isto!¹⁹⁷

O enredo sugeria que a vida na fazenda permitia encontros amorosos com mais facilidade, e os discursos acerca da masculinidade reforçavam a ideia de permissibilidade das práticas sexuais fora do casamento como algo desejável pelos homens e pela sociedade da época. Até mesmo para D. Camila, a jovem esposa do comendador Herculano Calvacanti, foi possível vivenciar a paixão ao lado de Plínio. Numa perspectiva que aprofunda a análise acerca das relações amorosas burguesas do final do século XIX, o casamento poderia se constituir, em determinados casos, como a mais licenciosa das instituições, ao permitir a ocorrência de aventuras amorosas, resguardadas pela proteção social e moral do matrimônio.¹⁹⁸ Além disso, cabe apontar que Clodoaldo Freitas talvez pudesse estar criticando essa forma de casamento: aquela em que existe uma considerável diferença de idade e de posses entre os cônjuges. Mais uma vez, emerge a ideia de que, em determinadas situações, o casamento poderia ser considerado um empecilho, quando o marido não era merecedor da esposa. Camila tinha 20 anos de idade, era apenas alguns anos mais velha que as suas enteadas Anica e Carlota, o que sugere a ideia de que o seu casamento teria sido motivado apenas por arranjos sociais e não por algum tipo de sentimento. Camila seria, então, aos olhos de Clodoaldo Freitas, uma vítima de uma relação conjugal privada de amor. Desse modo, suas ligações amorosas com Plínio seriam parcialmente aceitáveis, caso ela mantivesse a imagem de esposa fiel e dedicada, diante de todos. O adultério feminino caracterizado como uma relação ilícita ocorria protegido, quando vivido de uma forma racional, que não visava subverter a ordem estabelecida, ou seja, em nenhum momento da trama, os dois amantes levantaram a hipótese de dar fim ao relacionamento conjugal, preferindo ocultar a ocorrência dos seus encontros amorosos. Nesse aspecto, Camila se diferenciava das outras jovens do engenho, justamente, por expressar um amor que, de certa forma, parecia abnegado, pois não objetivava prender de maneira egoísta o amado para si própria, mesmo sabendo da concorrência de outras mulheres pelo amor do jovem estudante. Plínio confessa para o leitor, em um dado momento da narrativa, reconhecer que os sentimentos de Camila eram verdadeiramente sinceros, comparados às paixões desmedidas das suas outras pretendentes:

¹⁹⁷ FREITAS, 2009, p. 74.

¹⁹⁸ GAY, 1989, p. 68.

“Como seu amor era profundo e desinteressado! Como ela devia sofrer no seu isolamento e na sua mudez! Ela, sim, me amava.”¹⁹⁹

Ao longo da referida disputa amorosa, Clodoaldo Freitas destaca o bom desempenho de seu protagonista, ao se desdobrar em numerosos encontros amorosos pela fazenda, com jovens e belas mulheres. A potência masculina é colocada em destaque como uma possibilidade de despertar fantasias sexuais de seus leitores, haja vista que era comum, até as primeiras décadas do século XX, que os primeiros encontros amorosos dos jovens acontecessem em meio a temporadas de férias dos estudantes, nas fazendas de seus colegas de faculdade. Centenas de casamento dos filhos de famílias abastadas, ou não, ocorreram através de contatos em festas religiosas e piqueniques pelo sertão nordestino.²⁰⁰ Contudo, não devemos generalizar a ideia de que a intimidade dos casais era intensamente vivenciada antes do casamento formal. Estamos tratando de uma narrativa que expressa apenas uma das possibilidades de fantasias sexuais masculinas naquele período.

As jovens mulheres de quem até agora falamos aceitaram vivenciar a paixão inspirada pelo fascínio produzido pelo belo estudante de Direito. Entretanto, a consumação desse desejo tem seu preço, pois a mulher do final do século XIX vivia num mundo onde era idealizado um modelo de feminilidade, aquele socialmente aceitável. Valorizava-se a mulher virtuosa e honesta – no sentido moral e sexual. Em nenhum momento, Plínio recusou o amor oferecido por Camila, Hortência, Carlota e Rosina, mas não deixou de defini-las como mulheres caprichosas, sedutoras e voluptuosas. A escolha desses modelos femininos como esposa não era aconselhável aos homens, pois este tipo de mulher apenas traria desentendimentos e infelicidade à vida conjugal. Exemplo de rejeição a essa forma de feminilidade está na antipatia à atitude de Carlota, quando esta desprezou, por mero capricho, o pedido de casamento feito ao comendador, por Plínio, divertindo-se com a situação constrangedora em que deixara seu pretendente. Para solucionar a questão, o jovem rapaz aceitou a proposta do Barão para firmar compromisso com a sua filha Hortência. E em pensamento Plínio sentia-se aliviado por ter se livrado de Carlota, passando a considerá-la “[...] uma mulher feroz, que encheria de amargura a minha vida inteira”. O casamento com ela fatalmente se transformaria em “uma fogueira infernal”.²⁰¹

A maneira de criticar modelos femininos que possuíam características inaceitáveis para os valores sociais da época era um elemento comum na literatura na virada do século XIX

¹⁹⁹ FREITAS, 2009, p. 94.

²⁰⁰ FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 256-259.

²⁰¹ FREITAS, 2009, p. 69.

para o XX. Para Elizabeth Badinter, essas agressões ao feminino eram expressões de um mal-estar da masculinidade com as transformações sociais do período. Exemplo dessa instabilidade do sujeito masculino está nas sucessivas crises de identidades que homens europeus e americanos vinham enfrentando, no período de transição entre os séculos XIX e XX, principalmente, por causa da emergência da nova mulher, que começava a questionar os tradicionais papéis de mãe e esposa. O resultado foi o recrudescimento da circulação de obras misóginas, sinalizando as angústias de homens perturbados pelos efeitos que aquele modelo de feminilidade provocava no sexo masculino, exigindo que este também estivesse adaptado à nova realidade.²⁰²

De todas as moças que havia conhecido em sua temporada de férias, Plínio se dizia mais atraído por Rosina, filha do coronel Leopoldo. “Vê-la, foi sentir dentro de mim a sedução do amor, que eu ainda não experimentara e bem via que era desses amores dominantes e eternos. Sempre que nossos olhares se encontravam, eu via que seus olhos cintilavam um fulgor estranho.”²⁰³ Esta seria uma paixão tão forte, que, para ele foi praticamente impossível manter sua postura de homem cortês e respeitoso, quando se encontrou, meses mais tarde, com Rosina e seus pais a passeio pela cidade de São Paulo, onde dava continuidade a seus estudos. Mais uma vez, o ardor por Rosina se fez prevalecer e Plínio sentiu-se incapaz de conter a ocorrência de encontros amorosos, que foram notados pelo coronel e sua esposa: “Aquela rapariga era uma louca e me fazia enlouquecer em seus braços. Pode haver homem ajuizado e virtuoso com semelhante mulher, tão formosa e tão cativante?”²⁰⁴ Perguntava-se o protagonista que não encontrava outra alternativa senão aceitar o casamento repentino que os pais de Rosina impuseram a ele, mesmo estando os dois jovens comprometidos com outras pessoas.

O casamento foi realizado para resguardar moralmente Rosina, mesmo a contragosto de Plínio, que tinha consciência de que poderia ter evitado essa situação, se conseguisse resistir às chamadas tentações da carne. No entanto, a literatura de Clodoaldo Freitas sugere que, durante a mocidade, os sentimentos e os desejos tendem a irromper mais vigorosamente. Vejamos algumas de suas exposições sobre as saídas noturnas de Plínio: “Essas nossas saídas alta noite não causavam reparo aos companheiros, porque fazíamos nossas tafularias noturnas pela senzala, cada qual sem embaraço dos outros, conforme a precedência do ajuste.”²⁰⁵ De maneira semelhante, Plínio conseguia dissimular seus momentos ditosos sem ser repreendido.

²⁰² BADINTER, Elizabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 15-22.

²⁰³ FREITAS, 2009, p. 34.

²⁰⁴ FREITAS, 2009, p. 89.

²⁰⁵ FREITAS, 2009, p. 71.

E assim, seus encontros transcorriam, sem impedimento algum, também, com Camila como ocorreu, por exemplo, na primeira vez em que ela o surpreendeu com uma visita noturna a seu quarto: “Desprende-se dos meus braços e saiu resvalando pela sombra misteriosa. Corri atrás dela e tornei a estreitá-la loucamente nos braços emudecemos de novo na ânsia do gozo infinito”.²⁰⁶ Sobre Carlota, a irmã de seu melhor amigo, com quem se abrigou no escuro de umas árvores, para uma entrevista, ele assim se referiu: “Deus sabe que a carne humana tem leis inflexíveis e palpites irresistíveis em certos momentos há verdadeira transfiguração, nós entramos corpo e alma nas delícias do céu”.²⁰⁷ E por fim, ao lado de Hortência, que mesmo a considerando uma tola, pode desfrutar com ela algo mais do que os passeios pelas matas e rio, pois em determinado momento ela “[...] não teve coragem de lutar contra a fúria do amor e cedeu e caiu, e como as outras tomou gosto pelo amor cujas belezas apenas conhecia de ouvido”.²⁰⁸

Diante de tantas entrevistas, Plínio exaltava a mocidade como o momento de desfrutar do belo e do prazer. Mesmo entre aquelas mulheres definidas por um modelo de feminilidade ideal, como Hortência a sua postura virtuosa era questionada, pois as mesmas estariam apenas dissimulando os seus internos desejos eróticos.

Eu não quero insistir nas extravagâncias, que fizemos durante essas últimas quatro noites. Era preciso contentar as quatro e me multiplicava em furor erótico, em ternuras e carinhos como um nabuco louco, desperdiçando os diamantes do meu coração no regaço dessas fadas. Mulheres! Mulheres! E há ainda quem se iluda com risos de inocência, com esses gestos de pudor! De todas elas a mais bela e voluptuosa era Rosina. Que criatura soberba de carnação e volúpia!²⁰⁹

Eis aí uma possibilidade de ampliação dos papéis de gênero. A mulher que, no discurso dominante, teria seu papel no sexo subordinado a uma postura passiva, agora era realçada não somente como uma presença ativa, mas que também buscava prazer e que poderia levar um homem a se desvirtuar. A ficção de Clodoaldo Freitas acabava sublinhando uma sexualidade feminina que o discurso hegemônico procurava suprimir, temos, então, uma das contribuições

²⁰⁶ FREITAS, 2009, p. 45.

²⁰⁷ FREITAS, 2009, p. 72.

²⁰⁸ FREITAS, 2009, p. 75.

²⁰⁹ FREITAS, 2009, p. 78.

principais dos estudos de gênero na pesquisa histórica, ao permitir perceber a heterogeneidade quanto às formas masculinas e femininas, auxiliando à sua compreensão.²¹⁰

Apesar do sentimento amor ser uma presença constante nas juras trocadas em praticamente todos os eventos da narrativa de *Coisas da vida*, o que afinal prevaleceu na trajetória de Plínio, foi o casamento arranjado. As moças com quem se relacionara, apesar de pertencerem ao mesmo círculo social que ele, não representavam o modelo de esposa desejado pelo estudante. Isso porque a mulher ideal que ele almejava somente é apresentada na narrativa quando ele retorna ao Piauí, para visitar o tio que se encontrava doente. Aliás, a necessidade de uma viagem repentina foi o pretexto ideal, para Plínio se ausentar da fazenda e fugir da armadilha amorosa que ele acabara construindo para si mesmo. Plínio escondeu o fato de todos os moradores do engenho, mas, desde a infância, sua família mantinha compromisso com Adélia. Noivo da jovem, ele finalmente a conheceu na casa do seu tio e diante deste reafirmou o compromisso, ao ver, na jovem de 15 anos a reunião de elementos que considerava primordial para uma futura esposa, pois ela lhe parecia “inteligente e modesta, terna e grave, ativa e econômica”.²¹¹

As relações vivenciadas naquela temporada de férias supriam os desejos da carne, mas não contentavam a necessidade de compor uma família. A paixão nesse caso não teria, segundo o autor nenhum futuro. O casamento por escolha pessoal e movido pelo amor surgiu nas últimas décadas do século XIX se contrapondo ao modelo tradicional de escolher o futuro cônjuge: por interesses financeiros e familiares. A emergência do amor romântico é um dos elementos promotores dessa transformação das regras do mercado sentimental, entretanto os matrimônios consumados, sem considerar a paixão e o afeto ainda prevaleciam nas classes alta e média da sociedade brasileira.²¹² Mas o desfecho da obra de Clodoaldo Freitas *Coisas da vida*, com o casamento do protagonista com uma mulher virtuosa não aponta necessariamente para o modelo de casamento sem amor. Plínio, após retornar ao Piauí, depois de três períodos de viuvez seguidos, encerra o romance afirmando estar em “feliz abastança”, ao lado da família que havia constituído com Adélia, a mulher que ele, afinal, havia realmente desejado para si. Nesse sentido, a rejeição de Plínio pelas jovens com quem teve relações sexuais está longe de ser encarado como uma contradição, pois ele estava inserido em um

²¹⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de; SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997. p. 107.

²¹¹ FREITAS, 2009, p. 84.

²¹² DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 157.

modelo familiar burguês que prescrevia papéis definidos para cada membro da família e que permitia a vivência da sexualidade masculina fora do casamento.

O lugar de fala do protagonista de *Coisas da vida* é de alguém que narra a sua experiência de mocidade do alto da sua maturidade, ou seja, Plínio delinea a história de seus amores, quando estava em idade avançada e cada fato narrado por ele deveria ser compreendido por seu público leitor como uma lição de vida. Beatriz Polidori Zechlinski, em estudo sobre as relações de gênero nos contos de Nelson Rodrigues, destaca que as produções ficcionais caracterizadas pelo aspecto trágico em que culminaram os relacionamentos amorosos escritos pelo autor, na verdade apontam para como a vida não deveria ser.²¹³ Semelhantemente, podemos acreditar que a pedagogia moral traçada por Clodoaldo Freitas é, dessa maneira, direcionada para ambos os sexos, pois as suas histórias mostravam o contrário do que era socialmente aceito e valorizado no contexto social daquele período. Para as mulheres, especialmente as jovens em idade de se casar, a narrativa funciona como um ensinamento, sobre o que não deveria ser feito em um relacionamento fora do matrimônio. Carlota, Rosina, Camila e Hortênsia escolheram vivenciar as suas paixões, mas todas pagaram um preço por isso. De todas as jovens, somente Camila não teve um destino funesto, pois Rosina foi assassinada por vingança por seu primeiro noivo – Antônio Cândido – abandonado por ela; Carlota morreu tragicamente atropelada por um carro; e Hortênsia faleceu em consequência de um aborto. Apesar de todas elas terem lutado para se casarem com o homem amado, terminaram sendo punidas por fugir do modelo tradicional de feminilidade que exigia da mulher uma postura virtuosa, antes e depois do casamento.

A pedagogia da narrativa também era direcionada ao público masculino daquela época. As relações amorosas furtivas dos homens durante a juventude eram aceitáveis e até mesmo aconselháveis na sociedade durante a transição do final do século XIX para o século XX.²¹⁴ Esta seria, ao lado da erudição, da sensibilidade e da paternidade, um dos elementos afirmadores da masculinidade, por isso os encontros amorosos, quando possibilitados deveriam ser vivenciados pelos homens, para dar legitimidade a sua virilidade, já que as atitudes grosseiras e violentas como características masculinas estavam sendo cada vez mais desvalorizadas.

²¹³ ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. “A vida como ela é...”: imagem do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 29, p. 399-428, jul./dez. 2007, p. 399-428.

²¹⁴ COSTA, Mara Lígia Fernandes. *Devires e desvios: discursos, práticas ilícitas e relações de amor das mulheres populares em Teresina. (1900-1920)*. 2007. 107 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2007.

Muito embora esta fosse uma situação criada pelo próprio Plínio, este não demonstrou interesse em constituir família com nenhuma das suas companheiras. Na verdade, a sua saída repentina da fazenda do comendador Herculano, para regressar ao Piauí, atendendo ao pedido do seu tio, representou um alívio para o jovem estudante, pois este desejava se desfazer dos compromissos assumidos com as moças com quem se relacionava. Para Plínio, o ideal era se casar com Adélia e concretizar um relacionamento delineado entre as famílias dos dois, desde a infância. Adélia era o oposto das amantes de Plínio, Camila, Carlota, Rosina e Hortênsia não possuíam as qualidades morais exigidas para uma futura esposa. Na verdade, o romance de Clodoaldo Freitas ressalta o quanto o casamento motivado apenas pela satisfação dos desejos carnis poderia trazer de infortúnios, a exemplo dos mal sucedidos casamentos de Plínio com Rosina, Carlota e Hortênsia, que tiveram todos um desfecho trágico com a morte prematura de cada uma das jovens. Apenas Camila não teve um destino que a levasse à morte, pois, no final do romance, a jovem é abandonada por Plínio que, mesmo sabendo da sua gravidez deixa a fazenda, depois de ficar viúvo de Hortênsia, para regressar ao Piauí e posteriormente se casar com Adélia. No desfecho de *Coisas da vida*, a racionalidade do protagonista prevaleceu sobre as suas incontrolláveis paixões.

O período abordado é marcado pela instauração de novos valores da família burguesa que remetem a uma nova postura, a qual privilegia um indivíduo capaz de administrar os seus próprios sentimentos.²¹⁵ Considerando que os sentimentos – o amor principalmente – se tornam cada vez mais presentes no cotidiano, a escrita de Clodoaldo Freitas se constitui como uma forma de compreender como homens e mulheres deveriam se portar diante dos seus próprios relacionamentos. Casamento e amor não estariam necessariamente ligados um ao outro, embora os requisitos para uma união feliz e duradoura não se resumissem apenas a motivações de ordem financeira.

De fato, o amor teria um lugar privilegiado no casamento, desde que este sentimento fosse vivenciado de maneira racional. A sociedade burguesa acabou criando meios para disciplinar os indivíduos não apenas no aspecto moral e sexual, como também no campo das emoções. As produções literárias de Clodoaldo Freitas representam estratégias discursivas, para obter de homens e de mulheres um autocontrole dos seus próprios sentimentos. Se o amor romântico e o casamento por livre escolha estavam emergindo com evidência naquele período, os literatos manifestavam-se, através de seus escritos, para prescrever que relações amorosas deveriam ser vivenciadas, que relações deveriam ser evitadas, com o objetivo de

²¹⁵ D'INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: D'INCAO, Maria Ângela. (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 70.

atribuir racionalidade à composição de uma nova família. Afinal, os interesses se voltavam mais para a harmonia e a estabilidade conjugal do que para a exaltação dos sentimentos amorosos.

3. 2 Amar é quase um dever

Foi no decorrer do século XIX que o amor romântico conquistou significativo espaço dentro das relações conjugais, através da literatura e de um conjunto de outras transformações sociais que permitiram um refinamento do tratamento entre os esposos. A afetividade se tornou mais requisitada enquanto discurso e prática, tanto para criar como para manter os vínculos matrimoniais. Nesse sentido, palavras, gestos e carícias configuraram a representação de mudanças dentro da união homem e mulher. No conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas, observamos, especialmente nos romances *Memórias de um velho* e *Coisas da vida* vistos anteriormente, exemplos desse envolvimento sentimental: corpos trêmulos, abraços asfixiantes, beijos na boca prolongados, orgasmos, enfim, o prazer enunciado com maior intensidade não era apenas exclusividade do literato piauiense, mas um registro de que as alterações ocorridas nas regras de namoro se davam de forma não localizada. A apropriação dessa mudança de conduta dentro das relações amorosas resulta da difusão das normas de civilidade do período em questão. Se antes os beliscões faziam sucesso entre os enamorados do Brasil colonial, os longos beijos assumem lugar preferencial entre as carícias dos casais burgueses, sendo o beijo na boca a expressão máxima da paixão entre um casal.²¹⁶

Mas o que podemos definir como modelo ideal de união, quando a importância do sentimento para a existência de uma relação era realçada com tanta vivacidade? Primeiro, é necessário desmistificar a ideia construída em torno do amor. No estudo *A cultura do capitalismo*,²¹⁷ Alan Macfarlane destaca que até a década de 1980 a historiografia apontava que a sociedade ocidental conheceu o que definimos como casamento por amor apenas com o advento da cultura capitalista.²¹⁸ Entretanto, a expressão de sentimentos entre os indivíduos já

²¹⁶ O beijo de língua era considerado algo imoral mesmo na intimidade, sendo considerado na França um crime de atentado ao pudor. Ver: SIMONNET, Dominique et al. *A mais bela história de amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual do século XX*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. p. 138.

²¹⁷ MACFARLANE, Alan. Amor e capitalismo. In: MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

²¹⁸ MACFARLANE, 1987, p. 174.

era encontrada desde o século IX, pois o próprio modelo de casamento cristão propiciava essa realidade, com a defesa do celibato, da monogamia e da restrição do sexo, antes e fora do casamento. A propalada liberdade de escolha dos cônjuges – considerada por muitos uma invenção do mundo burguês – configurava-se então como uma possibilidade muito próxima e viável desde aquele período. Dentro do processo de formação da moral cristã da qual a união legítima constituía-se como elemento essencial, os discursos em torno do casamento variavam entre a sua rejeição e a sua valorização.

Para Ronaldo Vainfas em *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*,²¹⁹ as uniões conjugais chegaram a ser alvos de discursos teológicos que inicialmente hostilizavam o casamento, por considerá-lo um mal, na medida que ia contra o princípio da castidade. Nesse aspecto, a vida conjugal era representada como algo negativo para ambos os sexos, a partir do momento em que se maculava o corpo – ao permitir o desfrute da carne – e propiciava o desenvolvimento de desavenças, ciúmes, irritações, angústias e conflitos que poderiam levar ao crime.²²⁰ Essa reprodução discursiva do casamento como algo maléfico foi gradualmente dando lugar a uma forma de pensamento que enfatizava a união sacramentada entre homem e mulher como uma manifestação da aliança entre Cristo e Igreja. Dessa forma, a moral cristã conseguiu formular um modelo de casamento ideal, baseado na estabilidade da união, na fidelidade mútua e na permissão do prazer apenas no leito conjugal.

Quanto à escolha do cônjuge, esta ainda seguia tradições familiares, quando a realização do matrimônio era preferencialmente concretizada, de acordo com os interesses sociais e econômicos entre duas famílias. Nesse caso, os nubentes possuíam pouca ou nenhuma intervenção na escolha do futuro cônjuge. Contudo, as relações maritais concebidas a partir de sentimentos e da atração física sempre fizeram parte desse contexto, assim como também, em algum momento, tiveram maior aceitação do que outras formas de critérios para escolha de um(a) esposo(a). A prevalência do casamento por interesse sobre as motivações sentimentais pode ser compreendida dentro de um complexo conjunto de elementos que conduzem para diferentes aspectos, a exemplo da cultura cristã, do crescimento da urbanização, do surgimento do individualismo e de outros elementos que ajudaram a construir o cenário propício para instituição do casamento por amor. Deste modo, é mais conveniente pensar que as uniões motivadas por afeição não são frutos apenas do chamado amor romântico – este último sim, produto do século XIX. Na realidade, as atrações sentidas por homens e mulheres possuem uma longa história e cabe aos pesquisadores esmiuçar as suas variadas nuances.

²¹⁹ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

²²⁰ VAINFAS, 1986, p. 11.

Em artigo específico sobre o tema,²²¹ Clodoaldo Freitas aborda o amor como um evento perfeitamente possível na vida de uma pessoa, mas sua ocorrência limitar-se-ia a somente alguns privilegiados. Nessa perspectiva, indivíduos que possuíam excepcional elevação moral conseguiriam vivenciar o referido sentimento, em sua plenitude, vencendo quaisquer empecilhos impostos, até mesmo a morte. Contudo, esses amores eternos mencionados pelo literato são configurados a partir da irracionalidade humana, pois somente a loucura justificaria a manutenção de um culto à pessoa amada apesar da distância, do decorrer dos anos ou até mesmo da morte. Casos semelhantes a esses em que, uma pessoa se submete a uma devoção extrema, marcada por devaneios, provocados pela saudade revelam não somente uma prova de amor, mas também que o indivíduo, que assim agia, sofria de uma perturbação mental.

Prosseguindo em seus comentários sobre o amor, Freitas realça ainda outro elemento integrante desse complexo assunto: a diferença entre homens e mulheres no território dos sentimentos. Vista como pessoas que privilegiavam futilidades, os personagens femininos analisados pelo autor teriam a tendência de ser atraídos, com maior facilidade, para homens que demonstravam habilidades nas áreas que envolviam coragem, força, poder e riqueza em detrimento daqueles que expressavam gênio e talento nos campos da poesia, da música e das artes em geral. Aos seus olhos, os esforços de um poeta para a composição de versos profundos não receberiam de uma mulher o mesmo reconhecimento que um militar ou um milionário.²²² A natureza feminina estaria fadada a uma limitação da compreensão do verdadeiro talento masculino, o que impediria a mulher de gozar plenamente o amor, por não possuir a mesma sensibilidade que os homens, para se expressar na arte e na poesia. Essa perspectiva repousa na concepção em voga no período, em que a forma de pensar o feminino estava aliada a uma ideia que conceituava a mulher como um ser incompleto física e mentalmente.²²³

Sobre essa condição feminina, o literato conclui a discussão afirmando que, na realidade, o amor era algo inalcançável para os indivíduos de seu tempo, já que não mais era oferecido o valor merecido a esse sentimento como outrora. O momento em que Freitas escrevia seria um tempo em que revolução dos costumes e a masculinização da mulher colocavam barreiras adicionais, para a viabilidade das paixões eternas, de modo que estas

²²¹ FREITAS, Clodoaldo. O amor. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 101-104.

²²² FREITAS, 1996, p. 103.

²²³ ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 322-361.

eram conhecidas apenas nas páginas dos romances e dramas, pois, na vida real, “esquecemos e somos esquecidos”,²²⁴ em curto espaço de tempo quando as pessoas tratam de assuntos do coração:

Amamos e somos amados, como os colibris amam as flores! Eis tudo.
Os anos vão levando a essência perfumosa dessas sentimentalidades que nos obsediaram, nos encheram a alma de eflúvios, que julgávamos eternos e passaram céleres, como um sonho.
O amor vai perdendo a sua originalidade e beleza, esmagado pela materialidade do século, pela paganização dos nossos costumes. A masculinização da mulher despovoava o coração das ânsias do amor misterioso. Já não sabemos ou não podemos amar. O coração humano é um regulador público. Todos lhe podem dar corda e examinar-lhe as horas.²²⁵

Observemos, então, como Clodoaldo Freitas registra em sua obra ficcional o amor antes e dentro do casamento nos contos *Os Barretos*²²⁶ e *Os primos*.²²⁷ No primeiro relato, Clodoaldo Freitas apresenta a história de amor de dois primos: Pedro Barreto e Inácia, na qual o desfecho da trama é marcado pelo fim trágico dos dois amantes. No enredo o jovem casal deixa a cidade de origem, Crateús (CE) atingida pela seca, para tentar a sorte no Piauí. Acompanhado dos três filhos, ainda pequenos, Pedro e Inácia se estabeleceram em Campo Maior e passaram a viver de maneira muito simples, mas dignamente. Contudo, a tranquilidade do casal era sempre atormentada pelos ciúmes de Pedro, que, ao lado de elogios à beleza da esposa e de juras de amor, também costumava lhe fazer ameaças de morte. A vigilância do marido sobre os passos e as atitudes da mulher culminava em discussões e lágrimas, de forma rotineira, embora Inácia nunca tivesse dado, ao marido, motivos concretos que justificassem as suas suspeitas. Acerca de sua insegurança sobre o amor da esposa, Pedro Barreto afirma que os seus sentimentos foram gerados, quando ainda eram apenas duas

²²⁴ FREITAS, 1996, p. 103.

²²⁵ FREITAS, 1996, p.103-104.

²²⁶ Conto publicado pela primeira vez na revista *Litericultura* da cidade de Teresina no número do mês de maio de 1912. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Os Barretos*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 85-101. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

²²⁷ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no *Jornal de Notícias* da cidade de Teresina entre os dias 9 de novembro a 21 de dezembro de 1917. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Os primos*. In: FREITAS, 2009, p. 159-178. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

crianças, no momento em que a família havia decidido o futuro enlace matrimonial de ambos. O referido fato ajudava a mobilizar o protagonista a alimentar a paixão nutrida pela esposa:

[Pedro Barreto] – Tua mãe foi minha mãe, teu pai foi meu pai, porque meu pai, irmão do teu, morreu no Amazonas e minha mãe, irmã da tua, morreu, pouco depois, de desgosto. Fiquei órfão, em tenra idade e fui recolhido por teus pais. Eu tinha seis anos quando nasceste e a primeira vez que te vi, na tua redezinha branca, minha tia mandou que eu te beijasse, porque era teu noivo. Como teu noivo, te carreguei ao colo, te amei desde esse tempo. Nunca pensei que eu pudesse amar outra mulher e que pudesses amar outro homem. Tu crescias em beleza e meu amor crescia em desejos. Uma vez, recordo-me que te olhava e que me sorriste.

[Inácia] – Foi suspeita tua.

– Estou certo. Desde esse dia, porém, comecei a ter ciúmes de ti. Por quê? Não sei. Tenho ciúmes de tudo e não gosto da água que te banha, do vento que te beija, da flor que te enfeita, do sol que te ilumina, da rede em que te deitas, e fico contrariado quando te vejo beijando, carinhosa, os nossos filhos. Que queres? Eu sou assim e não posso modificar meu gênio.²²⁸

Os receios do marido acabaram se confirmando, Barreto descobriu que a esposa mantinha encontros com Manezinho, um conhecido da família. Para salvar o casamento, o marido decidiu se mudar com a família da cidade, mas, antes disso, Inácia abandonou a casa e os filhos para viver com outro homem. Visivelmente perturbado pela rejeição da esposa, Pedro tentou em vão, convencê-la a voltar para casa, mas Inácia insistiu em ficar com o amante e acusou Barreto de ser o responsável por despertar ideias criminosas em sua mente. Durante a briga Barreto tentou agarrar a esposa à força e esta, ao defender-se foi morta com uma facada no peito.

O modelo de amor apresentado em *Os Barretos* aproxima-se daquele descrito por Clodoaldo Freitas no artigo O amor, citado anteriormente. Nesse caso, o amor é mostrado como algo que está fora do limite da razão e, por isso, é capaz de provocar desilusões e sofrimentos para ambas as partes. Na narrativa, o personagem apresenta um amor que excedia ao que se qualifica como normal, a ponto de continuar a amar a esposa, mesmo após a sua traição e morte. A beleza feminina também pode ser apontada como outro elemento que precipita a sucessão dos fatos. No enredo, Pedro Barreto mostrava-se sempre preocupado com a esposa, pois tinha consciência de que Inácia era uma mulher que atraía facilmente olhares masculinos, por suas características físicas. Descrita como uma mulata, alta e encantadora, a

²²⁸ FREITAS, Clodoaldo. Os Barretos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 90.

jovem era constantemente abordada pelo marido com insinuações de adultério, como na ocasião em que Barreto suspeitou que Manezinho fazia visitas frequentes a casa, durante a sua ausência: “– [...] Olha bem para o que fazes e não penses que eu consentirei que me dêes um sócio. Farei tudo para salvar-te e, se algum dia perder a esperança da tua salvação, mato-te. [...]”²²⁹ Alertas como esse eram sempre dados por Pedro, possibilitando imaginar o desenlace final que a história tomaria.

Os ciúmes doentios que giravam em torno dos atributos físicos de Inácia constituem uma tese frequente na literatura romântica. Segundo Luís Filipe Ribeiro, a beleza de uma mulher, dependendo da posição social que ela ocupava, poderia sugerir que o erotismo e o adultério também se tornariam presentes na sua conduta, caso típico da mulher “perdida”.²³⁰ Deste modo, com a confirmação do adultério de Inácia, a queda moral feminina é exposta na narrativa, seguindo o padrão utilizado em seu conjunto ficcional – romances pedagógicos destinados às leitoras – a trama não poderia encerrar sem uma repreensão, pois, na literatura de Freitas, a traição feminina podia receber como punição até mesmo a morte.²³¹ O desfecho do enredo culmina com o suicídio de Pedro Barreto. Após um período de insanidade, provocado pelas saudades de Inácia, ele se enforca dentro da cadeia. A trama apresenta um modelo de casamento realizado por amor, entretanto, nesse caso, os sentimentos estão intimamente ligados a sintomas de loucura, o que fatalmente resultaria em crime passionai. A mensagem da história é a de que toda relação costurada, a partir de uma paixão insana, era vista como indesejável aos olhos da sociedade.

Em *Os primos*, o enredo centra-se também na história de amor dois primos, sendo que, nessa narrativa, o amor divide espaço com os interesses familiares no momento de constituir um casamento. O casal protagonizado por Lívio e Miloca tem a oportunidade de acertarem sua união, logo no início da história, quando Manduca, o pai da moça, questiona a filha sobre o seu interesse por Mendes, um segundo pretendente de Miloca, e não por Lívio, que já era um possível noivo destinado para ela, atendendo o gosto de toda a família. Contudo, a moça é enfática e convence o pai de que o casamento com o primo traria sua infelicidade, alegando um inexplicável asco que sentiria por ele. Diante do fato, Manduca opta por não obrigar a filha a casar contra a sua vontade e leva a família, inclusive Lívio, para uma temporada em

²²⁹ FREITAS, 2009, p. 94.

²³⁰ RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel*: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 89.

²³¹ O assassinato da mulher resultante da honra ferida de um marido traído é recorrente na literatura do período, Denilson Botelho destaca que na vasta obra do escritor Lima Barreto o tema também foi explorado, ver: BOTELHO, Denilson. *Letras militantes*: história, política e literatura em Lima Barreto. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001. f. 52.

Campo Maior (PI), cenário principal da narrativa. Na verdade, o passeio naquele bucólico ambiente sertanejo era apenas um pretexto para tentar aproximar os primos, especialmente Miloca, que se tornava visivelmente esquiva na presença de Lívio. A estratégia acaba dando certo a partir do momento em que Lívio consegue comover a prima, dando provas de seus sentimentos e provocando ciúmes na moça, ao mostrar falso interesse por duas sertanejas do lugar: Nini e Dadá.

Essa passagem do enredo é interessante enquanto uma possibilidade de apreender as normas do mercado sentimental. Lívio confessa aos tios e à prima ter sentido uma atração arrebatadora por Nini, passando a considerar a possibilidade de se casar com ela e se mudar para aquela região. Durante a referida conversa familiar, sua tia Laurinda se expressa terminantemente contra as ideias do sobrinho, julgando um grande equívoco preterir a sua filha Miloca, a quem estava inicialmente destinado, para ficar com uma moça de origem humilde e sem refinamento algum. Agindo com naturalidade, D. Laurinda expõe seus argumentos e contesta os projetos matrimoniais do sobrinho:

[...] Mesmo que sejam, não é motivo para que tu te desgraces, casando-te com uma moça do mato que vês de relance e não sabes de que espécie humana é. Sob aquelas aparências enganadoras, muitas vezes se esconde uma áspide venenosa. O homem só deve se casar com uma mulher conhecida e com quem vive em certa intimidade e para estudar-lhe o gênio, os costumes e sondar-lhe o coração. Achas a Nini bonita? Com franqueza, eu não acho. Ela tem os pés e as mãos grandes e os seios descomunais. Além de tudo, tola. Não digo que seja feia de feições. Não é. Concordo até que é linda. Mas quando ela fala perde tudo. É completamente iletrada. Não sabe ligar duas ideias. O casamento com uma mulher nestas condições é um suicídio. Não suportarias as tolices dela uma semana a fio. Aqueles pro modes, nós vai, irritam os nervos. Quando ela disse nós mora, tive ímpetos de dar-lhe um sopapo.²³²

Na fala de D. Laurinda emerge não apenas a questão do interesse familiar que Lívio estava desprezando, mas o distanciamento social existente entre um moço rico e estudado e uma simples e ignorante filha de vaqueiro. Os argumentos apresentados por aquela senhora emitem um discurso que definia quais os requisitos deveriam ser considerados na escolha de um futuro cônjuge. A beleza era considerada algo a ser colocado em segundo plano. O que realmente importava era se os nubentes estavam em uma mesma condição social, pois o

²³² FREITAS, Clodoaldo. Os primos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 173-174.

casamento entre iguais ainda vigorava como a forma ideal de definir uma união. Nini, além de pobre, era iletrada e, aos olhos de D. Laurinda, jamais conseguiria agradar o marido enquanto esposa de um homem bem sucedido na sociedade na medida em que seria incapaz de cumprir todas as atribuições de uma “dona de casa perfeita”.²³³ Como vimos no capítulo anterior, esperava-se da mulher moderna não somente a execução das triviais tarefas domésticas, mas também que a mesma estivesse apta a representar o marido socialmente, nesse sentido, saber conversar e receber era uma condição exigida para o modelo feminino do período.

Quanto à escolha matrimonial, o encantamento de Lívio por Nini teria, então, seu primeiro impedimento: a rejeição da família. O casamento arranjado ainda atuaria com relevante força dentro da sociedade ocidental, até pelos menos os meados da década de 1920.²³⁴ Antes disso, os pretendentes acabavam renunciando as próprias atrações pessoais, para atender a interesses coletivos. A juventude, especialmente, ainda não dispunha de autonomia financeira e até que os processos de assalariamento e de êxodo rural se realizassem com maior intensidade, a dependência paterna ainda era um dos principais critérios a serem levados em consideração, na hora de escolher um marido ou uma esposa numa sociedade patriarcal.²³⁵

Além disso, nessa narrativa a prima Miloca é apresentada como o verdadeiro amor de Lívio. Mesmo escolhendo uma mulher mais próxima de sua condição social, o sentimento que envolve Lívio ainda é considerado amor, mas um amor sensato. Segundo Jurandir Freire Costa, na obra *Sem fraude nem favor*,²³⁶ as paixões entre indivíduos opostos acabam se constituindo como mitos que fazem parte do próprio ideário romântico. Contudo, o autor observa que, em geral, a escolha da pessoa amada envolve, além de sentimentos, a razão. A imagem da face incontrolável do amor cede lugar a um outro lado mais realista, conservador e preocupado com aspectos de ordem social, religiosa, racial e econômica. Deste modo, “[...] A racionalidade está tão presente no ato de amar quanto as mais impetuosas paixões. Amar é deixar-se levar pelo impulso passional incoercível, mas sabendo ‘quem’ ou o ‘que’ pode e deve ser eleito como objeto de amor.”²³⁷

Em meio à discussão pela valorização ou não daquelas duas sertanejas, protagonizada por D. Laurinda, Miloca e Lívio, Manduca intervém na altercação para pedir o apaziguamento

²³³ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

²³⁴ SOHN, Anne-Marie. Os anos loucos. A partir de agora é preciso agradar. In: SIMONNET, 2003, p. 128.

²³⁵ MACFARLANE, 1987.

²³⁶ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

²³⁷ COSTA, 1998, p. 17.

com a realização do casamento entre primos. É quando Lívio revela que o seu interesse por Nini era apenas um artifício, uma simulação para conquistar o amor de Miloca. Comovida, a moça finalmente aceita a proposta e dias depois, em cerimônia, na matriz de Campo Maior, a união matrimonial é celebrada. No diálogo entre os noivos, podemos perceber uma ênfase em afirmar que, isoladamente, o interesse familiar não motivaria aquele matrimônio.

[Miloca] [...] – Pois, Lívio, devo-te agora mais este favor. Sejas meu maridinho, muito direito, muito bom, muito meu amigo, como eu serei tua mulherzinha, muito boa, muito tua amiga.

[Lívio] – Serei teu amigo e teu escravo e fica sabendo que eu te amei quando não me amavas.

– Não te amavas? Acreditaste nisto? Sempre te amei muito, mesmo quando fingia não te amar.

– E como não querias casar comigo?

– Não queria? Eu queria e dizia que não queria para pôr em prova o teu amor. Quando vi que ias descambando para a Nini...

– E acreditaste naquilo?

– Acreditei. Aí já não era a prova que eu queria: queria era salvar o teu amor, salvando o meu!

– Melhor fora que nunca tivéssemos sofrido tanto.

– O sofrimento fez a nossa felicidade maior. [...] ²³⁸

Assim, o amor, naquele momento, era conclamado a se fazer presente nas uniões conjugais, e a literatura de Clodoaldo Freitas apresenta um indicativo de que as regras do namoro estavam se modificando visivelmente, ou seja, o casamento desejado não se realizava apenas por interesse material e porque os nubentes eram socialmente iguais, mas também porque se exigia que o amor estivesse inserido na relação. A recusa inicial de Miloca ao casamento com o primo era um indício, confessado por ela no final do romance, de que desejava uma prova de amor, antes de consolidar a relação. Lívio, auxiliado pelos tios, dá a prova, ao ludibriá-la e deixá-la pensar que ele a havia esquecido e que já teria interesse por outra mulher, provocando os ciúmes da amada. A revelação de todos os fatos, após a cerimônia de casamento, demonstra ainda que o amor romântico se faria presente na relação não apenas antes, mas também após o casamento.

Vejam os dois aspectos citados na passagem anterior. Primeiro, o amor era algo desejado e no contexto do amor romântico o sofrimento se fazia acompanhar do sentimento, para legitimar a relação e deixar visível que a união passara por obstáculos, para torná-la ainda

²³⁸ FREITAS, Clodoaldo. Os primos. In: FREITAS, 2009, p. 177.

mais forte. Eis aí uma peculiaridade do Romantismo na literatura do período, o casal apaixonado enfrenta uma série de obstáculos como uma forma de purificar o relacionamento e colocá-lo, no âmbito do discurso, como uma união moralizada e harmoniosa.²³⁹ Somente após a superação das barreiras impostas, o casamento poderia se concretizar, quando os nubentes estariam imbuídos ao ideal do casamento por amor.

O trecho final do referido conto apresenta a idealização de uma união na qual Lívio e Miloca como cônjuges passam a expressar entre si afetividade. Se o amor existe, caberia ao casal enunciar e demonstrar que a relação era baseada em questões de ordem subjetiva. Dessa forma, a maneira de lidar um com o outro alude a uma sensibilidade mais afluída e o tratamento entre si requer uma forma diferenciada de tratamento que visava agradar a pessoa amada: “[...] eu serei tua mulherzinha, muito boa, muito tua amiga [...]” afirmava Miloca, enquanto Lívio complementava com um “[...] Serei teu amigo e teu escravo [...]”²⁴⁰ no final, o conto, sinaliza que havia um manual de etiqueta para maridos e esposas dentro do casamento que deveria ser seguido para manter a harmonia do lar, sendo que, para as mulheres, a obediência ao marido era definida como condição primordial para existência da relação, enquanto que, para os homens, desejava-se uma postura que evidenciasse mais afeto e carinho, condição ainda nova para a masculinidade do período.

Clodoaldo Freitas consegue enfatizar em *Os primos* que o modelo de casamento por amor idealizava uma relação mais refinada do ponto de vista da relação entre os cônjuges. As atitudes praticadas para consolidar o modelo ideal de casamento por amor apontam para um possível nivelamento das relações entre homem e mulher, ao realçar que a união foi feita por livre escolha. Todavia, os papéis de gêneros sofrem poucas alterações, pois dentro da família, as esposas permanecem subordinadas aos maridos. Na verdade, o que altera no ideal de casamento, no período, que abrange o início do século XX, é a forma como se apreende a relação marital. Esta seria algo intimamente desejada enquanto concepção e durabilidade: além dos interesses materiais como moeda de troca para contrair casamento, elementos como beleza física, empatia e cumplicidade também começam a ser consideradas.²⁴¹ Uma mulher inteiramente passiva não era mais o ideal de esposa, crescia entre os homens uma tendência em escolher mulheres que fossem companheiras nos sentimentos, nos gostos e, sobretudo, nos ideais, aliás, a incompatibilidade entre cônjuges era uma das principais razões que fomentavam a desestabilização da relação marido e mulher.

²³⁹ RIBEIRO, 2008.

²⁴⁰ FREITAS, 2009, p. 177.

²⁴¹ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p.137.

3.3 “O lar transformado em inferno”²⁴²

Já abordamos como se configuravam as relações amorosas a partir do contexto do Romantismo, apresentando o lugar que o amor ocupava no casamento e o grau de importância que lhe era dado, no momento da escolha do futuro cônjuge. Mas o que acontecia quando os sentimentos se arrefeciam e a harmonia familiar era colocada em risco, por causa de constantes conflitos domésticos? Se o amor era realmente o “laço do casamento”,²⁴³ como Clodoaldo Freitas afirmava, o que seria da união familiar se a chama da paixão que envolvia marido e esposa se extinguia ou se até mesmo nunca tivesse sido acesa? Emergia, então, no período alguns discursos que discutiam a possibilidade de dissolução do casamento, em casos semelhantes. Neste momento do estudo, nossa intenção é compreender como a literatura registrava as razões que se encontravam na origem das divergências entre os cônjuges. Importa-nos também auscultar os discursos referentes à aprovação ou não da regulamentação da lei do divórcio no Brasil. Para alcançar o objetivo, usaremos alguns artigos emitidos pela imprensa do início do século XX e ainda os romances *Memórias de um velho*, *Um segredo de família* e o conto *O divórcio*, de Clodoaldo Freitas, para compreender como o literato expressava sua posição acerca da desarmonia familiar e da possibilidade de contestar a durabilidade de uma união formal.

O debate em torno da durabilidade do contrato matrimonial permeia a história da sociedade ocidental ao longo dos séculos. Philippe Ariès destaca que a indissolubilidade do casamento não é uma invenção da Igreja Católica. Ao contrário do que muitos imaginam, a referida prática já era algo comum entre coletividades rurais da Europa, por volta do século IX.²⁴⁴ Quando o clero regulamentou as uniões como um sacramento – no qual a monogamia, a negação ao ato de repudiar a esposa para contrair novo casamento e a publicação do

²⁴² O trecho que dá nome ao subcapítulo é uma frase dita pelo protagonista do conto *O divórcio*. Produção ficcional publicada pela primeira vez em folhetins no jornal *Pacotilha* da cidade de São Luís, entre os dias 5 e 7 de setembro do ano de 1907. Em 2010 foi relançado dentro da coletânea *Os Burgos e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

²⁴³ FREITAS, 2008, p. 39.

²⁴⁴ ARIÈS, Philippe. O casamento indissolúvel. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.) *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 163-182.

cerimonial, se tornaram elementos que legitimaram o modelo de casamento, que estava sendo construído – as resistências contra a indissolubilidade das uniões amorosas não eram tão fortes quanto o desejo de fixar o modelo sacramental de casamento que oferecia, principalmente, estabilidade às relações familiares.

Apesar da existência de algumas oposições, o modelo de casamento cristão acabou sendo aplicado. Por sua vez, a igreja católica criou mecanismos próprios, a exemplo da excomunhão, para coibir quaisquer tipos de violações das regras eclesiais. Nesse sentido, as disputas para debelar a indissolubilidade do casamento atravessaram os séculos, com troca de acusações entre clérigo e leigos acerca da manutenção da família, intercalando períodos de maior e menor interesse sobre o tema. No Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX, a polêmica volta às rodas de discussões, especialmente após a regulamentação do casamento civil, que permitiu aos opositores de orientação anticlerical contestar a continuidade de uma legislação baseada em princípios católicos, quando o novo código civil, aprovado em 1911,²⁴⁵ tratava de um tipo de contrato marital efetuado pelo Estado.

A possibilidade de anulação do casamento era uma discussão extremamente delicada para a sociedade daquele período, que ainda tentava, através de discursos literários, religiosos, médicos e jurídicos, estabelecer a importância da união legítima entre a população. O esforço para ordenar os papéis sociais de homens e mulheres se realizava, a partir da compreensão do casamento como o estágio mais avançado das relações amorosas,²⁴⁶ o que possibilitava a regulação dos padrões de comportamento masculinos e femininos, dentro de discursos moralizados e normatizados. Contudo, alguns intelectuais acreditavam que havia exceções às harmoniosas uniões maritais. Nem sempre maridos e esposas tinham um convívio ideal, por causa, por exemplo, da ocorrência de incompatibilidade de gênios entre os cônjuges. Em casos semelhantes, a inexistência de uma legislação que oportunizasse a separação e a regularização das partes envolvidas provocava descontentamento, em razão do impasse que os casais teriam que suportar durante toda a sua vida.

Luiz Moraes de Correia dissertou sobre o assunto através de uma série de artigos publicados no *Diário do Piauí* intitulados O Divórcio, tendo, no ano de 1912, o jurista

²⁴⁵ Trata-se do Código Civil Brasileiro elaborado pelo jurista Clóvis Beviláqua. O texto final foi aprovado em 1915 e finalmente editado como lei no ano de 1916. Ver: MELO, Hildete Pereira de; MARQUES, Teresa Cristina Novaes. Que sejam felizes para sempre! A mulher e seus direitos na sociedade conjugal. Um exame do Estatuto da Mulher Casada de 1962. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 2005, Conservatória (RJ). *Anais...* Niterói: ABPHE/EDUFF, 2005. p. 9.

²⁴⁶ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque a Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998. p. 386.

piauiense reuniu os textos, publicando-os em um livro, com o mesmo título.²⁴⁷ O autor se posicionava favorável à aprovação de uma legislação que permitisse regulamentar a anulação do casamento, pois o decreto que estabelecia o casamento civil no Brasil²⁴⁸ não contemplava o chamado divórcio *a vinculo*, apenas se referia ao divórcio incompleto ou o desquite. Nesse caso, a legislação vigente se limitava a autorizar apenas a separação indefinida de corpos e bens entre os casais, mas novas núpcias não poderiam ser contraídas com base no princípio de indissolubilidade dos laços promovidos por prestigiados juristas brasileiros, como Clóvis Beviláqua. Apesar da intensa oposição organizada por setores conservadores²⁴⁹ e ligados à igreja católica, até a aprovação do chamado Projeto Beviláqua,²⁵⁰ em 1915, três projetos de lei haviam chegado à Câmara Legislativa para serem analisados, contudo, nenhum deles pôde ser convertido em lei.²⁵¹

O responsável pela redação do Código Civil Brasileiro de 1911, o jurista Clóvis Beviláqua, possuía opinião contrária à criação de uma legislação que contemplasse a dissolubilidade do casamento. Essa era uma questão delicada e polêmica, pois tanto os defensores quanto os opositores da lei do divórcio apresentavam benefícios e desvantagens para a sociedade: se de um lado a quebra da manutenção dos laços do casamento retirava a noção de casamento por imposição social, ao abrir espaço para a valorização dos sentimentos entre cônjuges; do outro, a separação legal dos corpos implicava desuniões frequentes, bem como a perturbação da vida moral das famílias, ameaçadas por paixões irracionais e por filhos ilegítimos. Em *Direito da família*,²⁵² Beviláqua desenvolve amplos comentários acerca do tema, posicionando-se contrário à legalização da separação, mas considerando as exceções previstas em lei. Contudo, por ocasião da segunda edição do livro, no ano de 1904, o jurista repele por completo a ideia, ao alegar que as uniões ilícitas seriam evitadas com a moral e não com o divórcio. Clóvis Beviláqua ao relembrar a discussão, afirmava que:

²⁴⁷ CORREIA, Luiz de Moraes. *O divórcio*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912.

²⁴⁸ Decreto Provisório n. 181 de 24 de janeiro de 1890 apud CORREIA, Luiz de Moraes. *O divórcio*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912. p. 3.

²⁴⁹ Anos depois da aprovação do Código Civil, Clóvis Beviláqua comenta que: “[...] O desquite põe termo à vida em comum, separa os cônjuges, restitui-lhes a liberdade, permite-lhes dirigir-se, como entenderem, na vida, sem que dependa um do outro, no que quer que seja; mas conserva íntegro o vínculo do matrimônio. Podendo governar, livremente, a sua pessoa, e, livremente, gerir os seus bens, não se pode qualquer dos cônjuges casar enquanto viver o outro, porque o casamento é um laço perpétuo e indissolúvel, que só com a morte se rompe.” Ver: BEVILÁQUA, Clóvis apud MELO; MARQUES, 2005. p. 15.

²⁵⁰ MELO; MARQUES, 2005. p. 9.

²⁵¹ CORREIA, 1912, p. 16.

²⁵² BEVILÁQUA, Clóvis. *Direito da família*. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Livraria Freitas Bastos, 1959.

A solução melhor, afigurou-se-me, quando se publicou a primeira edição deste livro [1895], seria permitir o divórcio com a máxima parcimônia, em casos graves e taxativamente limitados pela lei, interdizendo-se ao cônjuge culpado contrair novas núpcias. Não achava, porém, essa solução aplicável aos povos, senão quando as circunstâncias, vale dizer, as condições de vida, em que se acham, a exigirem de modo inequívoco. Hoje [1904], a meditação levou-me a não fazer mais essa concessão. E, quanto ao Brasil, parece-me que são especiais as condições de nosso meio, não querendo afirmar, entretanto, que outros não existam nas mesmas condições. A respeitabilidade com que é cercada a família brasileira, a honestidade de nossas patrícias, os costumes de nosso povo, enfim, não somente dispensam o meio extremo do divórcio, como o tornariam sobremodo nefasto.

Além disso, não é talvez inexato afirmar que há indivíduos predestinados ao divórcio como os há para o crime; e que outros, passando por sucessivas dissoluções matrimoniais, adquirem a incorrigibilidade. Para uns tais, permissão de novos casamentos seria lamentável imprevidência.²⁵³

Esta seria uma questão que merecia a atenção da sociedade brasileira, pois colocava em risco o futuro daqueles que não conseguiram obter sorte na vida conjugal. Para os defensores da lei do divórcio, a legislação vigente, apesar de ter sido intensamente debatida era insuficiente para julgar casos de anulação de matrimônio, sendo estes considerados procedentes, apenas, quando um dos cônjuges reclamava um tipo de deficiência física ou doença não declarada pelo esposo ou esposa, antes do casamento. Em outros tipos de ocorrências, a anulação era sumariamente negada. Luis de Moraes Correia considerava tal lógica um grave erro, para todos aqueles que não se enquadravam nessa exigência e, que, por isso, estavam excluídos da proteção do Estado.²⁵⁴ O jurista reclamava, por exemplo, de uma lei que permitia romper os vínculos de uma mulher casada, com um homem, que sofria de infertilidade, pois seria, conforme seu pensamento descabido conceder uma anulação, com base apenas na ideia de que o casamento era só para fins de procriação:

[...] Não poderá, porém, dissolver o vínculo conjugal a mulher, a quem o marido se apresentava como o protótipo da honradez e da bondade, mas que apenas casado, a avilta e martiriza, tortura-lhe a existência e dissipa-lhe a fortuna, nos gozos e na orgia.

Não poderá, também, dissolver o mesmo vínculo o homem, a quem a mulher se apresentava como uma santa de bondade e urna de doçuras e que, entanto, ao constituir família, manifestou-se a serpente que era, fazendo do lar, em vez de céu – um inferno, em vez de paraíso – um purgatório.

É, por parte da lei, uma incoerência, uma injustiça, uma iniquidade.²⁵⁵

²⁵³ BEVILÁQUA, 1959, p. 286-287.

²⁵⁴ CORREIA, Luiz de Moraes. *O divórcio*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912. p. 4.

²⁵⁵ CORREIA, 1912, p. 4.

O projeto de lei do divórcio ofereceria, dentre outras coisas, a proteção do Estado para os envolvidos, especialmente para a mulher e para os filhos e possibilitaria, especialmente para aqueles que ainda desejavam investir na vida conjugal, a chance de constituir uma nova família legalmente, sem precisar recorrer a uniões ilícitas, como a mancebia. A polêmica questão permaneceu durante as décadas seguintes do século XX, sem que houvesse uma alteração que materializasse o anseio dos que defendiam a dissolubilidade do casamento civil, o que veio ocorrer no Brasil, somente em 1977.²⁵⁶ Por sua vez, a literatura acabou se configurando como um dos canais que veiculavam o impasse vivido por esposos infelizes.

Clodoaldo Freitas é um dos literatos que remetem ao tema, como faz, por exemplo, no romance *Memórias de um velho*, no qual o personagem Milo²⁵⁷, após contrair matrimônio com Guilhermina, atendendo a razões que ele considerava apropriadas para a constituição de uma família, acaba se desiludindo com os desentendimentos diários com a esposa. Os anos iniciais deste casamento mostraram-se muito prósperos, consolidados com o nascimento dos dois filhos do casal. Entretanto, segundo o narrador, a felicidade conjugal foi abalada pelo caráter genioso da esposa. Ciumenta e inflexível em relação à autoridade do marido, Guilhermina tornava a vida conjugal insuportável, por causa dos conflitos cotidianos com Milo. A situação ficou ainda mais insustentável com a emergência de uma desavença religiosa entre os cônjuges, pois apesar das advertências do marido – que era maçom e defendia publicamente as suas orientações anticlericais – Guilhermina insistia em desafiar o esposo, praticando o sacramento da confissão, assistindo à missas na igreja e ingressando no Apostolado do Coração de Jesus.

As descrições dos conflitos feitas pelo protagonista de *Memórias de um velho* realçam o quanto poderia ser nociva para a estabilidade conjugal a geniosidade de uma mulher. Dentre todas as qualidades físicas e morais que uma esposa deveria possuir, como a beleza física, a simplicidade, a modéstia e a disposição para o trabalho, a submissão ao marido ainda era imprescindível, para manter a harmonia entre o casal, haja vista que o papel de orientador da esposa e dos filhos era um dos elementos definidores do homem moderno, que estava surgindo. O comando das relações familiares concentrava-se, ainda, na figura masculina e tentar subverter essa ordem constituía-se uma afronta à virilidade e, por conseguinte, dando a

²⁵⁶ MELO; MARQUES, 2005.

²⁵⁷ Emílio/Milo é o protagonista do romance *Memórias de um velho* que passa por diversas desventuras no decorrer da vida.

impressão de que marido e mulher se encontravam no mesmo nível, no que diz respeito aos direitos e obrigações conjugais. Num contexto em que as alterações na masculinidade e, especialmente na feminilidade, eram vistas com razoável surpresa, discursivamente o homem continuava a assumir o papel de provedor familiar, não apenas no sentido econômico, mas também no sentido moral. Deste modo, como Emílio não conseguia exercer a sua autoridade masculina, orientando as decisões da esposa, o término do casamento configurava-se, para ele, como a solução mais sensata para a ocasião, pois uma ação enérgica e até mesmo mais violenta, para contornar a personalidade inflexível e tirânica de Guilhermina, poderia ser compreendida como uma forma equivocada e incivilizada de conduzir as relações familiares. Na passagem abaixo, Milo desabafa suas frustrações, diante de uma relação malograda:

[...] Que diabo! Tudo tem um limite, principalmente a paciência humana. O homem não deve bater na mulher sequer com uma pétala de rosa, diz o adágio antigo; mas há casos em que deve bater com um pedaço de pau. Há mulheres que só prestam apanhando. Provocam o marido, e, no dia em que apanham, se abrandam, se humanizam, tornam-se uns anjos de bondade. Guilhermina seria destas? Creio que sim. Eu não tinha a energia suficiente, ou, antes, tinha medo do escândalo. Dar na esposa! Que horror! Mas ou dar, ou abandonar ou matar. O melhor era abandonar sem estardalhaço, sem alarde. Depois, podiam ferver os comentários. Seriam tardios e inúteis.²⁵⁸

O protagonista Milo não estava inserido em um padrão de masculinidade tradicional, cuja forma de confirmar a autoridade de chefe da família era através da agressão verbal e física.²⁵⁹ O próprio personagem ressalta que a possibilidade de corrigir a esposa de maneira enérgica era uma prática em desuso e apontada como um hábito incivilizado. Milo decide adotar outra estratégia, tentando viver uma rotina doméstica mais sossegada: ele cumpre as ameaças feitas e parte com os filhos para outra cidade, abandonando a esposa. Esta seria uma chance para recomeçar, senão fosse a queda moral na qual Guilhermina havia mergulhado. Sozinha, ela não conseguiu administrar os próprios recursos financeiros e, inconsequentemente, doa todos os seus bens materiais para a Igreja. Aos poucos, os desgostos pela vida solitária longe do marido e dos filhos afetam essa mulher de maneira fatal e ela acaba se entregando ao alcoolismo e, por fim, a loucura. Fora de si, Guilhermina assassina os

²⁵⁸ FREITAS, 2008, p. 69-70.

²⁵⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De fogo morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste do começo do século XX. *História Revista*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 153-181, jan/jun. 2005.

próprios filhos. Ao se deparar com a triste cena, vendo os descendentes já sem vida ao lado da mãe insana, Milo, movido por impulso, acaba matando a própria esposa. Clodoaldo Freitas descreve esse trágico acontecimento como um alerta para apontar os riscos que a dissolução da família poderia trazer para os seus componentes. Guilhermina comete um erro ao preferir frequentar a Igreja a cuidar da sua família e essa falha no papel de mãe e esposa é corrigida com o rebaixamento da mesma como modelo feminino. Ou seja, a respeitada mãe de família, Guilhermina, se torna uma mulher abandonada pelo marido, miserável e louca.

Passado o luto pela perda dos filhos, Milo reergue-se e toma gosto pela vida política. Após um reencontro emocionante com Josefina, de quem havia sido no passado amante, o personagem percebe que aquela relação poderia finalmente ser concretizada, pois Milo se dispunha a amar Josefina independentemente de sua condição física e financeira. Os dois se casam e o romance encerra com a partida do casal e dos pais de Josefina, para uma temporada na Europa. Nesse desfecho do enredo, o que nos chama atenção é a forma como Milo opta pelo casamento. O casal poderia ter contraído matrimônio, anos antes, quando Josefina havia ficado viúva e eles poderiam assumir a relação amorosa que eles ocultavam. Naquele momento, não havia impedimentos, mas a incerteza dos sentimentos de Milo o levaram a desistir daquele relacionamento e aguardar por um momento mais promissor. Por sua vez, Josefina apesar de consternada com a partida do amado, não faz exigências, nem protesta e aguarda pacientemente para ver suas esperanças de se casar novamente se materializarem. Foram o amor e a passividade de Josefina que motivam Milo a investir em uma nova relação, após o reencontro dos dois. A maturidade do protagonista permitia compreender que a dedicação extremada, os gostos refinados e a boa condição financeira da nova esposa eram elementos que contribuía para a construção de uma paz conjugal que não havia sido alcançada no seu relacionamento anterior com Guilhermina.

Clodoaldo Freitas explora o assunto da possibilidade de dissolução do matrimônio também em *Um segredo de família*,²⁶⁰ ao levantar a discussão sobre o destino de Dr. Anastácio Dias e Ângela, que viviam uma relação insustentável, que culminou com a separação do casal. A história começa na cidade do Rio de Janeiro onde o protagonista, Dr. Anastácio Dias, recebe a irrecusável proposta de um rico senhor, chamado Tertuliano das Neves: desposar, no final daquele mesmo dia, Ângela, a sua única filha. Anastácio é

²⁶⁰ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Diário do Maranhão* da cidade de São Luís entre os dias 7 e 14 de outubro do ano de 1907. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família outros contos*. Imperatriz: Ética, 2000. p. 23-44. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

conduzido à casa daquele senhor, que conhecera apenas de vista em casa de seu melhor amigo, Ernesto, para ser apresentado à sua pretendente. Ali é surpreendido, ao descobrir que suas malas já estavam em seu novo quarto e que a cerimônia estava planejada para acontecer, naquela mesma noite. Tertuliano insiste para que o casamento fosse realizado com brevidade e diante da situação na qual se encontrava de ascender socialmente ingressando numa família de posses, o jovem médico, apesar das apreensões internas, sentia-se tentado a aceitar o casamento. Mas, momentos antes da cerimônia, hesitava pensando sobre a decisão que iria mudar a sua vida:

[...] Um desalento, uma vergonha, um não-sei-quê me dominavam e abatiam. Isto, que se dava comigo, tinha explicação e justificativa? *Entrava na vida marital miseravelmente comprado por um forte dote, sem amar e sem ser amado! Sem ser amado!* Eu sabia lá se Ângela me havia visto em algum baile, em alguma parte, e se apaixonara por mim, numa paixão romântica de moça rica, como a *Senhora*, de José de Alencar, cujas fantasias procurava imitar? Tudo bem, podia ser, mas o que não havia desculpa perante a minha consciência e perante meus amigos, era o meu procedimento. Só me consolava a ideia de ser rico. Ser rico! Sim, era este o meu sonho querido, a ideia fixa vencedora, o conjunto supremo das minhas aspirações. Afinal, ia ser rico. Que me importavam esses cedícios e ridículos preconceitos morais? (Grifos nossos)²⁶¹

O personagem mantinha os valores do amor romântico e almejava para si um casamento por amor, e por isso entristecia-se, por não ter a chance de construir uma união pautada pelos sentimentos e não pela razão obedecendo à concepção moderna das relações amorosas que estava sendo erigida nessa virada do fim do século XIX, para o início do século XX.²⁶² Este seria o modelo ideal de matrimônio, contudo, para Anastácio, a possibilidade de vivenciar o ideal romântico esbarrava em suas condições financeiras, e ele, afinal, cede à proposta feita, mesmo sem saber os motivos reais da realização de uma cerimônia de casamento de forma tão apressada.

Anastácio e Ângela se casaram, mas, quinze dias depois, os problemas começaram a aparecer. A nova esposa mostrou-se muito imperiosa, reprovando as ações do marido em público, na companhia de amigos, provocando, dessa maneira, um mal-estar entre o casal. A solução, para Anastácio, era tentar ensinar Ângela a adequar-se a nova situação em que se

²⁶¹ FREITAS, 2009, p. 27.

²⁶² D'INCAO, Maria Ângela. *Sentimentos modernos e família*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

encontrava, ou seja, era preciso lembrá-la de que uma das principais obrigações femininas era saber ouvir o marido.

[...] Poucos dias depois, como ela mostrasse desejo de ir à rua durante o dia e à noite ao teatro, eu não concordei com a sua vontade e declarei-lhe positivamente que ela não sairia sozinha, nem iríamos ao teatro.

– Por quê? – perguntou ela.

– Porque eu não quero.

– É uma razão grosseira de quem não tem razão.

– *Sic jubeo, sic volo.*²⁶³

– Não faço conta do seu latim.

– Nem eu cito latim para a senhora fazer conta! Mas precisamos assentar, de uma vez, certas regras da nossa vida. Quer a senhora obedecer-me como marido e chefe de família?

– A que vem tudo isto?

– Simplesmente daquela atitude singular em casa de Ernesto.

– Ah! É uma vingança.

– Não, é uma lição. Precisava entender-me com a senhora. Pois não se lembra que foi severa e me fez, para não dar escândalo, tragar a vergonha pública de sua invectiva?

– Não tive propósito de ofendê-lo.

– Bem sei, mas foi cruel.

– Desculpe-me.

– Não tem de quê. Mas, como não tivemos tempo de nos conhecermos reciprocamente em solteiros, vamos aproveitar este ensejo para regularmos as nossas respectivas posições, direitos e deveres. Antes de tudo, devo-lhe confessar meus vícios. Sou ciumento e desconfiado, suscetível e vingativo. Como virtude, creio ter generosidade, lealdade, abnegação e franqueza. Não compreendo essa civilização de andar uma senhora sozinha pela rua ou acompanhada pelos amigos do marido. Por isto lhe previno que só sairá comigo ou com seu pai. No mais, toda liberdade dentro dos limites do honesto.²⁶⁴

Para descontentamento de Anastácio, a tentativa de corrigir os modos da esposa foi frustrada, pois Ângela recusou-se a aceitar as imposições do marido e, por fim, o despreza pedindo a separação. Neste romance, Clodoaldo Freitas aponta algumas motivações que poderiam conduzir ao desgaste de um casamento. Trata-se, por exemplo, da maneira como o mesmo fora feito, sinalizando para uma forma inadequada de concretizar a união conjugal, por obedecer ao modelo de amor romântico. O casamento entre Anastácio e Ângela fora feito por interesse: ele queria um dote e ela o nome de um marido, porém nada mais foi levado em consideração, para a constituição dessa nova família. Nessas condições, o casamento

²⁶³ “Quero-o, ordeno-o”. Do poeta Juvenal, as palavras são citadas quando se alude a uma vontade arbitrária e despótica.

²⁶⁴ FREITAS, 2009, p. 29-30.

difícilmente poderia obter felicidade, pois o amor não teria a oportunidade de ser cultivado. A geniosidade de Ângela também pode ser vista como uma das razões que produziram uma desarmonia entre o casal, pois, dentro do casamento, a esposa deveria cultivar certas aptidões, consideradas como naturais ao sexo feminino, como por exemplo, saber agradar o marido.²⁶⁵ Destarte, a abnegação inseria-se entre as virtudes da mulher para confirmar o posicionamento de cada cônjuge na relação, sendo o homem considerado o chefe do lar que exerceria poder sobre os outros familiares. Ao desprezar o próprio marido, Ângela rompia com o discurso estabelecido que legitimava a subserviência feminina.

Nesse romance, é também flagrante uma inversão de papéis sexuais observadas não somente na postura imperiosa de Ângela perante o marido, como também pelo seu apego às coisas mundanas. Como já registramos anteriormente, Clodoaldo Freitas condenava o excessivo envolvimento das mulheres com os lazeres modernos.²⁶⁶ Os passeios, as idas ao teatro revelavam na verdade, o abandono do lar pelas mulheres que estariam cada vez mais envolvidas com o luxo e a ostentação, ao tempo em que desprezavam os maridos, filhos e tudo aquilo que estava relacionado ao ambiente doméstico. Por sua vez, Anastácio representava frente à agressividade da esposa uma tendência ao afeminamento, transformando-se em um simples objeto, por não conseguir exercer uma postura firme e fazer-se respeitar como chefe de família.

O casal decide manter as aparências diante dos amigos, mas apesar de atender as súplicas do sogro, para continuarem a conviverem na mesma casa, Anastácio e Ângela dormem em quartos separados e pouco se falam. Decepcionado com o fim do casamento, Anastácio decide voltar para a cidade de Amarante, no interior do Piauí, para atender um pedido da mãe, que se encontrava doente, para comandar a fazenda da família. Ao chegar, Anastácio revela aos familiares que havia sido pressionado para se casar com uma moça rica, que esta o humilhava constantemente e um mês depois já estavam separados. A revelação causa desespero em sua prima Luizinha, sua noiva desde a infância, e que ainda nutria esperanças de se casar com Anastácio. Nesse trecho do enredo, Clodoaldo Freitas apresenta uma solução para a infelicidade de Anastácio: um segundo casamento. Joca, o pai de Luizinha, resolve reverter a situação do sobrinho, falsificando, no livro de registros da localidade, uma data falsa do casamento dos primos anterior à sua união com Ângela no Rio

²⁶⁵ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver na sociedade*. 4. ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Editora, 1909. p. 35.

²⁶⁶ FREITAS, 1996, p.72-73.

de Janeiro. Dessa maneira, não se poderia contestar legalmente o segundo casamento. Nesse caso, o amor pôde ser contemplado e Anastácio e Luízinha foram felizes em sua união.

A seguir, o romance apresenta uma série de revelações que vão esclarecer alguns acontecimentos que ficaram sem explicação como o casamento repentino entre Anastácio e Ângela. Tempos depois, o velho Tertuliano aparece de surpresa na fazenda e relata a Anastácio que o casamento foi obra de uma armação entre Ângela e Ernesto que mantinham um caso amoroso e desejavam encobrir uma gravidez; depois da partida do marido, para o Piauí, Ângela descobre que estava grávida novamente e como não havia conseguido que Anastácio retornasse para o Rio de Janeiro, auxiliada por Ernesto, ela inventa uma viagem para ocultar a gestação, entretanto a farsa é descoberta, quando ela morre após o parto. Tertuliano faz ainda a revelação final: era o verdadeiro pai de Anastácio e, por causa de uma intriga familiar no passado, abandonou a esposa no interior piauiense, e, no Rio de Janeiro, casou-se novamente, dessa vez com a mãe de Ângela, que já estava grávida de outro homem. A intenção em casá-lo com a filha adotiva era apenas para conseguir ter o filho legítimo mais próximo de si. A história é encerrada após Anastácio conseguir a reconciliação entre o pai e o tio, estabelecendo a paz e a harmonia familiar naquela fazenda.

Na realidade, o que nos interessa em *Um segredo de família* é o episódio em que Anastácio consegue ter uma nova chance para ser feliz, forjando um segundo casamento. A lei, de fato, não permitia o divórcio, contudo não possuía total controle sobre outras formas de relacionamentos, como o amasiamento e o concubinato, que sempre tiveram recorrência especialmente entre os grupos sociais de menor poder aquisitivo.²⁶⁷ Nesse romance, Clodoaldo Freitas aponta os dissabores que um indivíduo poderia suportar por causa de um matrimônio infeliz, pois além de sofrer pelas desavenças maritais, ainda teria que se resignar pelo fato de estar legalmente impedido de constituir uma nova família.

No Brasil, somente em 1973, a lei do divórcio pode ser aprovada, regulamentando as separações de uniões civis. Mas até a chegada deste momento, as discussões acerca da indissolubilidade do casamento se fizeram presentes no campo jurídico, político, literário e religioso. Durante as primeiras décadas do século XX, os intelectuais também registraram os seus posicionamentos acerca do tema, especialmente aqueles caracterizados como livre-pensadores. Estes contestavam o posicionamento da igreja católica que impedia a criação de uma legislação que contemplasse cônjuges que desejavam, por mútuo consentimento, anular o casamento, alegando que haveria a dissolução da família, e por consequência, o

²⁶⁷ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

desregramento da sociedade. Em 1912, Abdias Neves²⁶⁸ disserta na revista *Litericultura* da cidade de Teresina, acerca do assunto, no artigo A opinião pública e o divórcio.²⁶⁹ O autor critica a postura do clero que trataria equivocadamente a anulação do casamento, como algo banalizado, sugerindo que haveria uma progressão dos casos de poligamia e de devassidão, quando na realidade, a legislação que permitia a separação de corpos, desde a criação do casamento civil, era raramente usada pela sociedade.

Antes de tudo, nenhuma razão explica, a não ser o preconceito religioso, que o decreto permitisse a separação indefinida dos corpos e mantivesse a indissolubilidade do vínculo. Trata-se de uma medida de ordem social: mas, onde o interesse da sociedade [está] quando permite que se separem dois cônjuges – está em proibir que se possam casar novamente e constituir, deste modo, duas uniões ilegítimas, ou está em lhes proibir essa união – deixando-lhes aberta, somente, a porta do concubinato? Onde o maior inconveniente, em que se casem, ou em que constituam as uniões ilegítimas? [...]

Pretender, por outro lado, que os costumes se corrompam com a simples promulgação da lei que o estabeleça, é pretender que são as leis que fazem os costumes – quando a verdade é que são estes que determinam aquelas. Leis não modificam costumes. Se deles não são um reflexo, nenhuma influência sobre eles exercem. É princípio corrente que não precisa de demonstração.

Deste modo, se somos um povo moralizado, moralizado continuaremos. Se não somos, não será a falta de um decreto legislativo que corrija os nossos costumes e evite o pendor para a degradação. E, num caso e no outro, nada impede que os aceitemos. [...]²⁷⁰

Outro literato, que também fez coro a favor do divórcio, foi Cândido Gil Castelo Branco²⁷¹, usando em sua escrita um tom cômico, fazendo pilhérias.²⁷² Segundo ele, a preocupação em torno da mulher, que seria a mais prejudicada com a separação, não teria argumentos concretos, pois dificilmente ocorreriam casos em que a mulher seria abandonada

²⁶⁸ NEVES, Abdias da Costa nasceu em 19 de novembro de 1876 em Teresina (PI) e faleceu em sua cidade natal no dia 28 de agosto de 1928. Jurista, político, jornalista, historiador, romancista e poeta. Publicou as seguintes obras: *A guerra do Fidié* (1907), *Imunidades parlamentares* (1908), *Um manicaca* (1909), *Psicologia do cristianismo* (1910), *A elegibilidade do Marechal* (1910), *Autonomia municipal* (1913), *O Brasil e as esferas de influências Conferência de Paz* (1919), *O Piauí na Confederação do Equador* (1921) e *Aspectos do Piauí* (1926). Ver: GONÇALVES, 2003, p. 19-20.

²⁶⁹ NEVES, Abdias. A opinião pública e o divórcio. *Litericultura*, Teresina, ano 1, fasc. 3, p. 200-208, 31 out. 1912.

²⁷⁰ NEVES, 1912, p. 209.

²⁷¹ Cândido Gil Castelo Branco nasceu no ano de 1820 em José de Freitas (PI). Professor, magistrado, deputado provincial (1844-1849), deputado-geral (1881-1885) e desembargador do Tribunal de Justiça. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 61.

²⁷² CASTELO BRANCO, Cândido Gil. O divórcio. *Litericultura*, Teresina, ano 1, fasc. 3, p. 209-211, 31 out. 1912.

a esmo, sem que nenhuma razão sensata fosse apresentada pelo marido. Para o autor, somente alguns casamentos eram fonte de dissabores e, portanto, seriam poucos os homens que se arriscariam a sair de uma união feliz para investir em outra, por isso, as mulheres não teriam o que temer, afinal, as estatísticas e os próprios costumes apontavam que o pedido de separação era feito apenas em casos extremos. “[...] Mas qual será o doido que se dando bem interrompa o seu idílio ou que se dando mal queira reproduzir o erro?”,²⁷³ argumentava o autor, completando que o divórcio deveria ser estabelecido em forma de lei, para atender casos em que havia uma clara incompatibilidade de gênios entre o casal, devendo o Estado intervir pelo bem-estar dos filhos daqueles relacionamentos.

Outro aspecto interessante trazido por Castelo Branco é a ideia de inversão de papéis que ameaçava o casamento. Ironicamente, o literato descreve o primeiro divórcio do mundo realizado entre o sol e a lua: inicialmente tudo corria harmonicamente, mas o sol acabava se queixando a Deus, porque não conseguia conviver com uma companheira que se levantava, quando ele deitava e se deitava quando ele dormia, que vivia mudando de quarto e aparecia todos os meses cheia, apesar de nunca se encontrarem. A história funciona como uma sátira sobre a vida conjugal, na qual homens e mulheres enfrentavam continuamente os empecilhos impostos pela vida moderna, que permitia a inserção da mulher no espaço público, enquanto o homem tentava se adaptar ao lar, de onde a figura feminina estaria cada vez mais ausente.

E quando a mulher, como a lua, começar a devanear, ir para os seus *flirts* e regatas, *clubs* e *pic-nics*, deixando em casa os seus bebês ao cuidado das criadas, enquanto o marido, como o sol, que se recolhe *manicadamente* às 6 da tarde, depois de um dia inteiro de trabalho? São exceções, me dirão. Mas é exatamente para os casos excepcionais que se procura estabelecer e regular o divórcio. Ele terá os seus casos restritos.²⁷⁴

Seria, então, nessas situações que o Estado poderia intervir, quando havia a clara impossibilidade de reconciliação, entre as partes interessadas. A situação descrita sugeria que as famílias enfrentavam problemas e caberia à Justiça solucionar as dissensões domésticas. Para concluir seus argumentos, o autor cita um verso de Simplício Lopes Castelo Branco e oferece para todos aqueles que desejavam casamento e para aqueles que intencionavam sair dele. Eis os versos:

²⁷³ CASTELO BRANCO, 1912.

²⁷⁴ CASTELO BRANCO, 1912, p. 210.

Quem se casar neste mundo,
 Não more aos pés de sogro nem de sogra,
 Porque o sossego não logra.
 Urra o sogro, berra a sogra,
 Grita a filha destemida,
 Acode a chusma atrevida
 De cunhados fariseus...
 Escapa um homem com vida
 Por um milagre de Deus.²⁷⁵

Os versos aludem a um dos fatores que gerariam as divergências entre maridos e esposas, trata-se da intromissão de familiares na vida particular dos cônjuges. Percebemos nessas linhas irônicas a valorização do modelo familiar moderno, no qual apenas o casal e os filhos compunham esse ideal. A presença de terceiros no âmbito familiar remetia à representação da família colonial, em que várias gerações habitavam um mesmo domicílio. Contudo, ao contrário do que o aburguesamento dos costumes sugeria, o envolvimento de outros familiares na vida íntima do casal indicava que ainda havia uma carência de privacidade nas relações. Maria Ângela D’Incao reforça essa questão, analisando as representações familiares na literatura brasileira oitocentista, ao revelar que as relações entre família e tudo o que estava em volta eram ainda muito próximas,²⁷⁶ muito embora os literatos acreditassem que a manutenção da harmonia conjugal dependia da conservação da vida particular do casal.

No conto *O divórcio*,²⁷⁷ Clodoaldo Freitas oportuniza novamente a discussão, mas desta vez, enfatizando o dilema de indivíduos que passam a vida atormentados pelo fato de estarem presos permanentemente a uma união indesejável. No enredo, ambientado na cidade de São Luís, o protagonista, Conselheiro Evaristo Reis, desabafa a sua infelicidade ao amigo Dr. Pedro Caldas, após ser comunicado da morte de Quinoca, com quem estava vivendo há mais de trinta anos, um período, segundo ele, permeado de tormentos para ambas as partes. Para o conselheiro, a morte da esposa chegava tardiamente, pois os desejos de contrair um novo

²⁷⁵ CASTELO BRANCO, 1912.

²⁷⁶ D’INCAO, 1996, p. 32.

²⁷⁷ Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Pacotilha* da cidade de Teresina entre os dias 5 e 7 de setembro do ano de 1907. Em 2010 foi relançado dentro da coletânea *Os Burgos e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 35-45. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

matrimônio existiram apenas enquanto ainda havia mocidade, naquele momento, a velhice impedia as chances de se casar novamente e tentar ser feliz. Do amor desfrutado no início da relação aos ressentimentos multiplicados em anos de conflitos, o casamento de Evaristo e Quinoca tornou-se um exemplo de incompatibilidade de gênios, tornando a convivência insuportável:

– [...] Casei-me por amor como tantos rapazes sem juízo, que começam a vida por essa loucura e mostram, desde logo, que não têm o verdadeiro critério prático. O casamento por amor é a maior das tolices humanas e a fonte, em regra, de todas as nossas desgraças. O casamento deve ser um negócio de conveniência e de bom senso. Casei-me e não se passaram dois meses que não me arrependesse do passo errado que dei. Apelei para Deus, esperando que ele corrigisse o meu erro, desfazendo-o no primeiro parto da minha Quinoca. Mas veio o primeiro, o segundo, até o décimo parto sem que Deus olhasse para mim! Durante esse longo tempo minhas súplicas eram cada vez mais ardentes, porque cada vez mais me tornava desgraçado no meu casamento.

Deus fez ouvidos de mercador e parece que, em meu castigo, tornava a minha Quinoca cada vez mais atrabiliosa e ciumenta. Uma mulher ciumenta é pior do que a lepra. Um casamento infeliz é de todas as maldições de Deus, a mais severa, é um mal de todas as horas sem aventura de uma hora sequer. O lar transformado em inferno! Meu amigo, eu fui um excomungado de Deus, porque agüentei uma tal esposa por espaço de trinta anos. Um acúmulo de dores. [...]²⁷⁸

A citação é longa, mas necessária para uma análise acerca dos discursos que apontam as razões para a infelicidade conjugal. Segundo Evaristo, o primeiro erro foi o fato de ter contraído casamento apenas por amor, colocando a racionalidade em segundo plano, dessa forma, ampliaram-se as chances de insucesso, pois os sentimentos, como já foi exposto anteriormente, não deveriam ser os únicos critérios para a escolha de um cônjuge.

Além disso, a conduta inapropriada da esposa, também, foi apontada como uma das principais razões para a vida insuportável em que o casal foi mergulhando. Nesse caso, o conto representa a visão masculina da situação, mostrando apenas o lado de Evaristo, apontando a mulher como a maior responsável pela desarmonia conjugal, por nada ter feito para estabilizar o relacionamento. Para ele, Quinoca procurava encontrar motivos para irritar o marido e mantê-lo longe do lar, desobedecendo a sua posição como chefe de família e ainda desprezando o esposo, ao aproximar-se das práticas religiosas, que o incomodavam, como o

²⁷⁸ FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 36.

sacramento da confissão. O narrador do conto não permite ao leitor conhecer o outro lado da moeda, dando voz à Quinoca, na narrativa, evidenciando discurso que se vincula à forma como se desenvolve a participação feminina dentro do casamento, ao nível de felicidade marital. Nesse sentido, o autor destaca que “[...] A primeira religião de uma honesta mãe de família são o marido, os filhos, a paz doméstica”²⁷⁹ para lembrar que o fracasso da mulher no desempenho do papel de esposa teria resultados diretos na família. Desse modo, os esforços desenvolvidos para afastar o interesse feminino de tudo aquilo que não se referia ao lar eram realçados na forma de discursos, para alertar que a decadência da família dependia especialmente da postura feminina.²⁸⁰

Para o conselheiro Evaristo, a consequência da continuidade de uma união indesejada era manter dois inimigos convivendo na mesma casa, todos os dias, se odiando reciprocamente apenas, para obedecer “estúpidas” imposições sociais, que fariam a satisfação apenas daqueles que não possuíam interesse algum sobre o assunto. Dessa maneira, a Igreja assumiria uma posição contraditória, pois, ao impedir a criação da lei do divórcio, alegando a defesa da família, possibilitava que a condição de casais em desavença induzisse os homens à prática da mancebia e as mulheres ao ingresso na prostituição. A anulação do casamento era vista, então, não como uma forma de acentuar a degradação moral, mas uma possibilidade de proteger a família, regularizando a situação dos cônjuges, assim, tanto o homem quanto a mulher teriam a oportunidade de estarem legalmente disponíveis para contrair um novo casamento.²⁸¹

O divórcio é encerrado com o final da conversa entre os dois amigos, quando Evaristo, apesar de ter convivido sempre em desarmonia com Quinoca, lamenta e chora a morte da esposa falecida, para o Dr. Pedro Caldas, acrescentando que a separação poderia se configurar também como uma oportunidade para os esposos se darem explicações, descobrindo as verdadeiras razões que alimentavam o ódio entre o casal e até mesmo permitindo que se criasse uma chance de reconciliação, através do diálogo.

Como considerações finais, compreendemos que os sentimentos são definidos a partir de uma perspectiva subjetiva, no qual o amor sofre um deslocamento de sua concepção até chegar à sociedade moderna, onde passa a ser tratado como algo fluído e instável e, por isso

²⁷⁹ FREITAS, 2010, p. 38.

²⁸⁰ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 111.

²⁸¹ Esta era também a opinião defendida por Luiz de Moraes Correia. Ver: CORREIA, Luiz de Moraes. *O divórcio*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912.

mesmo, finito.²⁸² No início do século XX, quando a obra de Clodoaldo Freitas foi produzida, a concepção de finitude dos sentimentos ainda estava em construção e o ideal de amor sublime e absoluto ainda reinava entre as relações amorosas, tal como era desejado socialmente. Contudo, o que encontramos no conjunto literário analisado é a tentativa de buscar um equilíbrio entre sentimento e razão como critério para iniciar a vida marital. O amor era visto como uma estratégia para alcançar o sucesso na relação, permitindo que os filhos desfrutassem do direito de escolha, mas isso só se concretizava, caso houvesse a aprovação paterna.²⁸³ Quanto à polêmica acerca do divórcio esta é interessante, quando percebemos que a família era o problema principal, seja para a igreja católica, seja para os anticlericais. A preocupação em protegê-la – preservando a união dos cônjuges ou resguardando os direitos individuais do casal e da prole – significava que, no período em questão, o aburguesamento dos costumes possibilitou o laureamento da família e de seus integrantes, que, através dos discursos, assumem o status de elementos privilegiados, detentores do poder de assegurar o tão almejado ideal de civilidade.

²⁸² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

²⁸³ GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.79.

4 A PRIVACIDADE DESEJADA

Eu não sei se estas ideias se casam com as ideias do leitor inteligente. Não me preocupo com isto, porque não procuro doutrinar. Encaro as coisas como elas são ou me parecem ser, tal como as posso compreender, serenamente, sem as roupagens rogaçantes da incomparável imaginação, que em todos nós predomina a seu modo, segundo as idiosincrasias individuais.²⁸⁴

Voltar os olhos para si mesmo, para os seus próprios sentimentos, conhecendo a fundo a sua psique, ao mesmo tempo em que se refugia do “conturbado” mundo público que o cerca e que, muitas vezes, parece perigosamente ameaçador à sua integridade física e moral. Eis aí um dos exercícios mais promovidos no meio cultural burguês na virada do século XIX para o século XX, que tem suscitado um interessante debate, presente na historiografia recente.²⁸⁵ Para muitos, a emergência de uma forma de pensamento pautada nos costumes europeus produziu uma redução do número de membros da família, criando o modelo de família nuclear, formado de pai, mãe e filhos. De fato, a valorização da vida privada foi uma das principais peculiaridades das classes burguesas, durante o século XIX, uma noção construída a partir de valores modernos que possibilitaram uma progressiva alteração dos costumes, das relações familiares e de outras práticas culturais. Na literatura de Clodoaldo Freitas, essa privacidade é enunciada e desejada, revelando aspectos próprios do universo social do qual o autor trata: uma sociedade que se constituiu e que valorizava a vivência a partir do âmbito familiar, lugar no qual se localizava o ponto de partida para a constituição da civilidade almejada.

Vimos, anteriormente, as transformações referentes às identidades de gênero e a forma como as relações amorosas foram escrituradas na literatura do período, assim sendo, consideramos interessante também tratar como objeto de estudo as alterações ocorridas nos modos de apreender essa nova noção de privacidade: idolatrando o núcleo familiar como o lugar máximo da intimidade, demarcando as identidades de cada indivíduo em seus

²⁸⁴ FREITAS, Clodoaldo. O suicídio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 60.

²⁸⁵ Dentre outros autores podemos citar: SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. v.1; PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4; GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, erotismo e amor nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993; SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.

respectivos ambientes domésticos e as tentativas de resguardar, a qualquer custo, das ameaças do mundo exterior, uma privacidade que ainda estava em construção.

Retratando os recônditos do mundo privado, o conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas permite emitir interessantes considerações acerca desse processo de internalização dos sentimentos experimentados pelos indivíduos. Para concretizar as metas propostas, este capítulo apresenta-se dividido em três temas principais: a definição da noção de privacidade, o espaço doméstico como palco principal da intimidade e os discursos em torno da polêmica criada pelos livre-pensadores contra o sacramento da confissão religiosa ministrado pela igreja católica. Para atingir as referidas propostas de análise, recorreremos às obras *Memórias de um velho* (1905-1906), *Coisas da vida* (1908-1909), *Um segredo de família* (1907), *O divórcio* (1907), *Os Burgos* (1912), *Os primos* (1917) e *O jogador* (1923). O critério de seleção dos respectivos textos ficcionais está relacionado especificamente à forma como a vida particular é explorada na obra de Freitas. Em episódios diferentes, mas de maneira semelhante, as narrativas selecionadas apresentam a valorização do mundo privado em que o lar concorre para a construção de um clima de intimidade, que remeta não somente ao bem-estar dos familiares, mas também compreenda uma relação com a forma de produzir tipos ideais de masculinidade e de feminilidade. Contudo, antes de compreender a maneira como o privado era pensado no contexto social do período, é importante entender a construção da noção de intimidade encontrada na historiografia e a sua percepção na literatura de Clodoaldo Freitas.

4.1 Dentro do lar e fora das vistas: o surgimento da noção de intimidade

Dentro do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas, percebemos a construção de um modelo de família moderna, no qual a predileção pela privacidade era uma característica marcante. Se o contato com o mundo europeu se realizava com mais velocidade graças à revolução tecnológica da virada do século XIX para o século XX,²⁸⁶ compreendemos, então, que alguns dos personagens encontrados nos romances tendem a valorizar as normas de civilidade europeia como socialmente aceitas. Mas o que definimos por privacidade? Como a historiografia registra o tema? Essa noção está presente na literatura de Clodoaldo Freitas

²⁸⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

como algo vinculado ao discurso moderno? São perguntas que tentamos responder no intuito de vislumbrar especificamente essa relação criada entre o indivíduo e a família.

Embora seja moderna, a ideia de privacidade remonta à antiguidade clássica e seguiu atravessando os séculos até chegar à era vitoriana, sem expressar, porém, o mesmo valor que os burgueses lhe atribuíram. Segundo Peter Gay, no estudo *O século de Schnitzler*, inicialmente a privacidade não era considerada como algo positivo, pois o indivíduo privado não tinha direito de participar da vida pública da *pólis*.²⁸⁷ Essa concepção moderna de privacidade foi formulada juntamente com a intensificação da defesa dos direitos políticos reservados a cada indivíduo. Nessa perspectiva, o privado passa a ser referido como uma esfera da vida social, na qual a interferência de qualquer ordem nesse domínio é encarada como uma agressão ao próprio sujeito.²⁸⁸ Somente no decorrer do século XIX, a concepção de privacidade, semelhante a que conhecemos contemporaneamente, pôde ser desenvolvida, com maior evidência, no momento em que a família burguesa, ainda que timidamente, se permitiu retrair-se em si mesma, marcando um relativo distanciamento entre a vida particular do núcleo familiar e o mundo agitado que pulsava fora do ambiente doméstico. De um termo associado a um valor negativo, a privacidade passou a ser usada discursivamente, sobretudo pelas classes médias europeias, para registrar uma condição diferenciada que oferecia a possibilidade da vivência privada entre os indivíduos.

Em *O declínio do homem público*, Richard Sennett enfatiza o antagonismo criado em torno do significado das palavras “público” e “privado”, enquanto o primeiro termo expressa aquilo que está aberto à observação de qualquer pessoa, a segunda palavra significa aquela região que está protegida do mundo.²⁸⁹ As representações construídas entre o público e o privado estão profundamente imbricadas com a explosão urbana e com o desenvolvimento, em larga escala, do capitalismo industrial das principais metrópoles europeias que conduziram a traumas próprios de uma urbanização acelerada, como por exemplo, a violência, a pobreza e a prostituição. Algumas dessas ameaças, originadas do domínio público, foram responsáveis, por fazer com que aqueles que detinham meios para isso, elaborassem estratégias para se protegerem de um mundo que parecia fora de controle. Aos poucos, a família – em especial o modelo de família burguesa – foi se revelando como um verdadeiro escudo e até mesmo um refúgio diante das permanentes ameaças oferecidas pela vida pública. Na imagem desse lar

²⁸⁷ GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 270.

²⁸⁸ OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio-ago. 2008.

²⁸⁹ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 30.

idealizado, a intimidade possui valor moral mais elevado do que o domínio público, contribuindo ainda mais para a ideia de que: a “[...] privacidade e a estabilidade pareciam estar unidas na família [e que foi] em face dessa ordem ideal que a legitimidade da ordem pública será posta em questão.”²⁹⁰

Nessa perspectiva, noções como privacidade e intimidade também estão relacionadas com outra herança daquele período: o desenvolvimento da psicanálise. Os estudos desenvolvidos pelo médico Sigmund Freud²⁹¹ conquistaram grande relevância no cenário mundial justamente por difundirem a ideia de que seria imprescindível compreender os sentimentos internos porque somos movidos pelo nosso próprio inconsciente. Em outras palavras, nossas atitudes no meio social, em especial aquelas ações bloqueadas por motivos emocionais, resultariam de memórias e desejos reprimidos, que estão ocultos no inconsciente e que são desagradáveis demais para serem lembrados.²⁹² Nunca a prática de voltar as atenções para o lado íntimo da vida havia sido tão solicitada como na era burguesa.²⁹³ Somado a isso, o discurso médico foi um dos que promoveram a paixão pela psique humana, mostrando a necessidade de o indivíduo estar absorto em si mesmo, para descobrir esse mundo novo que lhe era oferecido, em detrimento de uma vida pública que lhe parecia cada vez menos relevante.

Esse interesse crescente pela vida privada não foi um fenômeno localizado. Alcançou não apenas o Brasil, mas também outras partes do mundo afetadas pela cultura europeia do século XIX. Para atender a essa necessidade de uma vida íntima, a família foi construída como o cenário mais adequado à materialização desse novo ideal. Contudo, o modelo familiar desejado para o cultivo da privacidade deveria estar preferencialmente afastado do mundo público. O progressivo desligamento da comunidade e do Estado se realizava como uma tentativa de preservar os significados elaborados em redor dos sujeitos. Nesse sentido, o modelo de família nuclear propiciava um isolamento imaginado como ideal para a vivência desse individualismo. Gilberto Freyre, na obra *Casa grande e senzala*,²⁹⁴ foi um dos primeiros

²⁹⁰ SENNETT, 1998, p. 35.

²⁹¹ Sigmund Schlomo Freud. (Prábor, República Checa, 1856 – Londres, Inglaterra, 1939) Médico neurologista, fundador da psicanálise, desenvolveu técnicas terapêuticas – a exemplo da hipnose – para auxiliar no tratamento de pessoas afetadas psiquicamente e também teorias médicas, nas quais defendia a ideia de que o inconsciente humano ocultava as memórias reprimidas de cada indivíduo. Para mais informações sobre Freud e a psiquiatria, ver: SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, erotismo e amor nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

²⁹² SENNETT, 1998, p. 17.

²⁹³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

²⁹⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

a observar, na realidade brasileira, o caráter agregador das famílias nativas. Tanto para aquelas que pertenciam aos grupos mais abastados, quanto para os grupos menos favorecidos economicamente, o que se observava era o predomínio de um modelo familiar rural que privilegiava o patriarcalismo – semente que, segundo o autor, se desdobraria sem demora através da formação de oligarquias e de relações políticas e sociais pautadas no mandonismo. Especialmente na região dos engenhos do Brasil colonial, objeto de predileção de Gilberto Freyre, agrupamentos familiares numerosos compostos não apenas por parentes, mas também pelos escravos, agregados e até mesmo viajantes foram se constituindo como o molde familiar mais frequente do período em questão. Pouco se pensava no indivíduo isoladamente, visto que este estava sempre cercado pelos seus próximos, reproduzindo o que ocorria no cenário mundial acerca das constituições familiares.

No período imperial não houve mudanças significativas, segundo Maria Ângela D’Incao, no estudo *Sentimentos modernos e família*,²⁹⁵ até meados do século XIX a separação entre família e comunidade ainda não estava esboçada. Pelo contrário, a presença de pessoas que não possuíam relação de consanguinidade com os familiares permaneceu, ainda, por várias décadas e dependendo do contexto regional, essa condição social realçava ainda mais a ideia de inexistência de vida íntima, revelando que a família não havia se fechado sobre si mesma. Essa valorização da privacidade das relações começa a ser identificada com mais nitidez, a partir do momento em que se privilegia o modelo de família burguesa. Essa seria pautada em relações matrimoniais monogâmicas e indissolúveis, cujos componentes – pai, mãe e filhos – estariam reunidos dentro de um ambiente próprio – o lar doméstico – que propiciaria a proteção de um mundo externo, visto sempre como ameaçador, constituindo-se, assim, como o lugar de expressão dos afetos entre os indivíduos.

Essa concepção criada para definir positivamente o ambiente doméstico é fruto de um momento em que se valorizavam as relações familiares reguladas, a partir de um discurso moderno, cujo argumento principal estava ligado a uma proposta de adequar novos comportamentos para todo o corpo social. O distanciamento do mundo público foi adquirindo gradativamente legitimidade, à medida que proporcionava uma forma de liberdade que apenas o lar poderia oferecer. Dentro do ambiente doméstico, os sentimentos poderiam ser vivenciados sem maiores restrições, as máscaras usadas para a atuação no espaço público poderiam ser deixadas de lado. Sugeria-se, então, que no lar os indivíduos teriam o direito de viver com mais liberdade.

²⁹⁵ D’INCAO, Maria Ângela. *Sentimentos modernos e família*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

A literatura de Clodoaldo Freitas insere-se nessa perspectiva moderna de valorização da privacidade. Algumas de suas produções ficcionais podem ser classificadas como romances urbanos, ao utilizarem como cenário para as suas narrativas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Teresina e São Luís, sendo esse último centro urbano mencionado por Freitas, para apresentar o cenário principal do conto *Os Burgos*.²⁹⁶ Essa trama apresenta a trágica história de dois irmãos, pertencentes a uma das famílias mais nobres da cidade que passam a viver maritalmente provocando escândalo de toda a sociedade. Os personagens Burgos e Cristina apaixonaram-se, logo após o retorno do irmão de uma temporada de estudos na Europa, e para vivenciar essa relação amorosa, os dois decidem se isolar socialmente, para evitar os comentários acerca do incesto que estavam cometendo. Na passagem a seguir, o narrador apresenta como a efervescente vida social dos irmãos deu lugar ao retraimento:

[...] Em sua casa costumava fazer novenas, que eram muito concorridas. No dia da festa, mandava rezar uma missa na capela, que tinha em casa, e, depois, havia um luto banquete, arremate num animado baile. Ninguém melhor que o Burgos e d. Cristina sabiam agradecer e cativar seus convidados. Ninguém melhor do que eles sabiam organizar uma festa religiosa ou profana.

Aparentados com as melhores famílias do Maranhão, os dois irmãos eram muitos frequentados e relacionados na sociedade maranhense.

Aos poucos, porém, eles foram resumindo as festas, cortando as relações, isolando-se no grande prédio, que ocupavam à rua de São Pantaleão.

Afinal trancaram as portas mesmo aos parentes. É que eles se amavam e viviam entregues à felicidade desse amor, que os absorvia completamente. O Burgos algumas vezes, ponderava à irmã:

– Sinhá, este nosso retraimento não dará que falar? Esta solidão, em que vivemos, não te pesa?

– Absolutamente, não. Compraz-me viver isolada na solidão desta casa. Que me importa que os outros, os do mundo, reparem no nosso relacionamento? Não tenho satisfação a dar-lhes e não me importa que falem de nós. Que se rasguem de falar. A minha única felicidade é estar só contigo, segregando-te de todos, para só eu ter a ventura deste meu amor, que nem tu mesmo podes medir a intensidade e ardência.

– Dizes bem. Porque havíamos nós de nos privarmos da nossa felicidade por causa da maledicência desta sociedade, que abandonamos e de que não carecemos? Deixemo-la com as suas maldades. Vivamos para o nosso amor,

²⁹⁶ Conto publicado pela primeira vez em folhetins na revista *Litericultura* da cidade de Teresina entre 1º de janeiro e 1º de abril do ano de 1912. Em 2010 foi relançado dentro da coletânea *Os Burgos e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 111-148. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

para esse amor que faz de minha vida um éden de delícias divinamente imortais. [...] ²⁹⁷

A solução encontrada pelos irmãos para evitar os incômodos comentários foi iniciar um isolamento social, primeiramente evitando as visitas e limitando as suas relações apenas aos parentes próximos e, em seguida, decidindo abandonar a residência localizada no centro urbano, na qual, ocorriam grandes recepções, para uma propriedade mais afastada do seu círculo social de origem. Dessa maneira, uma quinta localizada numa área rural acabou se configurando como o refúgio ideal para os dois amantes.

A passagem do conto citada anteriormente sintetiza, em parte, o imaginário acerca da privacidade, que foi desenvolvido na transição do século XIX para o século XX. A casa dos Burgos, que antes era definida como um centro de festividades para receber os familiares mais próximos e também pessoas de maior expressão na sociedade local, foi transformado em um ambiente particular e restrito à presença de Burgos, Cristina e dos escravos que lhes serviam. O lar conquistava um segundo sentido para o casal: se antes o mesmo espaço era compreendido como uma ampliação do espaço público, no qual Burgos e Cristina se inseriam socialmente, a partir do momento em que ocorre a eclosão de um sentimento amoroso ilícito entre eles, a casa redefine-se como um centro de reclusão, no qual os afetos poderiam ser explicitados, longe de olhos curiosos e condenatórios. As portas se fechavam para o mundo, e as visitas antes tão desejadas e festejadas, agora, se tornavam impertinentes para os irmãos. A residência dos Burgos assemelhava-se, dessa maneira, ao ideal familiar moderno que caracterizava a casa como lugar privilegiado da privacidade e da intimidade. ²⁹⁸

A vivência e a proteção direcionada à vida íntima acabaram se configurando não apenas como um comportamento social, mas como um caminho para a criação de barreiras para aquilo que estava fora da vida privada. Esse refúgio ideal tão proclamado era preferencialmente composto por indivíduos ligados por laços de consanguinidade, que seriam pai, mãe e filhos. E o que dizer então dos escravos e criados sempre presentes no ambiente privado para atender as necessidades de uma casa, como o cenário que foi apresentado no conto *Os Burgos*? Não é nossa intenção dissertar sobre a história da relação entre patrões e

²⁹⁷ FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 111-112.

²⁹⁸ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A casa: lugar de afagos e conflitos. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. (Org.) *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 151-169.

criados,²⁹⁹ mas é interessante para este estudo destacar que, historicamente, os trabalhadores domésticos – no Brasil, primeiramente os escravos e depois aqueles que atuavam em regime de trabalho livre – foram definidos como indivíduos sem identidade, cuja presença no recinto doméstico não representava uma importância aparente a seus patrões. Posteriormente, a ascensão de uma cultura familiar burguesa, que privilegiava as relações pessoais auxiliou a caracterizar o trabalhador doméstico como um indivíduo inoportuno e, em alguns casos, como um intruso dentro do lar. Dessa maneira, escravos domésticos, amas-de-leite, criadas da casa, moleques-de-recado e pretas velhas acabam conquistando certa ambiguidade no âmbito da relação entre senhores e subalternos naquele período, pois conseguiam estar ao mesmo tempo excluídos e integrados à família, estando presentes em todas as dependências da casa e na vida íntima dos senhores, mas, em contrapartida, era exigido que nada vissem e, especialmente que nada comentassem.³⁰⁰

Como a união de Burgos e Cristina era reprovada socialmente, a continuação daquela relação amorosa dependia principalmente da discrição dos dois irmãos, por isso o distanciamento e o silêncio foram as armas encontradas para se protegerem da maledicência alheia. Contudo, os escravos da casa representavam o “intruso”, de quem falávamos há pouco. Se os amigos e o restante dos familiares desconheciam o incesto praticado, a criadagem da casa estava a par de todos os fatos e foram eles, os criados, os responsáveis pela divulgação da incestuosa relação, tornando pública a face trágica da vida íntima do casal recluso, ou seja, a morte dos próprios filhos:

[...] Ninguém os procurava. Passavam os dias lendo, tocando piano, passeando por baixo dos arvoredos, dando comida às galinhas, entregues a uma vida puramente rural, sem se preocuparem com o que o mundo dizia deles. Deitavam-se cedo e levantavam cedo. Os escravos rosnavam baixinho contra o escândalo, mas esse rosnado lhes não chegava aos ouvidos. Quando chegou o mês do parto, d. Cristina, que não podia encobrir a sua gravidez e mal a disfarçava, foi assistida por uma escrava velha e a criança morreu ao nascer. Enterraram-na na quinta, num jardim, onde d. Cristina cultivava roseiras. Durante quatro anos consecutivos, ela teve quatro filhos, que morriam ao nascer, pegados pela velha escrava. Ela e o Burgos choravam saudosamente, lamentando não terem a ventura de criar um só dos filhos. [...] ³⁰¹

²⁹⁹ Para maiores informações acerca do tema, consultar o estudo: GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

³⁰⁰ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 180.

³⁰¹ FREITAS, 2010, p. 129.

O desejo de ter um filho não foi concretizado pelos irmãos, haja vista que nenhuma das crianças geradas pela união de Burgos e Cristina conseguiu sobreviver ao parto, trazendo àquela história de amor as primeiras nuances de tragicidade. Por fim, complicações geradas por uma febre puerperal, após o último parto, obrigaram Cristina a receber os cuidados de um médico e a história do ocultamento dos cadáveres das crianças, enterradas no jardim, acabou se espalhando pela vizinhança através dos escravos, mas de uma maneira distorcida, já que os irmãos Burgos foram acusados de assassinar os próprios filhos. A partir do momento em que o fato se tornou público, a polícia iniciou as investigações sobre um possível caso de infanticídio, envolvendo Burgos e Cristina. Dessa maneira, a proteção do lar sagrado havia sido interrompida.

A intimidade da família era realmente algo valorizado na sociedade do final do século XIX, discursivamente o recinto do lar foi e continuou sendo, por gerações, idealizado como o espaço em que se localizavam os mais nobres valores morais, devendo, portanto ser protegido. Entretanto, a família possuía um membro que era colocado acima de todas as prioridades: a criança.³⁰² Se esta possuía a sua integridade física e moral ameaçada, nem que fosse pelos próprios pais, instituições representadas pelo Estado, justiça, educadores e médicos atuavam no sentido de proteger os chamados “interesses da criança”.³⁰³ Nesse sentido, a investigação policial sobre os corpos infantis encontrados no jardim da casa dos Burgos nada mais era do que a intervenção do poder público sobre a família, quando ela é considerada incapaz de manter o bem-estar dos infantes. A suspeita de que não apenas um, mas de que vários infanticídios haviam ocorrido, justificava a invasão do espaço privado como uma necessidade urgente, já que o atentado contra a vida de uma criança, seja através de aborto, seja o seu assassinato, após o nascimento, era visto como um delito grave e que deveria ser exemplarmente punido.³⁰⁴

Apesar de Burgos e Cristina tentarem se defender, negando as denúncias de incesto e infanticídio e apontando uma escrava da casa como a mãe das crianças enterradas, um testemunho reforçou as acusações contra o casal. O vizinho Moura, acompanhado da esposa, Dona Briolange, que havia se aproximado dos Burgos, para oferecer seus serviços de advogado acaba acusando, em seu depoimento à polícia, os irmãos de praticarem incesto e de

³⁰² ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

³⁰³ PERROT, Michelle. Funções da família. In: PERROT, 1991, p. 116.

³⁰⁴ Para mais informações sobre a prática de infanticídios e abortos ver o estudo organizado por Joana Maria Pedro: PEDRO, Joana Maria. (Org.) *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

mataram os próprios filhos. Essa denúncia apressou as investigações, levando o chefe de polícia a pedir a prisão de Cristina, por considerá-la a única responsável pela morte das crianças. Esta, ao saber da prisão, cometeu suicídio, tomando um tipo de veneno, o arsênico, antes que fosse conduzida à cadeia. No desfecho do enredo, Cristina suplica ao irmão que se mantenha vivo para continuar amando-a durante toda a sua vida, dando-lhe uma prova de seu amor. Burgos cumpre a promessa feita e durante as décadas seguintes, ele continuou a viver, isoladamente, na mesma casa, carregando o luto pela morte de Cristina.

Em *Os Burgos*, Clodoaldo Freitas aborda uma relação amorosa vivenciada por dois irmãos. Nesse conto, o incesto e a morte das crianças impedem a formação de um núcleo familiar desejável, no qual, pai e mãe, reunidos por uma união legítima, geram filhos saudáveis. Nesse caso, apesar das tentativas frustradas, o ideal de uma vida íntima familiar não pôde ser concretizado, pois havia uma falha manifestada: a família era improdutiva, dela nasciam apenas crianças mortas. Apesar da descrição do surgimento de um amor sincero e sem culpas – já que o sentimento recíproco foi inicialmente reprimido por Burgos e Cristina até que não foi possível mais lutar contra a paixão que os atraía – o fato de o casal não conseguir alcançar a paternidade e a maternidade – funções principais que o homem e a mulher deveriam exercer socialmente – tornava a relação sem futuro. Por isso, no domínio dos romances de folhetim,³⁰⁵ o fim da união com a morte de um dos cônjuges foi definida como a única solução para uma família que parecia irremediavelmente imperfeita, desde sua origem aos olhos da sociedade.

Ainda no conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas encontramos outro episódio no qual a privacidade foi apresentada discursivamente como um objeto de predileção dentro da esfera do lar, em especial, quando se refere à integridade do casamento. No romance *Coisas da vida*,³⁰⁶ Plínio, o protagonista do romance, está em São Paulo, meses depois de retornar de sua temporada de férias, passada com as famílias do comendador Herculano, do barão do Ingá e do coronel Leopoldo. O reencontro com a família do coronel, que estaria de passagem pela cidade, possibilitou o envolvimento amoroso do estudante com Rosina, a bela filha do casal. Mesmo realizando encontros secretos, os pais, Leopoldo e Adelaide suspeitaram da aproximação dos dois jovens e sem hesitar, impõem a realização do casamento.

O zelo com o futuro das filhas em idade de se casar era algo comum entre famílias de posição social mais favorecida e esses cuidados ocorriam desde o início da mocidade até a

³⁰⁵ RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel*: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

³⁰⁶ Romance protagonizado por Plínio, estudante de Direito que se envolve em várias relações amorosas com moças pertencentes a tradicionais famílias da região dos engenhos de Pernambuco.

consumação do matrimônio.³⁰⁷ Entretanto, a vida conjugal de Plínio e Rosina é iniciada com a família da esposa mantendo o mesmo regime de atenção oferecido à filha, quando estava na condição de solteira. A contragosto de Plínio, o novo casal desfruta da vida marital, tendo que conviver com a presença “incômoda” da sogra. Eis a passagem:

[...] Foi um casamento frio e triste, sem o menor aparato. Dois dias depois o coronel partiu para o Recife e eu fiquei entregue à minha sogra. A primeira coisa que minha sogra fez foi determinar as horas em que podia sair e o tempo que devia, no máximo, demorar-me na rua. Submeti-me infantilmente a tudo quanto ela quis certo de que o raio me caíra na cumeeira da casa e nela entrara a desgraça com o seu sinistro cortejo de dores. Rosina tinha turras com D. Adelaide por minha causa; mas a velha alegava que era preciso estabelecer o regime doméstico enquanto era cedo, para não acostumar-me mal e, depois, chorar sem remédio. Em casa, para evitar semelhante sogra, vivia no meu quarto, trancado com Rosina e meus livros. D. Adelaide declarou-me um dia que semelhante vida era absurda, imoral, própria de um homem preguiçoso e sem educação.
 – Que a senhora quer que eu faça, senhora D. Adelaide? – Perguntei com a maior calma.
 – Que saia, venha conversar comigo, ler-me romances, fazer-me companhia. Vivo muito triste e isolada. [...].³⁰⁸

Mesmo o casamento tendo sido contraído em circunstância não muito satisfatória, agora marido e mulher requisitavam a vivência da sua intimidade marital sem interferências significativas que poderiam alterar o desenvolvimento da relação. Lembremos que o período representado na obra corresponde à virada do século XIX para o século XX, marcado pela crescente valorização do modelo de família nuclear. No trecho acima, percebemos uma certa acidez na escrita de Clodoaldo Freitas, no que tange à presença incômoda da sogra junto ao casal, que acabava de ser formado. Os dois esposos aparecem sendo perseguidos por uma mãe de família que inutilmente insistia em manter os cuidados com a filha, mesmo após o seu casamento, e que também se desdobrava em controlar o novo genro. Longe do marido, dos outros filhos e da sua casa, D. Adelaide surge como um estorvo a ser carregado, como mostra o enredo. Na realidade, o autor aborda uma condição recorrente entre as famílias: a solidão feminina. Aquelas mulheres que não ingressavam no mercado matrimonial, pelos mais

³⁰⁷ FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 259.

³⁰⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 92.

diferentes motivos,³⁰⁹ poderiam ser consideradas um problema para as famílias às quais pertenciam, já que de forma permanente ou temporária, assim como as solteironas e viúvas, as referidas mulheres também apareceriam no imaginário literário como aquelas que necessitavam de contínua proteção familiar – leia-se de pais, maridos, tios e irmãos – e que, por isso, precisavam ser toleradas em certos casos. Michelle Perrot, ao abordar a vida privada burguesa acredita que fora do lar e do casamento não haveria salvação para as referidas mulheres,³¹⁰ mesmo quando estas exerciam algum tipo de atividade – no caso em questão, D. Adelaide auxiliava os jovens nubentes, Plínio e Rosina, a administrar a nova vida de casados –, pois aqueles tipos femininos eram apresentados como merecedores de reprovação e zombaria.

De fato, havia pouca tolerância com as pessoas que não estavam necessariamente ligadas ao elo familiar principal – marido, esposa e filhos – e com qualquer outro sujeito que interferisse diretamente nas relações pessoais domésticas, pois eram vistos como uma ameaça à integridade e à paz familiar. Na escrita de Clodoaldo Freitas, as famílias constituídas expressam essa necessidade de estipular fronteiras entre o mundo particular e o mundo exterior, quando as relações pessoais não se encontravam devidamente estabilizadas. A busca pelo isolamento, encontrada nessa literatura surge como uma estratégia para ordenar uma das faces importantes do universo social: a família. Em outras palavras, havia uma tentativa de ensinar a identificar aqueles que eram os atores principais e aqueles que desempenhavam um papel considerado de menor importância dentro daquele palco de emoções, apontados como os parentes excluídos do núcleo familiar, os escravos e os empregados domésticos. A intenção principal era fortalecer os laços do convívio familiar. Desse modo, o texto ficcional endereçava aos seus leitores prescrições que distinguiam comportamentos que ajudavam a preservar ou destruir o santo escudo protetor que envolvia a família, ou seja, a privacidade.

³⁰⁹ Nem sempre o casamento era o destino principal das mulheres daquele período. A solidão feminina poderia advir da viuvez, por não ter arranjado marido enquanto estava em idade de se casar, por decisão familiar – como, por exemplo, não se casar para cuidar de parentes idosos – ou até mesmo livre escolha – ao seguir para um convento e anos mais tarde também por preferir em uma carreira profissional. Ver: PERROT, 1991, p. 298-302; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 116-120.

³¹⁰ PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, 1991, p. 298.

4.2 O lar moderno: os ambientes e seus significados

Nos capítulos anteriores, tratamos das transformações referentes às noções de gêneros e os discursos em torno das relações amorosas. É chegada a hora de tentar compreender também o espaço físico no qual essa revolução dos sentimentos acontecia: o lar. Para melhor compreensão da relação criada entre gênero e recinto doméstico nos propomos a realizar duas tarefas: realizar uma análise acerca do lar moderno, contemplando os espaços físicos dos romances de Clodoaldo Freitas como possibilidades de percebê-los como um local privilegiado para o convívio familiar e entender de que maneira os espaços da moradia conseguem representar as formas de produção e reprodução das diferenças entre homens e mulheres. Visando alcançar os objetivos propostos, selecionamos, dentro da produção ficcional do autor, obras que ofereciam em seus enredos uma análise do consumo e do uso sexuado dos espaços na casa, de modo que contemplamos os romances *Coisas da vida*, *Memórias de um velho* e ainda os contos *O jogador* e *Um segredo de família*.

Abordar o doméstico como proposta de análise permite uma compreensão da construção de práticas de distinção de gênero no cotidiano, denotando quais significados se fabricavam para o masculino e quais se destinavam para o feminino.³¹¹ A intenção é inferir acerca de como a produção ficcional de Freitas registra as marcas de masculinidade e de feminilidade no ambiente privado, vislumbrando de que maneira esse espaço social passou a ser tratado, a partir do momento em que os indivíduos viviam um momento de redefinição de seus papéis sociais, com a interferência de discursos que desejavam transformar homens e mulheres em sujeitos inseridos em formas de civilidade específicas. Por sua vez, a casa – lugar privilegiado para a vivência das relações familiares e da vida privada – conquista as atenções dos literatos que se dedicavam a prescrever as formas desejáveis de estruturar o lar moderno. Mas de que maneira podemos caracterizar fisicamente esse objeto de foro íntimo?

No que diz respeito ao tipo de habitação contemplado na análise deste estudo, as moradias tratadas representam modelos residenciais pertencentes aos segmentos alto e médio da sociedade que possuíam uma distribuição das áreas de convivência em cômodos minimamente planejados, uma tendência cada vez mais comum nas habitações do período

³¹¹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material* – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008. p. 20.

aludido.³¹² Na obra *Gênero e artefato*, Vânia Carneiro de Carvalho lembra que, nas décadas finais do século XIX, surgiu uma tendência de adaptação ao novo modelo de vida burguês, a partir do momento em que ocorreu uma transição da casa tradicional – influenciada pelo estilo colonial – para a chamada casa moderna. Esta última se configurava pela tentativa de romper com práticas tradicionais, que tendiam a impor uma confusão entre as áreas sociais e íntimas, enquanto que o novo modelo de habitação procurava ordenar os espaços, orientado, principalmente, pela mercantilização dos objetos domésticos.³¹³ Em outras palavras, estava inserida a uma proposta que almejava atribuir importância à forma como o consumo de artigos poderiam construir identidades sociais e sexuais para os indivíduos.

O espaço doméstico corresponde a uma face do campo de análise acerca da história e da reprodução dos papéis sexuais,³¹⁴ no qual o palco principal escolhido para a fabricação de modelos ideais repousa sobre a casa moderna, habitação essa que foi previamente delineada para privilegiar a cultura da privacidade. No período abordado, ocorria dentro das sociedades ocidentais, um esforço para impulsionar o desejo de intimidade, no que se referia ao âmbito familiar, conjugal e pessoal,³¹⁵ no qual a noção de casa não foge a esse contexto, pois estava por diversas vezes vinculada ao ideal de família burguesa.

Discursivamente, a ideia de zelo pelo recinto doméstico estava cada vez mais atrelada ao prazer, à satisfação de permanecer no seio familiar, ao passo que a rua ganhava outros sentidos, marcados, principalmente, pela sensação de ameaça provocada pelo desordenamento que o espaço público poderia trazer. Aliado ao discurso higienista, então em voga, imaginava-se que o indivíduo somente alcançaria o ideal saudável desejado, seguindo os ditames médicos que disciplinavam seus atos, assim como os da sua família, orientando-os para uma vivência que privilegiava a vida doméstica. Logo, o repouso, o lar higienizado e agradável seriam elementos que incitariam as pessoas a valorizarem a vida em família e a rejeitarem os perigos que a rua poderia representar, com as festas populares, as diversões noturnas, o jogo, a bebida, os malefícios das constantes epidemias e as diversas formas de promiscuidades existentes, naquela época.³¹⁶ Na produção literária de Clodoaldo Freitas, é possível observar

³¹² MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p.131-214.

³¹³ CARVALHO, 2008, p. 22.

³¹⁴ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16, v. 2, jul./ dez. 1990.

³¹⁵ PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 320.

³¹⁶ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

essa orientação para o apreço à vida doméstica. No conto *O jogador*,³¹⁷ Pedro Salomé tem sua condição de homem de família criticada, por não estar adaptado à vivência familiar, ao lado da mulher e dos filhos. A narrativa apresenta como tema principal as consequências que o vício traria a um homem que escolhera abraçar o jogo – o qual lhe consumia tempo e os próprios bens – em detrimento de gozar as “alegrias domésticas”. Para Pedro Salomé:

O jogo era sua paixão dominante. Em roda do tapete verde passava horas, dias, semanas, meses inteiros, esquecido do mundo, de tudo. Quando aparecia em casa, depois dessas ausências, havia trovoadas medonhas. D. Juliana assanhava-se e fervia o rolo mais feio que não acabava sempre em pancadaria, graças à benigna intervenção da Sinhá. O pobre Salomé sentava-se amuado numa rede armada na sala de jantar; a Sinhá sentava-se junto dele matando-lhe cafuné. Era o consolo desse homem que não se consolava com as alegrias domésticas. Assim corria-lhe a vida.

O vício é um declive escorregadio. O pé uma vez posto nele a queda é fatal, e o coitado tem de ir de roldão até despenhar-se no abismo profundíssimo, onde jaz o espectro sinistro do crime em toda a sua geral hediondez. E, uma vez chegado a esse estádio da desgraça, o que é a vida? Para que serve o homem, transformando em preceito, que a sociedade aponta com aversão e asco?³¹⁸

Exemplos como esses estimulavam a ideia de que as sensações experimentadas pelo indivíduo, no recinto doméstico, deveriam se aproximar ao máximo do que seria imaginado como agradável e prazeroso. Em *O jogador*, o protagonista não reconhecia o significado prescrito para a vivência doméstica e os enfrentamentos com a esposa apenas contribuía para o afastamento desse ideal, transformando o personagem em um sujeito que se excluía da própria vida familiar. Essa inadaptabilidade ao ambiente íntimo e a tudo o que a ele se referia realçava sua postura de homem avesso ao modelo de masculinidade desejado, pelo apego aos prazeres da rua, tornando-se, assim, incapaz de proteger e orientar aqueles que estavam sobre a sua responsabilidade. A casa seria, então, um símbolo da segurança, segundo o que promovia o discurso moderno, posto que nela repousava a ideia de segurança de uma vida cercada, não somente pelo bem-estar físico, mas também pela integridade moral. Nesse sentido, a consolidação dessa concepção de lar moderno permitiu que o ambiente privado fosse pensado, para além de um recinto voltado para o regozijo da privacidade familiar.

³¹⁷ FREITAS, Clodoaldo. O jogador. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 149-157.

³¹⁸ FREITAS, 2010, p. 151.

Contudo, o espaço da casa apesar dessa relação tão forte, estabelecida com a família, não estava necessariamente restrito apenas à presença feminina, o homem também poderia e deveria se fazer presente nele. A observação dos ambientes domésticos descritos nas produções literárias permitiu localizar os atravessamentos das identidades de gênero nos espaços domésticos. Em *Coisas da vida*,³¹⁹ Numeriano³²⁰ chega à casa paterna acompanhado do melhor amigo, para juntos, passarem as férias no engenho e assim “revigorar as forças abatidas pelos calores do ano escolar”.³²¹ Nesse contexto, os dois amigos desfrutaram do convívio familiar e das agradáveis diversões típicas do período em questão, tais como jogos de carta, jantares, cantorias, pescarias, banhos de rio, caçadas, passeios a pé, a cavalo e de carro. Ao abordar a presença masculina dentro do lar, Vânia Carvalho acrescenta que a masculinidade mesmo quando voltada para o privado, ainda mantém uma conexão com o mundo público,³²² enfatizando que o corpo masculino estaria em constante atividade, diferentemente da mulher que teria o isolamento e a indolência como características naturais. A escrita de Clodoaldo Freitas reforça essa prática discursiva que visa impor um antagonismo entre os sexos, no que se refere ao comportamento de homens e mulheres. No princípio do romance, o narrador descreve uma rotina monótona para as moças da casa:

[...] Levantavam-se cedo, às seis em ponto, às sete tomavam a primeira refeição e sentavam-se à costura até as dez, quando iam para o banho, e, depois, para o almoço.
Descansavam uma hora, em geral embalando-se nas redes e trabalhavam até a tarde, pouco antes do jantar. Depois do jantar, sentavam-se à frente da casa em cadeiras de balanço, todos reunidos, a conversarem. Ao anoitecer recolhiam-se, iam rezar um terço e, depois, ler até a hora de dormir, às dez, logo depois do chá.³²³

Os discursos médicos que circularam no período, referentes à constituição física e mental da mulher, apontavam que a própria natureza feminina induziria a atividades fisicamente menos desgastantes. Estas conseguiriam ser alteradas apenas quando havia o consentimento masculino, no caso em questão, foi a chegada dos estudantes que transformou aquela rotina doméstica e apática, dando lugar aos lazeres externos à casa. A passagem

³¹⁹ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009.

³²⁰ Estudante de direito que convida o amigo Plínio para uma temporada na região dos engenhos, nesse cenário desenrolam-se as inúmeras relações amorosas em que o protagonista do romance acaba se envolvendo.

³²¹ FREITAS, 2009, p. 7.

³²² CARVALHO, 2008, p. 182.

³²³ FREITAS, 2009, p. 8.

descrita acima revela que a caracterização de uma oposição entre corpos masculinos e femininos, considerando vigorosos os primeiros, e inativos os segundos, reproduzem construções sociais acerca dos comportamentos de homens e mulheres como algo naturalmente dado.³²⁴ Argumentos como esse conduziram ao reforço da ideia de que, por não necessitar de ações que exijam uma constante força física, o recinto do lar seria o espaço apropriado para corpos tão frágeis e delicados – geralmente voltados para o exercício da maternidade³²⁵ –, ao contrário da constituição física masculina, que sempre dispunha de força e de liberdade de ação, exigidas para atuação no espaço público.

O romance *Coisas da vida* proporciona não apenas pensar a noção de casa moderna relacionada aos integrantes da família. O espaço privado do lar poderia estar também aberto à recepção de visitas, como Plínio, o protagonista do romance, recebido com desvelo, na casa de amigo para as férias. Na hospedagem destinada ao festejado convidado, os hábitos e os gostos masculinos são considerados à risca, para tornar a temporada do visitante o mais confortável possível:

[...] No nosso pouso havia um armário enorme, com as prateleiras cheias de doces em latas, em frascos; vinhos finos, licores, conhaque, aguardente de cajá e de jenipapo; queijos de diversas qualidades, fiambres, mortadelas, pastéis e muita qualidade de bolos; passas, figos e ameixas, etc. Cada um de nós ficou em um quarto, com absoluta liberdade de ação. Além do mais, sobre uma mesa grande número de caixa de charutos finos e cigarros especiais, fumos em latas e cachimbos e muitos pacotes de fósforos. Estávamos encantados. À tarde vinham os cavalos de sela para passearmos. O banho no rio era esplêndido. [...] ³²⁶

A delicadeza da forma de receber remete à noção de bem-estar dentro do lar. Familiares distantes e amigos hospedados para breves temporadas eram recepcionados com o desejo de que o ambiente propiciasse a sensação de estar em sua própria casa. Uma vez familiarizado, ao convidado era permitido compartilhar da privacidade do recinto doméstico, sublinhando que a maneira de receber um homem exigia uma distinção que atendesse às práticas sociais referentes ao masculino, como as diversões e os hábitos de consumir bebidas, fumar e jogar.

³²⁴ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 1990, n. 16, v. 2, jul./dez. 1990.

³²⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. (Orgs.) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 107-127.

³²⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 18.

A alimentação também é outro elemento importante a ser realçado, visto que há uma preocupação em atender o gosto masculino, pois comidas de paladar e aroma fortes e bebidas alcoólicas faziam parte dos cardápios destinados aos homens, segundo os manuais de etiqueta correntes. Já os peixes, massas variadas, doces e licores mereciam a preferência do suave gosto feminino, por serem considerados pratos leves e adequados a constituição física das mulheres. Ou seja, até mesmo a alimentação se configurava como um modo de marcar diferenciações entre homens e mulheres, forjando regras de etiqueta, para hierarquizar os alimentos servidos, de acordo com a sexualidade de cada convidado.³²⁷

Dentro do lar moderno, os registros da presença da mulher se situavam principalmente na organização da casa, expressando a forma como esta exercia suas funções no seio da família. Em dois lances diferentes dos romances *Memórias de um velho*³²⁸ e *Um segredo de família*,³²⁹ os personagens Santinha³³⁰ e Ângela,³³¹ nos episódios apontados a seguir, assumem a postura de moças aspirantes a um matrimônio. Estando na companhia dos respectivos pretendentes, a intenção das jovens era apresentarem-se como mulheres familiarizadas às rotinas domésticas relacionadas à ornamentação dos ambientes, aos gostos pessoais e a diversas atividades consideradas próprias ao mundo feminino. Respectivamente, Milo e Anastácio, os narradores dos enredos, foram recepcionados da maneira mais afetuosa possível. Assim age Santinha, em *Memórias de um velho*:

[...] que não sabia o que fizesse de contente, mostrou-me os álbuns de retratos, os cadernos de música, os quadros, tocou um pouco de piano e quis me mostrar a casa toda, o quintal, os pássaros, o pombal, o galinheiro, tudo, seu quarto de dormir, o oratório, o guarda-louça, a casa toda, sem faltar nada, seus vestidos, suas jóias, suas rendas. [...] Entramos para Santinha me mostrar o canário belga. Mas, depois, ela quis me mostrar uns porquinhos da Índia, depois uns gatinhos nascidos na véspera [...]³³²

E em *Um segredo de família*:

³²⁷ CARVALHO, 2008, p. 188-195.

³²⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

³²⁹ FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009.

³³⁰ Primeiro amor de Emílio, o protagonista do romance. No enredo os dois acabam se separando e a jovem fica doente e morre após esperar anos pelo reencontro com o amado.

³³¹ Casa-se com o protagonista do romance, Anastácio Dias, através de um arranjo combinado entre ela e seu pai.

³³² FREITAS, 2008, p. 14.

[...] Ângela, da janela, me mostrou o jardim e prometeu-me mostrar seus canteiros de flores prediletas e os seus viveiros de pássaros. Declarei-me um amante apaixonado pelas aves e pelas flores. E quando ela me falou da sua cadelinha, Nini, eu confessei-lhe que era doído pelos cães. Ângela estava encantada. Eu estava louco. [...]³³³

Nos trechos apontados, a relação construída entre a mulher e o lar é apresentada de maneira que o feminino acaba se espalhando por todos os cantos do espaço doméstico. No ambiente moderno, as atividades realizadas no lar tendiam a ser atravessadas pela personalidade feminina e esta, por sua vez, era discursivamente sugestionada a demonstrar aptidão para o ato de agradar e receber com amabilidade.³³⁴ Nesse sentido, a mulher construiria um papel social, que tinha entre suas atribuições saber como envolver os membros da família, enriquecendo os laços estabelecidos e quando necessário, abrir as portas para aqueles que mereciam ser recebidos no lar, preservando, dessa maneira, a relação de intimidade da família.

Ainda sobre as passagens dos romances mencionadas anteriormente, duas considerações devem ser enfatizadas. A primeira delas está relacionada ao próprio mundo íntimo que as jovens mulheres apresentam empolgadamente a seus pretendentes: quando elas expõem esse espaço constituído pelo quarto de dormir, pelo oratório, pelos álbuns de família e pelos animais de estimação estão, na realidade, apresentando uma recente conquista feminina. Até algumas gerações anteriores, a habitação tradicional obedecia a uma forma de organização doméstica marcada pela simplicidade e pela rusticidade, na qual o envolvimento do feminino estava cerceado principalmente por atividades relacionadas com a manutenção da família, em outras palavras, com a criação dos filhos e com os demais afazeres domésticos.

As obras ficcionais mencionadas apresentam mulheres que ainda estavam envolvidas com o espaço social da casa, mas que já tinham uma rotina com menos obrigações domésticas exaustivas. Pelo contrário, as atividades executadas pelas mulheres representadas no conjunto literário analisado são descritas em tons harmônicos, sugerindo a ideia de que a felicidade atravessava as ocupações diárias efetuadas dentro do lar, com revezamento entre as obrigações domésticas e as formas de lazer, promovidas por essa mudança dos costumes. Os

³³³ FREITAS, 2009, p. 26.

³³⁴ Segundo Vânia Carneiro Carvalho “A síntese corporal entre a mulher e os objetos domésticos acontece de uma forma específica, diferente da masculina, e que denominamos ação centrífuga. Essa forma diferenciada de interação implica funções igualmente diferenciadas para a mulher no ambiente doméstico. A presença feminina está em cada objeto da casa, não apenas na manutenção, mas no arranjo dos objetos no espaço, nas matérias-primas escolhidas, na educação dos empregados.” Ver: CARVALHO, 2008, p. 105.

personagens conduziram a visita dos seus respectivos convidados pelas dependências da casa, ao mesmo tempo em que assinalavam a sua presença dentro do ambiente familiar, assumindo ocupações, como a jardinagem, a costura, o bordado, a decoração, a música e o cuidado com animais de estimação, enfim, atividades que diziam respeito às novas formas de pensar o feminino, que estavam em voga, naquele momento.

E por fim, outro elemento a ser ressaltado, a partir das referidas passagens dos romances, refere-se à construção da imagem da família. Santinha e Ângela quando se apresentavam como boas donas de casa, zelosas e educadas representavam a família em que estavam inseridas. Se as redefinições dos costumes sociais permitiam que a mulher tivesse uma vida mais exposta socialmente, em contrapartida, o feminino estava cada vez mais submetido aos olhares da sociedade.³³⁵ Especialmente as mulheres burguesas assumiam como dever o zelo pela imagem da família e, quando casadas, as suas atitudes respaldavam o esposo frente à sociedade. Por isso, a mulher que, além de desempenhar com desenvoltura as funções domésticas, também demonstrasse capacidade para tornar o lar um espaço social agradável, era definida como a esposa ideal.

As análises das descrições realizadas por Freitas nas obras *O jogador*, *Coisas da vida*, *Memórias de um velho* e *Um segredo de família* ajudaram a entender como alguns cenários eram indicadores de uma nova proposta de vida, que se desejava mais moderna e que, em alguns casos, tentava se distanciar das tradições rurais e patriarcais. A valorização dada ao convívio familiar reforça a noção de que a intimidade passava por um processo de consolidação de seus aspectos, promovendo um ambiente que proporcionava a preservação da individualidade e a redução do distanciamento afetivo entre os familiares.

O lar moderno configurava-se como um verdadeiro santuário para a família e mais uma vez a mulher tornava-se alvo dos discursos modernos para atuar diretamente na construção de um espaço privilegiado da vida íntima e que deveria ser cada vez mais concorrido. Para Vânia Carvalho de Carneiro, “[...] a mulher tornou-se inapta para a vida externa, fora da casa, mas externamente eficiente para educar seus filhos e suprir as carências masculinas. A casa torna-se um refúgio, mas também o lugar onde as forças masculinas desgastadas serão sempre restabelecidas. [...]”³³⁶ De uma forma ou de outra, o espaço íntimo acaba sendo apropriado para reforçar as diferenças entre os gêneros, ao tempo em que discursivamente atribui significados e hierarquiza as relações familiares.

³³⁵ D’INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: D’INCAO, Maria Ângela. (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

³³⁶ CARVALHO, 2008, p. 283.

4.3 Confissão religiosa: a intimidade ameaçada?

Atrelado à privacidade, o sentimento de individualidade aflorou com intensidade no decorrer do século XIX, de uma maneira que se imaginava que os sujeitos se sentiriam livres para fazer suas escolhas, para cuidar de seus destinos. Mas, na verdade, essa liberdade de pensamento e especialmente de ação possuía os seus limites, pois a vontade própria muitas vezes ainda esbarrava nas decisões da família, como vimos no capítulo anterior. A igreja católica frente às transformações sociais, que culminaram com a progressiva consolidação da noção de privacidade preparou estratégias para se fazer presente nessa nova sociedade, sem transgredir totalmente as regras de privacidade, do período. Um exemplo dado pela referida instituição está no sigilo do sacramento da confissão religiosa, que embora constituísse uma forma de vigilância moral, garantia o respeito à intimidade para os fiéis.

Na obra *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*,³³⁷ Ronaldo Vainfas acrescenta que, desde o século XII, a Igreja no intuito de estabelecer o casamento como um sacramento entre duas pessoas, no qual, estas encontrariam a estabilidade, a fidelidade mútua e a sexualidade, permitida apenas, para alcançar o objetivo da procriação, aliado à ideia de prazer controlado, elaborou e promoveu estratégias para viabilizar a disciplinarização do prazer carnal. A partir do momento em que se tornou, ao mesmo tempo, obrigatória e periódica, por intermédio do Concílio de Latrão no ano de 1215,³³⁸ a confissão desempenhou uma função essencial para efetuar a vigilância entre casais, especialmente no que diz respeito à maneira como os indivíduos deveriam conduzir suas relações no leito conjugal, prescrevendo que o sexo não teria razão justificada fora do casamento e que havia uma série de atos permitidos e proibidos, referentes à sexualidade.

Porém, em se tratando de vigilância, o século XIX foi considerado, por alguns historiadores, a idade de ouro da penitência e da repressão.³³⁹ O autorreconhecimento de possíveis transgressões e a necessidade de confidenciar os atos eram proclamados pelos clérigos com a finalidade de salvar a moral familiar de ameaças, como os adultérios, a

³³⁷ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

³³⁸ VAINFAS, 1986, p. 37.

³³⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

corrupção dos jovens e, posteriormente, a ameaça do divórcio.³⁴⁰ Entretanto, a prática clerical esbarrava em discursos de opositores que viam, nesse sacramento, uma forma de perverter os costumes morais. Na verdade, esses embates religiosos entre anticlericais e representantes da igreja católica construíram uma história que pode ser lida, especialmente, na imprensa, na crítica religiosa, nos folhetos e ainda em diversos textos literários que apresentam os debates gerados pela contestação das práticas católicas desde o conturbado período da revolução francesa, face ao início das contestações sofridas pela instituição Igreja Católica Apostólica Romana em diferentes países europeus, durante os séculos XVIII e XIX. O início dessa polêmica, segundo Teresinha Queiroz, no artigo Polêmicas anticlericais,³⁴¹ foi observado no cenário brasileiro, a partir da década de 1870, quando se intensificaram as discussões acerca da secularização do Estado, pois, na perspectiva dos representantes da corrente anticlerical, a Igreja constituía uma influência negativa para a sociedade civil e para a República que estava sendo criada no Brasil.

No Piauí os embates religiosos também se acirraram com o progressivo aumento no número de lojas maçônicas, nas principais cidades, e o lançamento de jornais especializados em combater o pensamento católico, à medida que representantes da Igreja respondiam os ataques, com as mesmas armas através da imprensa local.³⁴² Clodoaldo Freitas estava incluído entre os redatores da imprensa de orientação anticlerical, sendo um dos responsáveis pelo jornal *O Reator* – que circulou em oito edições entre os anos de 1884 e 1902 – além de escrever, ao longo de sua vida profissional, artigos que enfatizavam o uso da ciência para promover o progresso da sociedade, ao tempo em que condenava as práticas católicas como supersticiosas e causadoras de atraso cultural.

A literatura também foi palco dessa polêmica religiosa, apresentando críticas sobre diversos pontos e acusando a igreja católica e seus respectivos representantes de serem contraditórios em seus procedimentos com a população. Nessas obras o mundo da ficção, sugerindo um paralelo com o mundo real, para o público leitor, apresentava clérigos

³⁴⁰ CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 503.

³⁴¹ QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas anticlericais. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 69.

³⁴² Entre os representantes da imprensa anticlerical surgiram: *A Luz* (1901-1908), *O Reator* (1894-1902), *Pátria* (1902-1906), *O Monitor* (1902-1906), *A Imprensa* (1911), *A Notícia* (1912) e *A Notícia* em sua segunda edição (1917). Já entre os representantes católicos temos: *A Época* (1878), *A Cruz*, *O Apóstolo*, *A Cidade de Teresina* (1913). Mais informações ver: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997. p. 123; RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001, p. 71; PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001. p. 114-115.

ambiciosos, glutões, corruptos e lascivos, quando a moral cristã pregava justamente o contrário. Essa literatura divulgada através de novelas e contos publicados na imprensa periódica, folhetos populares e, em alguns casos, através da publicação de romances, como *Um manicaca* de Abdias Neves, avançou até as primeiras décadas do início do século XX registrando uma tendência em rechaçar várias práticas católicas, a exemplo da educação religiosa, do dízimo e de sacramentos como o casamento, o batismo e a confissão auricular. Entre os autores dessa literatura estavam principalmente homens que se declaravam livre-pensadores.

Nos romances *Memórias de um velho*, *Os primos* e *O divórcio*, de Clodoaldo Freitas, são apresentadas situações em que especialmente a prática da confissão religiosa, constitui a principal razão de conflitos conjugais. O debate, originalmente de cunho religioso, acabava se espraiando para outras dimensões nas quais a preservação da intimidade é posta em questão, uma vez que estaria sendo “invadida” pela igreja católica, através dos clérigos. Problematicamos, neste momento do estudo, como Clodoaldo Freitas explicita o tema para apontar de que maneira a referida prática religiosa poderia ferir os princípios de intimidade, o que, por sua vez, era sugerida como uma ameaça ao próprio ambiente familiar.

Como afirmamos anteriormente, a construção de um conjunto literário em torno da polêmica religiosa protagonizada entre católicos e anticlericais envolveu vários homens de letras das duas alas de pensamento. Inclui-se nesse campo de discussões, o literato Abdias Neves,³⁴³ com o romance de costumes *Um manicaca*,³⁴⁴ que traz como tema principal o adultério e a crítica às práticas atrasadas da sociedade católica teresinense. A obra foi escrita entre os anos de 1901 e 1902, a partir do clima anticlerical que vinha se instalando em Teresina, desde os últimos anos do século XIX. Abdias Neves, autor de *Um manicaca*, foi um dos principais representantes do anticlericalismo no Piauí nos anos noventa.³⁴⁵ Desse romance, o que nos importa realçar é a intenção moralista de Abdias Neves, para a composição da referida obra, almejando corrigir os erros morais cometidos por seus personagens, explicitando, na sua narrativa, o caso de um apalermado marido que

³⁴³ Abdias da Costa Neves nasceu em Teresina (PI) no dia 19 de novembro de 1876 e faleceu na mesma cidade em 28 de setembro de 1928. Jurista, político, jornalista, historiador, romancista e poeta. Publicou as seguintes obras: *A guerra do Fidié* (1907), *Imunidades parlamentares* (1908), *Um manicaca* (1909), *Psicologia do cristianismo* (1910), *A elegibilidade do Marechal* (1910), *Autonomia municipal* (1913), *O Brasil e as esferas de influências na Conferência de Paz* (1919), *O Piauí na Confederação do Equador* (1921) e *Aspectos do Piauí* (1926). Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: [s.n], 2003. p. 19-20.

³⁴⁴ Publicada no ano de 1909 a obra é considerada pela crítica literária como o primeiro romance piauiense publicado no estado.

³⁴⁵ MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense: horizontes de leitura e crítica literária*. (1900-1930). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 404.

demonstrava não ter fibra, para enfrentar a traição de sua esposa e de seu sócio – daí o título do romance, posto que *manicaca* significa homem fraco, covarde, comandado pela mulher – e a persistência de costumes ultrapassados – a exemplo do casamento católico, da beatice e dos festejos religiosos – praticados pelas famílias de uma cidade provinciana.³⁴⁶

Abdias Neves e Clodoaldo Freitas faziam parte de um mesmo grupo de homens de letras, que acreditava que o progresso de uma nação poderia ser alcançado através da escrita.³⁴⁷ Para eles, a noção de civilidade estava vinculada principalmente ao ideal de uma sociedade laica, ou seja, fora da influência dita “obscura” e “nefasta” da igreja católica. Mas essa escrita, caracterizada como uma agressão contra os clérigos remete à literatura europeia do século XIX, a exemplo de Michelet,³⁴⁸ Zola³⁴⁹ e George Sand,³⁵⁰ que escreveram livros contendo ofensas contra os clericais e colocando em dúvida a prática da confissão auricular, especialmente.³⁵¹ Certamente, aquelas foram leituras que inspiraram literatos anticlericais brasileiros, como Neves e Freitas, a compor obras de conteúdos semelhantes que faziam prescrições acerca da sociedade que estava sendo observada.³⁵²

As justificativas à rejeição ao sacramento da confissão são abordadas em diversas passagens do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas, mas, para esta análise selecionamos apenas três trabalhos literários, por considerarmos que as falas dos personagens citadas sintetizam mais adequadamente o pensamento anticlerical do qual o autor era adepto. No conto *O divórcio*,³⁵³ o conselheiro Evaristo lembrava com o parceiro de conversa, o Dr. Pedro Caldas, os anos de desavenças que constituíram o seu casamento com Quinoca. Dentre os embates vivenciados pelo casal, o envolvimento da esposa com as práticas religiosas católicas fora o que tivera provocado as mais acaloradas discussões maritais. Eis um trecho:

³⁴⁶ NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

³⁴⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

³⁴⁸ Jules Michelet. Nasceu em 1798, em Paris (FRA) e faleceu em Hyères 1874. Escritor e historiador francês. Obra a consultar: *Sobre o padre e a mulher*. *GRANDE Enciclopédia Delta Larrouse*. Paris: Libraire Larousse, 1979. v.15. p. 4487-4488.

³⁴⁹ Émile Zola. Nasceu em 1840, em Paris (FRA) e faleceu na mesma cidade em 1902. Autor de vasta obra literária foi um dos escritores de grande renome no século XIX. *A conquista de Plassans* (1874) possui como tema o clericalismo na província. *GRANDE*, 1979. v.15, p. 7171.

³⁵⁰ Aurore Dupin. Nasceu em 1804, em Paris (FRA) e faleceu em 1876 Nohant, Indre. Publicou, sob o pseudônimo de George Sand, romances sobre variados temas. *Mademoiselle de la Quintinie*, foi a obra na qual nos referimos acerca da temática religiosa. *GRANDE Enciclopédia Delta Larrouse*. Paris: Libraire Larousse, 1979. v.13. p. 6076; FREITAS, Clodoaldo. George Sand no teatro. *Escritos de Clodoaldo Freitas*. São Luís, p. 128, 1 jun. 1908.

³⁵¹ CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 509.

³⁵² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

³⁵³ FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, 2010, p. 35-45.

[Evaristo] – Quinoca, que tens tu com esses padres? Que te importa que eu ou quem quer que seja os ataque?

[Quinoca] – Me importa muito, porque os padres são representantes de Deus na terra e atacar os padres é atacar a Deus. Importa muito porque quem não é pelos padres é contra a religião e quem é contra a religião é um perdido, não tem moral, é maçom, um bandido.

– Mas este teu ardor em defenderes a esses padres torna-se escandaloso.

– Queres dizer que eu namoro com algum padre?

– Não sei e não quero saber, mas é preciso que acabes com isto, porque já não posso tolerar que, em minha casa, me veja coato a externar-me porque tu, uma mulher sem critério, te pões em oposição a todos os meus pensamentos e desejos. Que há de comum entre tu e os padres?

– Há de comum que eles são os chefes da religião.

– E que tens tu com isto? A primeira religião de uma honesta mãe de família são o marido, os filhos, a paz doméstica. Tu, uma esposa má, como queres ser uma boa devota? Tu és uma amaldiçoada de Deus porque procedes assim.

– Eu procedo assim mal porque não me tenho confessado.

– E nem te confessarás.

– Isto lá, não. Eu vou me confessar agora pela Semana Santa.

– Não te confessarás, a menos que deixes de ser minha mulher. A confissão é uma imoralidade e a mulher que se confessa é escrava do confessor. Tu, que sem te confessares, estás tão fanatizada, o que não serás dominada pela confissão? Não, não te confessarás porque não admito semelhante bandalheira. Desde a hora em que te confessares não serás mais minha mulher.³⁵⁴

O envolvimento feminino com os rituais católicos era uma das grandes preocupações da Maçonaria e, segundo as orientações dessa fraternidade, seus irmãos deveriam contestar a participação de qualquer um dos sacramentos religiosos promovidos pela Igreja, por considerá-los constituídos de grande cupidez e corrupção moral por parte de padres e bispos.³⁵⁵ E repousaria justamente nesse meio, dito deletério, o perigo para a mulher, visto que a mente feminina era definida como algo frágil, movida pelas emoções e, portanto, de fácil influência. Nesse sentido, as interrogações feitas acerca da vida íntima feminina, o que incluiria a relação conjugal e os diversos assuntos familiares, seriam um dos principais incômodos daqueles que se posicionavam contra ao cultivo do referido sacramento. Como as mulheres eram caracterizadas pela fragilidade de suas faculdades mentais, seriam elas as grandes vítimas de padres imprudentes. Para Evaristo, o hábito da esposa Quinoca frequentar o confessionário e insistir na convivência com os religiosos era compreendido como uma

³⁵⁴ FREITAS, 2010, p. 38.

³⁵⁵ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

agressão aos seus princípios, especialmente, a sua autoridade de marido, que estava sendo visivelmente afrontada. Por isso, a insistência nas discussões diárias entre marido e mulher eram justificadas, naquele contexto, como uma forma encontrada pelo esposo de resgatar a ordem familiar abalada pela imaginada intrusão clerical.

Clodoaldo Freitas sugeria que a fiscalização excessiva acerca da intimidade da mulher geraria a maledicência e um mal-estar entre os cônjuges, visto que os padres eram vistos, segundo a concepção anticlerical, como invasores da vida familiar com questionamentos que causariam o constrangimento feminino. No romance *Memórias de um velho*, Milo³⁵⁶ e Guilhermina³⁵⁷ também protagonizam semelhante discussão conjugal, ocasionada por motivos religiosos. Na cena apresentada a seguir, o marido esgota todos os argumentos para debelar as convicções religiosas da esposa que, aos seus olhos, estava se perdendo moralmente, ao se deixar interrogar por homens que possuiriam uma curiosidade inescrupulosa:

[...] [Milo] – Mas tu ignoras aquela impressão funesta, que exerce esse meio deletério, quanto seduzem essas práticas do fanatismo embrutecedor. Depois, aí vem a exigência da confissão essa bandalheira romana, e a mulher, que se confessa deixa de pertencer à família para pertencer ao padre, seu diretor espiritual. Não achas tu, que é uma pouca vergonha, uma indecência, andar um senhora a cochichar coisas misteriosas de sua vida com um homem estranho, que a domina pela fé e pela posse de seus segredos e está autorizado a indagar tudo quanto entender?

[Guilhermina] – Mas todas se confessam e nunca vi uma mulher desonrar-se por isto.

– Tenho visto muitas. Mas não é o fato de todas não se desonrarem no confessionário para eu consentir no escândalo. Desejo, exijo mesmo que te não confesses. Me farás este favor. Em troca deixarei a Maçonaria. [...]

– Mas eu sou católica.

– Não te digo que não sejas. Crê no que quiseres, salvando, apenas, o teu recato. Acho que a mulher, que se confessa, perde a metade do pudor.

– E como combinaremos a minha posição no apostolado?

– Melhor seria que também deixasse o apostolado. Não achas ridículo andarem essas senhoras de faixa encarnada no pescoço, numa exibição teatral, pelas ruas fazendo ostentação devota? Não podes ser crente sem pertencer a semelhante patuscada religiosa, matreiramente explorada pelo clero? Eu temo muito e sempre a intervenção do padre e desconfio sempre da sua intimidade. Quem muito reza e se confessa é por que não tem a consciência pura. E sabes o que querem esses nojentos frades, que tu, e os

³⁵⁶ Protagonista do romance, no enredo atravessa diversas adversidades, se envolve em histórias de amor e sofre a perseguição de um clérigo após defender uma moça que o referido frade tentava estuprar.

³⁵⁷ Primeira esposa de Milo, viviam harmoniosamente até surgirem os conflitos religiosos, por ela ser uma fervorosa católica e o marido membro da Maçonaria.

fanáticos como tu, tem em conta de Deus? O dinheiro dos homens e a honra das mulheres. [...] ³⁵⁸

A fala do personagem explicita o posicionamento de um marido maçom acerca da participação da esposa em atos da igreja católica, apontando o clérigo como o grande vilão da desarmonia familiar. Na verdade, o discurso instiga a construção de uma concepção negativa para os clérigos ao formar a imagem de homens libidinosos e exploradores da ignorância alheia. Na realidade, essa prática discursiva constitui estratégia da escrita anticlerical do período, que visava ridicularizar o clero, promovendo a imagem de padres vis e inescrupulosos, através de sua escrita literária. ³⁵⁹ Seria pouco provável acreditar que a preocupação maior entre clericais e anticlericais estava somente no zelo da moral familiar, inclui-se, também, nessa questão religiosa, a tentativa de legitimar o discurso efetuado por ambas as partes diante da sociedade, posto que esses conflitos têm muito a ver com a disputa das atenções femininas. Nesse caso, a disputa não se restringia a meros conflitos de natureza religiosa entre os cônjuges, mas sim entre os maridos – maçons, como o literato Clodoaldo Freitas – e os clérigos desejosos de arrebanhar mais almas para comandar. A autoridade masculina do chefe da família, que nos textos ficcionais geralmente são representados por homens assumidamente maçons ou simpatizantes da fraternidade, estaria ameaçada pela presença de rivais com grande poder de persuasão para ditar a vida privada das famílias. ³⁶⁰

Dentro do conjunto ficcional analisado, na narrativa *Os primos*, ³⁶¹ o narrador apresenta mais uma vez o tema da confissão auricular como uma forma de violar a honra feminina. No enredo, o personagem Manduca ³⁶² repele veementemente a tentativa da esposa, D. Laurinda, ³⁶³ de aproximar a filha das práticas católicas. Segundo o marido, se a beatice da esposa não tinha mais salvação, a ele sentia-se na obrigação de evitar que a única filha, Miloca, se entregasse aos malefícios causados pelo confessor.

³⁵⁸ FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 70-72.

³⁵⁹ QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas anticlericais. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 79.

³⁶⁰ CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, 1991, p. 511.

³⁶¹ FREITAS, Clodoaldo. Os primos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 159-177.

³⁶² No enredo tenta arranjar o casamento da filha Miloca com o sobrinho Lívio.

³⁶³ Esposa de Manduca ajuda o marido em um plano para casar a filha e o sobrinho, mas em altercações com o esposo por insistir em levar Miloca a igreja e ao confessor.

[Manduca] [...]– O culpado fui eu em consentir que te metesses nessas associações corruptoras das mulheres pelo confessorário e pelo fanatismo. As coisas têm chegado entre nós ao ponto de perderes até o sentimento da maternidade. Como eu não te amo pouco me importo com a tua vida e que te chafurdes no lamaçal das sacristias. Mas sempre te disse e repito: com a Miloca a coisa é outra. Tens carta branca para tudo, porque tu não és nada para mim, a não ser minha mulher segundo a lei. Não pendas, porém, para o lado da Miloca, senão o caldo se derrama e o diabo ficará solto nesta casa. A Miloca é uma menina pura e não precisa de confissão. E falas em padres!³⁶⁴

Desta vez, a questão esboçada está relacionada à educação dos filhos. No romance, Manduca expressava desprezo pela esposa por causa de suas credices e reforçava o seu posicionamento, ao não permitir que a filha fosse criada dentro dos princípios católicos, daí o seu esforço em evitar que a jovem acompanhasse a mãe nos ritos religiosos, tais como as missas e as confissões. Para Alain Corbin, no artigo intitulado *A relação íntima ou os prazeres da troca, a ameaça do sacerdote sedutor, concentrada na concepção antirreligiosa, invadiu a literatura do período para alertar sobre o perigo existente no referido “lamaçal das sacristias”, onde a corrupção imperaria, sem nenhum embaraço, à medida que “[...] Seguro de sua grande sapiência sobre o pecado da carne, o confessor, com suas perguntas em excesso, desperta[va] a alma inocente para as primeiras emoções do vício.”*³⁶⁵ Sendo assim, as jovens seriam vítimas ainda mais frágeis, por não possuírem preparo, para sofrer questionamentos maliciosos e, também, por estarem suscetíveis aos discursos que promoviam o celibato religioso, conduzindo moças destinadas, inicialmente, à formação de uma família, aos conventos – cujo espaços eram também alvos da crítica anticlerical.³⁶⁶

A literatura de Clodoaldo Freitas aponta para a valorização do modelo europeu de definir que a concepção de intimidade e privacidade das relações conjugais estava profundamente ligada aos padrões modernos de família. Nesse sentido, o desejo de adquirir uma individualidade e de constituir o lar como um lugar privilegiado para a vivência íntima, protegidas de interferências externas, constituiu-se como uma das principais metas para aqueles que tentavam se inserir nesses novos princípios de civilidade. Nesse sentido, a formação da noção de vida privada chegou, ao início do século XX, como um modelo que ainda não se encontrava materializada em seu todo, levando a crer que esse ideal de uma vida íntima – o segredo da vida privada – estava ameaçado. Com a intenção de construir um núcleo

³⁶⁴ FREITAS, Clodoaldo. Os primos. In: FREITAS, 2009, p. 166.

³⁶⁵ CORBIN, Alain. *A relação íntima ou os prazeres da troca*. In: PERROT, 1991, p. 510.

³⁶⁶ FREITAS, Clodoaldo. *Uma desiludida*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

familiar integrado às concepções modernas representantes da igreja católica e do anticlericalismo se esforçaram em desenvolver discursos que legitimavam os seus respectivos papéis na sociedade. O resultado pode ser observado na produção literária, da qual, uma pequena parcela foi apresentada neste estudo, que aborda as disputas de poder, presentes na discussão sobre em que se deveria pautar a família na moral católica, representada pelos clérigos, ou na razão, assentada na ciência, como queriam os maçons. Para vencer essa disputa, ambos os lados utilizavam a mesma arma – a escrita – à maneira de cada um:³⁶⁷ ridicularizando o clero, ou chamando os maçons de inimigos de Deus.

As discussões desenvolvidas ao longo deste capítulo revelaram que a privacidade dentro do núcleo familiar caracterizava-se como uma noção recente para o período que compreende a virada do século XIX para o século XX. Os elementos que constituiriam esse ideal discursivo encontravam-se ainda em construção e a escrita literária de Clodoaldo Freitas se inseria entre as inúmeras estratégias discursivas que orientavam o corpo social a atribuir significado para o cenário no qual a instituição família deveria reinar absoluta: a casa. Com o intuito de reforçar os laços de afetividade, variadas formas de consolidar esse modelo de lar moderno eram colocadas em prática, por exemplo: o esforço de confinar os membros da família no mundo interno; de delimitar os espaços da casa, a partir das diferenças entre os gêneros; ou até mesmo de buscar a orientação ideal para proteger moralmente a família. Enfim, independentemente das formas utilizadas para incrementar essa noção de privacidade, o que se sobrepõe a essas práticas discursivas era a importância atribuída à família, bem como o papel que cada um de seus membros deveria desempenhar.

³⁶⁷ CERTEAU, 2005.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo empreendeu uma análise acerca das relações de gênero e das redefinições culturais ocorridas dentro da família nos anos que correspondem à transição do século XIX para o século XX, usando como corpus documental a produção literária piauiense encontrada em jornais, revistas, folhetins e livros. O acervo literário do escritor Clodoaldo Freitas foi tomado como fonte principal dessa pesquisa, a fim de identificar as representações construídas em torno dos papéis sociais idealizados para homens e mulheres. As práticas discursivas observadas apontaram para a tentativa de forjar novas propostas de masculinidade e feminilidade elaboradas, tendo em vista um novo modelo de sociedade moderna, que estava em construção.

Na escrita de Clodoaldo Freitas não foi possível apontar modelos de sexualidade padrão: as mulheres descritas pelo autor, objetos de paixões arrebatadoras e amores furtivos, são apresentadas de diversas maneiras, desde moças ingênuas, doces e apaixonadas a mulheres tolas, medíocres e desfrutáveis. Quanto aos homens, a diversidade também impera, não aparecendo estereótipos generalizadores. Não obstante, a presença de um elenco de personagens que varia entre estudantes cultos e sertanejos idealizados ou atravessados pela degenerescência moral – originada do meio e da raça, teoria legitimada no período em questão – os homens representados na obra de Freitas têm algo em comum: a tendência à valorização da figura do bacharel em Direito. Este é descrito como detentor de uma cultura letrada, que o distinguia do ambiente onde se fixava, se tornando, em alguns casos, o centro das atenções das moças casadoiras, a exemplo de Plínio³⁶⁸ e Carlos,³⁶⁹ protagonistas dos dois romances analisados.

As escritas dos intelectuais, especialmente de Clodoaldo Freitas, revelaram uma redefinição dos modelos de masculinidade e de feminilidade, a partir de discursos ditos modernos, que almejavam instituir uma racionalidade para a sociedade que estava em formação, direcionando a atuação desses modelos de gênero para a esfera familiar, ou seja, no lar. A crescente decadência dos valores da família patriarcal foi observada na literatura, mas sem alterar formas tradicionais de compreender o papel feminino dentro do espaço doméstico, que somente continuava a ser definido como tal, quando ocupava as funções de esposa, mãe e dona-de-casa. Quanto à masculinidade, essa foi analisada a partir de uma relação construída

³⁶⁸ *Coisas da vida.*

³⁶⁹ *Por um sorriso.*

entre autor e obra ficcional, na qual, Clodoaldo compõe personagens e tramas que possuíam íntima ligação com a formação intelectual e com sua postura político-social de abolicionista, republicano e anticlerical, assumida ao longo de sua vida. Não por acaso, o romance *Memórias de um velho*, apresenta elementos que remetem à experiência de vida do próprio autor, o que sugere se tratar, pelo menos em parte, de obra autobiográfica.

Acerca das relações conjugais, estas ainda eram constituídas a partir de arranjos familiares, mesmo com a progressiva valorização do amor romântico. A produção ficcional de Clodoaldo Freitas revelou-se como uma escrita prescritiva quanto às relações amorosas, nas quais, deveria prevalecer um equilíbrio, entre os fatores racionais e sentimentos, no momento da escolha matrimonial, sendo a influência da família um elemento decisivo na escolha do futuro marido ou esposa. Contudo, a vida conjugal poderia mostrar a sua face desalentadora após o casamento, na medida que o casal, em alguns casos, não alcançava o ideal de harmonia, afinidade e afeição mútua entre os cônjuges. Ocorrências semelhantes a essas fermentavam o questionamento levantado sobre o fim da indissolubilidade do casamento – debate intenso entre os juristas no início do século XX – conduzindo para o cenário literário de Freitas, diversos lances que ajudavam a aquecer a discussão sobre a aprovação ou não da lei do divórcio. Nessa perspectiva, o literato abordou o tema defendendo a possibilidade de um segundo casamento como uma nova chance para indivíduos que foram infelizes em seu primeiro matrimônio. A polêmica que envolvia a regulamentação da referida lei inseria-se dentro de uma discussão entre conservadores, representantes da Igreja, de um lado, e anticlericais e simpatizantes do divórcio, de outro, todos colocando a integridade moral da família como grande preocupação da sociedade.

No capítulo final, no qual abordamos os interstícios da intimidade, mostramos que a formação de uma noção de vida privada chegou ao início do século XX como uma ideia que ainda não se materializara por completo. A concepção moderna de privacidade pode ser encontrada como algo desejável na produção literária do período, quando observamos os significados expressos no ambiente doméstico, lugar privilegiado para a vivência das relações familiares e para realçar as diferenças entre os gêneros. Nessa perspectiva, o lar era escriturado como um refúgio para as permanentes ameaças oferecidas pela vida pública, sendo pai, mãe e filhos os principais integrantes desse núcleo purificado das amoralidades e corrupções originadas no mundo externo. As ameaças do mundo exterior deveriam permanecer distantes do espaço familiar.

Ao fim, a pesquisa revelou que qualquer tentativa de generalização sobre o conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas resultaria numa análise reducionista. A escrita desse literato

ultrapassa o objetivo de esboçar uma classificação dos temas que envolvem família, costumes, namoros, tragédias pessoais e adultérios. O estudo desenvolvido ao longo dessas páginas destacou um intelectual que escreveu olhando a sociedade que o cercava, e era para ela que Freitas endereçava seus folhetins diários, elaborando enredos que contemplavam os leitores que tinham no amor romântico seu objeto de predileção ou até mesmo lhes causava assombro, ao tratar de temas tão embaraçosos, como a sexualidade vivenciada fora do casamento – que em muitos casos, culminava com um castigo moral exemplar para a mulher. Clodoaldo Freitas demarcou seu lugar social como produtor de um discurso que buscava visibilidade, sua escrita estabeleceu uma ligação com os anseios de transformação e de legitimação dos comportamentos e dos sentimentos dos indivíduos contemporâneos aos anos iniciais do século XX.

FONTES E REFERÊNCIAS

1 FONTES

1.1 INSTITUIÇÕES DE PESQUISA

Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Biblioteca Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho

Núcleo de Pesquisa e Memória (NUPEM) - Universidade Federal do Piauí

1.2 PERIÓDICOS CONSULTADOS

Borboleta

Andorinha

Pátria

O Piauí

Gazeta

Correio do Piauí

Correio de Teresina

Diário do Maranhão

Litericultura

Revista da Academia Piauiense de Letras

1.3 ARTIGOS PUBLICADOS EM JORNAIS E REVISTAS

A.B. Adorno de mulher. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905, p. 1.

Accácia. Meu amigo. *O Piauí*, Teresina, n. 164, 29 jul. 1926.

C. G. As crianças. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 267, 2 fev. 1906, p. 1.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. A arte de viver na sociedade. *Gazeta*, Teresina, ano 1, n. 32, p. 3, 24 ago. 1905.

CASTELO BRANCO, Cândido Gil. O divórcio. *Litericultura*, Teresina, ano 1, fasc. 3, 31 out. 1912, p. 209-211.

CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

EM PROL da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905. p. 1.

FREITAS, Clodoaldo. Aos domingos. *Pátria*, Teresina, ano 4, n. 263, p. 1, 28 jan. 1906.

FREITAS, Clodoaldo. Os cinemas. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, [São Luís], v. 3, 5 abr. 1908.

O JOGO do bicho. *Correio de Teresina*, Teresina, ano 4, n. 184, p. 3, 2 set. 1916.

NEVES, Abdias. A opinião pública e o divórcio. *Litericultura*, Teresina, ano 1, fasc. 3, 31 out. 1912, p. 200-208.

1.4 OBRAS DE CLODOALDO FREITAS

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Tipografia Paz, 1911.

FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2008.

FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009.

FREITAS, Clodoaldo. *Por um sorriso*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009.

FREITAS, Clodoaldo. Um segredo de família. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 23-44.

FREITAS, Clodoaldo. A iniciação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 75-84.

FREITAS, Clodoaldo. Os primos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 159-178.

FREITAS, Clodoaldo. Queda de um anjo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 195-202.

FREITAS, Clodoaldo. Mãe dolorosa. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 203-212.

FREITAS, Clodoaldo. O divórcio. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 35-45.

FREITAS, Clodoaldo. Os Barretos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 85-101.

FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 111-148.

FREITAS, Clodoaldo. O jogador. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 149-157.

FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e Crítica*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010.

2 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De fogo morto: mudança social e crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste do começo do século XX. *História Revista*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 153-181, jan/jun. 2005.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1973.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

AUZIAS, Claire. Louise Michel. *Verve*: Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo, n. 10, p.101-108, out. 2006.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elizabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. v. 1.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? *Via Atlântica* – USP, São Paulo, n. 2, jul. 1999.

BEVILÁQUA, Clóvis. *Direito da família*. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Livraria Freitas Bastos, 1959.

BOTELHO, Denilson. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. 243 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver na sociedade*. 4. ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Editora, 1909.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História UNISINOS*. São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 85-95, maio/ago, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A casa: lugar de afagos e conflitos. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. (Org.) *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 151-169.
- CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: UNICAMP, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.
- CHAVES, Joaquim. (Mons.) *Obra completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 503-561.
- CORREIA, Luiz de Moraes. *O divórcio*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- COSTA, Mara Lígia Fernandes. *Devires e desvios: discursos, práticas ilícitas e relações de amor das mulheres populares em Teresina. (1900-1920)*. 2007. 107 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2007.
- COSTA, Mara Lígia Fernandes. Pedagogia dos sentimentos: as relações de gênero na obra de Clodoaldo Freitas. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. (Org.) *História e ficção*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 115-130.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. (Dir.) *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Global/ Fundação Biblioteca Nacional/ DNL/Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 1.
- D'INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: D'INCAO, Maria Ângela. (Org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- D'INCAO, Maria Ângela. *Sentimentos modernos e família*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 322-361.
- ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 223-277.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. v.1.

GAY, Peter. *A paixão terna: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v.2.

GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v.3.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, erotismo e amor nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: [s.n.], 2003.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GRANDE Enciclopédia Delta Larrouse. Paris: Librairie Larousse, 1979.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A guerra dos sexos: preconceitos e estereótipos na literatura de cordel (1900-1940). In: NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; GRILLO, Maria Ângela de Faria. (Org.). *Cultura, gênero e infância: nos labirintos da História*. Recife: Editora da UFPE, 2008. p. 77-99.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Universidade de São Paulo, 1985.

HOBBSBAWN, Eric. *A era dos impérios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

IANNONE, Carlos Alberto. A vida de Álvares de Azevedo. In: AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 11-17.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

LAVELLE, Patrícia. *O espelho distorcido: imagens do indivíduo no Brasil oitocentista*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACFARLANE, Alan. Amor e capitalismo. In: MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense: horizontes de leitura e crítica literária. (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p.131-214.

MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. (Orgs.) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 107-127.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de; SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.

MATOS, Maria Izilda Santos de; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan./jun 2007.

MELO, Hildete Pereira de; MARQUES, Teresa Cristina Novaes. Que sejam felizes para sempre! A mulher e seus direitos na sociedade conjugal. Um exame do Estatuto da Mulher Casada de 1962. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 2005, Conservatória (RJ). *Anais...* Niterói: ABPHE/EDUFF, 2005.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NETO, Adrião. *Dicionário biográfico: escritores piauienses de todos os tempos*. Teresina: Halley, 1995.
- NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio-ago. 2008.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ, 2004.
- PEDRO, Joana Maria. (Org.) *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura. 2003.
- PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998.
- QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.
- RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.
- ROCHA, Olívia Candeia Lima Rocha. *Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875-1950*. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n 16, v 2, jul./ dez. 1990.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo. Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMONNET, Dominique et al. *A mais bela história de amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual do século XX*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de; SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan. jun. 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

VIEIRA, Elizabeth Cardoso Rodrigues. *Escrita e sociedade: os homens de letras e suas múltiplas produções*. 43 f. 2010. Relatório (Programa de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori . “A vida como ela é...”: imagem do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 29, p. 399-428, jul./dez. 2007.